

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDUC**

RAFAELLA RANIELLA DA COSTA ANDRADE CABRAL

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO HUMANO A PARTIR DA FALA DE LGBT's EM
FORMAÇÃO**

**Mossoró/RN
2018**

RAFAELLA RANIELLA DA COSTA ANDRADE CABRAL

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO HUMANO A PARTIR DA FALA DE LGBT's EM
FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa.

**Mossoró/RN
2018**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

C117c Cabral, Rafaella Raniella da Costa Andrade
A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO HUMANO A PARTIR
DA FALA DE LGBTs EM FORMAÇÃO. / Rafaella Raniella
da Costa Andrade Cabral. - Mossoró, 2018.
150p.

Orientador(a): Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. condição humana. 2. LGBTs. 3. educação. 4.
formação. I. Barbosa, Joaquim Gonçalves. II. Universidade
do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

RAFAELLA RANIELLA DA COSTA ANDRADE CABRAL

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO HUMANO A PARTIR DA FALA DE LGBT's EM
FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte como um dos pré-requisitos
para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa - UERN

Professor (a): Prof. Dr. Roberto Sidnei Alves Macedo – UFBA

Professor (a): Prof. Dr. Ailton Siqueira de Sousa Fonseca - UERN

**Mossoró/RN
2018**

À minha mãe.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças:

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e o Programa de Pós-Graduação em Educação;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa, proporcionando a dedicação exclusiva à pesquisa;

Aos professores do Mestrado em Educação, especialmente o professor Joaquim Gonçalves Barbosa, orientador deste trabalho;

Ao “trio-maravilha” Davi, Flora e Matheus, sujeitos da pesquisa e parte essencial durante o percurso;

À comunidade LGBT que diariamente luta pelo direito de viver e ser quem é;

Aos meus familiares;

Aos meus amigos;

Ao meu anjo da guarda e protetora Maria Nilda da Costa, pelo apoio incondicional.

“Ser um homem feminino não fere o meu lado masculino; se Deus é menina e menino; sou masculino e feminino.”

Pepeu Gomes

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma reflexão sobre a condição humana dos LGBT's, tendo como pressuposto que cada ser humano é uma instituição para além de sua orientação sexual. Trata-se de um estudo realizado com três jovens - em idade escolar, nível ensino médio/universitários -, por meio de narrativas possibilitadas pela experiência/convivência com os mesmos, tendo como ponto norteador o encaminhamento metodológico proposto pelo jornal de pesquisa e a etnopesquisa. A partir da ótica de Roberto Sidnei Macedo, Edgar Morin, Joaquim Barbosa, João W Nery e Berenice Bento, interpretamos contextos e situações da condição humana, apreendendo o sentido do humano dos jovens pesquisados no transcurso do processo da própria socialização. A principal conclusão a que se chegou o trabalho foi a apropriação implicada das vivências, das marcas e do processo vivido pelos sujeitos em se encontrando, e em se afirmando numa sociedade tão contraditória quanto a brasileira.

PALAVRAS-CHAVES: condição humana; LGBTs; educação; formação.

ABSTRACT

This study aims to present a reflection about the human condition of LGBT's, with the assumption that every human being is an institution beyond their sexual orientation. It is a study made with three young people - school age, high school / college level - through narratives by experience / coexistence with them, having as a guiding point the methodological guidance proposed by the research journal and the ethnological research. From the point of view of Roberto Sidnei Macedo, Edgar Morin, Joaquim Barbosa, João W Nery and Berenice Bento, we interpret contexts and situations of the human condition, learning the human sense of the young people researched during the process of socialization itself. The main conclusion reached was the implied appropriation of the experiences, the brands and the process lived by the subjects in meeting, and asserting themselves in a society as contradictory as the Brazilian one.

KEYWORDS: human condition; LGBTs; education; formation.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
I – A PESQUISADORA E O TEMA	12
II – SOBRE A PESQUISA.....	22
Encaminhamento metodológico	27
III OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	35
Davi	35
Flora	41
Matheus.....	46
IV – VIVÊNCIA COMO PROCEDIMENTO DE PESQUISA	52
A praia	53
A cidade onde moram.....	59
V – A CONDIÇÃO HUMANA E LGBT	64
VI – A DIVERSIDADE, CONDIÇÃO E DIMENSÃO (HUMANA).....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS.....	109
ANEXO	111

APRESENTAÇÃO

A temática se mostra relevante por fazer parte do nosso cotidiano, estando presente em todos os setores da sociedade, o que fortalece a necessidade de discussão, para garantir o respeito aos LGBT's, para que não o fragmente como ser humano e o reduza a uma de suas partes, e principalmente, para que não os matem, pois, vivemos no Brasil, país que mais mata LGBT's no mundo – um a cada 19 horas, segundo estatística apresentada pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), que aponta o ano de 2017 como o recordista de mortes por homofobia, 445 no total, desde que o monitoramento fora iniciado, há 38 anos. Os índices de violência contra LGBT's só tem aumentado, comparado a 2016, o aumento é de 30%. Apesar de muita gente preferir não enxergar isso como uma realidade, e continuar expressando sua negação para tal, quanto mais se falar, debater e reconhecer, mais fortaleceremos e ilustraremos o quão despropositada é a rotulação imposta pela sociedade no que diz respeito àqueles que não atendem aos padrões *heteronormatizadores*, seja de sexo (dimensão física) ou de gênero (dimensão social), quando o que há de maior é a condição humana, certificando a igualdade entre todos os seres humanos.

Há alguns anos venho me aproximando do tema, quando iniciei a vida acadêmica pude aprimorar o conhecimento e dar cientificidade por meio de leituras, pesquisas, disciplinas que cursei como aluna da graduação e atualmente da pós-graduação. O envolvimento aumentou e o despertar agora embasado por teóricos, deu lugar a uma discussão um tanto quanto complexa, apesar de parecer comum: a condição humana dos LGBT's.

Iniciamos a pesquisa para viabilizar este trabalho numa perspectiva de trabalhar as dissidências de gênero na escola, mas, por questões de reorientação e sugestões da banca de qualificação, a problemática passou a ser encaminhada a partir do objetivo de contribuir do ponto de vista social para compreensão de natureza tão relevante e atual considerando a perspectiva do humano e da cidadania, no sentido de aprofundar conhecimento sobre como pensam, como se sentem e como vivem a vida, para além de suas orientações sexuais.

Quanto à metodologia, a primeira ideia foi montar um grupo de jovens (entre 6 e 10, na faixa etária escolar do Ensino Médio, entre 14 e 17 anos), que vivenciassem, sentissem na pele, os impactos nas relações no espaço escolar, devido sua orientação e manifestação sexual. Com esse grupo, tínhamos o propósito de apresentar e solicitar que desenvolvessem seu Jornal de Pesquisa, onde pudessem registrar suas reflexões sobre a vivência da escola, por meio de uma narrativa, mesmo que breve, falando sobre tensões, alegrias... como se viam na escola, que tipo de problema enfrentavam na vida escolar, seja com professor, colegas, ou outros indivíduos da escola - no espaço escolar ou por causa das atividades escolares. Visávamos desenvolver conhecimento sobre esses sujeitos, privilegiando o espaço escolar e as relações que nela ocorrem, dando foco ao ensino médio.

A perspectiva da quantidade de participantes para a formação do grupo seria um total de seis, mas, levando em consideração a possível desistência de alguns, seja por qual motivo for, um deles apontado por Barbosa (2010, p. 66), quando ressalta que “não gostamos de escrever e lidar com o escrito, porque mediante ele mostramos o que somos (e o que não somos e não sabemos, principalmente!)”, ampliamos para dez, assim, caso permanecessem todos, teríamos uma quantidade maior de informações o que enriqueceria a análise. Para completar, era nosso propósito realizar uma entrevista com o grupo, questionando e ouvindo os integrantes a partir de uma provocação-chave, qual seja, a partir de onde se encontram, do lugar de onde veem a vida, como enxergam, definem e compreendem o que é ser humano, que sentido atribuem a condição do ser humano nos dias de hoje.

Como a escrita do jornal de pesquisa se tornou quase impraticável devido às dificuldades apresentadas pelos sujeitos da pesquisa, a ideia passou a ser: criar e explorar a proximidade com o grupo e a partir daí, construir juntos uma narrativa implicada, em que os sujeitos da pesquisa estivessem presentes com suas experiências, suas vivências, suas marcas e sentidos. Assim o fiz. E para produzir bem a pesquisa, me tornei um membro do grupo, formado por Davi, Flora e Matheus, que logo passou a ser composto pelos três e por mim, como pesquisadora, sem, em nenhum momento abdicar do lugar de pesquisadora. Estive entre os pesquisados firmando uma aproximação, participando da rotina deles, abrindo caminho para que eles estivessem à vontade, fomos a campo juntos, construímos

tudo juntos, passamos dias convivendo, inclusive na casa deles, para que então a pesquisa pudesse acontecer da melhor forma. Neste sentido é oportuno reforçar a significação do que é experimentado, vivido, do que é gerado a cada encontro, daquilo que compomos enquanto grupo de pesquisa, fabricando sentidos e lhes concedendo interpretações que vão do ser ao saber, das compreensões aos compreendidos, do que é falado ao que é praticado.

Enquanto nós, como seres humanos, não conseguirmos enxergar claramente a condição humana do outro, considerando que somos todos iguais independentemente da nossa orientação sexual ou de qualquer outro aspecto que não nos coloque entre a 'maioria', continuaremos a contribuir para o fortalecimento de uma cultura de indiferença e de intolerância. É indispensável a reflexão para a compreensão de si mesmo e consequentemente para a compreensão do outro, precisamos de sensibilidade, para perceber que somos sempre 'um outro' para 'o outro', e assim o respeito mútuo poderá preponderar sob a perspectiva da condição humana, levando em consideração apenas sua complexidade e dimensões, conforme Morin (2011, p. 51) explica: "É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão."

O trabalho foi estruturado em seis capítulos, sendo o primeiro tratando de abordagem geral sobre a autora e a identificação com o tema, o segundo um apanhado sobre a pesquisa, o terceiro apresentando os sujeitos, no quarto, aduzimos a vivência como o procedimento de pesquisa, no quinto abordamos a condição humana e LGBT, o sexto e último, tratando da diversidade, condição e dimensão (humana).

I A PESQUISADORA E O TEMA

Fez-se necessário desde cedo que me tornasse uma malabarista na vida, com habilidade para contornar situações adversas, diante de uma situação bastante conhecida no Brasil, em se tratando de construções sociais. Sou mulher – sim, é um rótulo em nosso país, rótulo que carrega um grande volume de responsabilidades, obrigações e atividades, em sua maioria, estereotipadas pelo patriarcado.

O que podemos chamar de “cultura do assédio”, no trabalho ou nas ruas – ou na família, ambiente em que acontece a imensa maioria dos estupros e abusos sexuais -, relaciona-se à condição subalterna das mulheres que – por não poderem competir com os homens e porque não são consideradas seres iguais em direitos – devem servir caladas à violência de taras verbais e físicas. (TIBURI, 2018, p. 61 e 62)

Nasci e vivo em Mossoró, cidade do interior do Rio Grande do Norte, onde muito se fala sobre riquezas, possibilidades, oportunidades, porém, em se tratando de situações reais, é público e notório que as riquezas, possibilidades e oportunidades não são distribuídas por igual, especialmente quando a nossa vivência se dá em bairros periféricos, afastados do centro da cidade, os quais existem demograficamente, mas, estão sempre esquecidos pelos políticos e por isso, permanecem como são. Sabemos que, infelizmente, as circunstâncias e perspectiva de futuro não são tão positivas quanto deveriam. Aliás, nascer pobre, mulher, ou inserido em qualquer outro estereótipo instituído socialmente em nosso país é, acima de tudo, um desafio. As classes opressoras, ao longo da história, tentam sobremaneira, traçar o destino daqueles que fazem parte das classes oprimidas – “minorias”.

Se pudéssemos escolher, provavelmente preferiríamos os privilégios, mas nosso nascimento já nos condena a uma classe social, a uma raça e a outras marcações sociais que não nos permitem escolhas e das quais só nos emancipamos com muita luta. Além disso, as pessoas têm vergonha de estar no lugar de oprimidas. Vergonha de serem mulheres, de serem negras, de serem pobres. Vergonha desses legados de classe em uma sociedade que mede os outros pela cafonice autoritária do “berço”. (TIBURI, 2018, p. 60)

Essa breve exposição é um relato de quem está, desde criança, totalmente ciente disso tudo, e diariamente, segue driblando os desafios para trilhar o próprio caminho e alcançar o futuro arquitetado por si mesma. Sigo assim.

Ainda na infância pude testemunhar de várias formas, disparidades quanto às diferenças sociais, uma delas e talvez a principal, me chamava mais atenção: a educação. Minha vida escolar foi praticamente toda na rede privada de ensino – de início, à custa de muito esforço por parte da minha mãe, que custeou tudo sozinha e depois, através de bolsa de estudos -, enquanto acompanhava situações da rede pública de ensino, por ter uma mãe servidora pública da rede estadual de ensino. Mesmo criança, percebia como a educação era colocada de maneiras diferentes na rede privada e na rede estadual, não sabia naquele momento conceituar, ou definir as diferenças, mas, era desproporcional a maneira pela qual o contexto educacional se apresentava nos dois espaços na época – início dos anos 1990. Depois, em meados, até o final da década citada, e início dos anos 2000, pude experienciar, como aluna da rede pública de ensino, o quão discrepante eram os métodos, a transferência de conhecimento, o sistema, e mesmo o exercício de alguns professores, que, infelizmente, pareciam treinar a nós, os alunos, a sermos sujeitos conformados, aceitando uma condição imposta a quem ali estava, negando-lhe até, o direito de sonhar. A intenção aqui não é apontar culpados, nem fazer qualquer denúncia, mas, apenas retratar uma vivência. E essa desproporcionalidade, abarrotada de diferenças, me incomodou muito na época, fiquei inconformada e logo tive a oportunidade de retornar à rede particular de ensino, porém, o incômodo me acompanhou, cresci questionando o motivo de tanta disparidade, e mais na frente, vieram outros questionamentos, a exemplo: como poderiam concorrer alunos da rede pública e da rede privada de ensino, em nível de igualdade, na busca de uma vaga na universidade? Era inquietante lembrar das oportunidades e do acesso que cada espaço proporcionava aos seus. Mais ainda, por eu ter tido acesso aos dois, conhecendo de perto cada realidade.

Quando as políticas de cotas foram adotadas no Brasil, considerei uma vitória para todos aqueles que estiveram sempre tão distantes das oportunidades. Mesmo podendo ser consideradas um paliativo, na condição de abrandar os pontos negativos que uma base educacional mal realizada podem trazer, as cotas foram uma conquista.

Dentro dessa perspectiva de enxergar os que estavam mais próximos de circunstâncias não-favoráveis, segui o meu percurso. Sim, eu era parte deles, mas, me distanciava de certa forma quando não me encaixava nos requisitos para ser

uma cotista, o que não diminuía em nada, meu desejo de que as cotas seguissem dando certo e abrindo caminhos. Meu manifesto sempre foi de identificação com o outro.

Prestei vestibular e entrei na universidade – passei a cursar pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - e pude testemunhar bem de perto, como as cotas foram buscar, lá onde a esperança chegava tão acanhada, pessoas com o coração transbordando pelo entusiasmo de ver como possível, a realização daquilo que desejavam: estar nos bancos de uma universidade. E foi na universidade que me senti estimulada à, de alguma forma, abordar temáticas voltadas para os grupos apontados como minorias, talvez ainda inspirada pelo incômodo que trazia comigo desde a infância, quando percebia a desproporcionalidade entre os estudantes, que não tinham acesso às mesmas oportunidades. O desejo de produzir uma escrita influenciada pelas diferenças se deu principalmente quando comecei a pensar no tema para meu trabalho de conclusão de curso. Pensei em diversos tópicos, como racismo, inclusão voltada para pessoas com deficiência, até que cursei uma disciplina optativa intitulada “Relações de gênero e sexualidade na Educação” e me percebi em total conexão com o assunto.

Dei início às pesquisas sobre o gênero, a sexualidade, as questões LGBT's, sob orientação do professor da referida disciplina, Dr. Sandro Soares, que orientou o meu TCC. Desde então, sou questionada sobre minha identificação com a temática. Sempre tem alguém interessado em saber o motivo de pesquisar o contexto ou o motivo de “levantar uma bandeira” que “não é minha”. Não é minha, porquê? Pelo simples fato de não ser por exemplo, homossexual? Ser mulher, sensível às necessidades dos outros, discordar das injustiças sociais, me dedicar às lutas de classes, isso já seria suficiente. Mas, numa sociedade em que as pessoas costumam se compadecer apenas com as próprias dores, fica difícil digerir a ideia de que alguém dê “a cara à tapa” sem que seja por interesses pessoais. Na época que iniciei as leituras e passei a demonstrar interesse acadêmico pela temática, me aprofundando em leituras, pesquisas e divulgando na internet, por meio de redes sociais e em rodas de conversas, fui – e continuo sendo - abordada das mais diferentes formas, inclusive o questionamento mais comum é sobre a minha sexualidade.

Eu posso acreditar que sou, de certo modo, essencial e singularmente eu mesma e que estou empenhada em um processo contínuo, e muitas vezes frustrante, de tentar expressar para os outros, por meio da linguagem, tanto a mim quanto a minhas intenções. Mas essa crença, esse senso de individualidade e autonomia é, em si, um construto social, e não o reconhecimento de um fato natural. (...) O que me permite pensar a meu respeito como detentora de uma identidade de qualquer tipo são os vários discursos e seus saberes que produzem e policiam tanto a sexualidade como o gênero. (...) assim como enxergo as cores definidas pelo espectro, percebo minha identidade sexual dentro de um conjunto de “opções” determinadas por uma rede cultural de discursos. (SPARGO, 2017, p. 40)

Por ser mulher, rotulada todos os dias pelo patriarcado e suas crias, percebo ainda esse relativismo da etiqueta que colocam nos LGBT's, levando em consideração apenas o rótulo, nunca as dimensões da pessoa humana.

Se aquelas que chamamos de mulheres representam um “outro” que é marcado pelo sexo e pelo gênero (que são basicamente a mesma coisa, no sentido de serem marcadores de opressão usados para definir mulheres), de um modo que os homens nunca foram, fica claro que assumir o signo mulher sem consciência do que ele significa é um perigo para as mulheres. O mesmo vale para as pessoas com os signos da homossexualidade. O feminismo implica a consciência desse perigo. Ele ajuda as pessoas a assumirem as identidades que lhes fazem bem, que lhes dão sentido e que não podem ser vividas como dívidas. (TIBURI, 2018, p. 22)

Essa necessidade de enxergar o pesquisador como alguém que só busca conhecimento aprofundado sobre o que lhe interessa, faz com que a gente levante uma discussão, sobre por exemplo, os pesquisadores, médicos, cientistas que buscam incessantemente a cura de doenças como a AIDS e o câncer, e não necessariamente são portadores do vírus de uma ou ameaçados de morte pela outra.

A postura autocrítica necessária a toda crítica honesta depende dessa mudança do olhar, que depende, por sua vez, de nossa capacidade de prestar atenção. Essa capacidade não é natural, é construída em processos de aprendizagem que envolvem a nossa própria construção como pessoas. (TIBURI, 2018, p. 23)

O sentimento de pertença que é cobrado de quem assume o papel de pesquisador, não necessariamente diz respeito a uma causa pessoal, o interesse pelas causas e problemáticas talvez não tão íntimas - como quem está de fora poderia descrever -, passam a fazer parte do cotidiano de quem pesquisa e acredita que as causas são um bem comum e responsabilidade de todos, um compromisso social. Nas questões LGBT, há uma tentativa de sempre mostrar que não existe nada de errado com quem tem uma orientação sexual diferente da que é imposta

como padrão, pela sociedade heteronormativa, não há nada de errado ou anormal com quem não é heterossexual.

Da mesma forma que a homossexualidade, que é uma categoria cultural específica, a heterossexualidade deve ter uma história a ser analisada. E podemos até dizer que essa análise é uma necessidade política: qual o propósito e quais os riscos de aceitar que uma identidade homossexual natural e unificada não existe quando a suposição de uma heterossexualidade natural é indiscutível? Os estudos queer a respeito dessa oposição combinam história da sexualidade foucaultiana com a análise textual desconstrucionista. (SPARGO, 2017, p. 36)

Cabe aqui esclarecer sobre o *queer*, termo que traduzido do inglês ao pé da letra significa “estranho”, em outrora fora bastante utilizado para caracterizar negativamente alguém, como forma de ofender ou difamar. Hoje, o *queer* é representativo, caracteriza correntes de pensamentos da comunidade LGBT, fazendo oposição às imposições *heteronormativas*.

No meu TCC, quando da conclusão do curso de Pedagogia, em 2014, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, abordei a transexualidade, no intuito de contribuir para quebrar um pouco os tabus que envolvem aqueles e aquelas que assumiram-se/reconheceram-se transexuais, como forma de esclarecer e tentar diluir ao máximo o preconceito que tanto prejudica e maltrata.

Além da óbvia divisão em que heterossexuais estão dentro e homossexuais estão fora da sociedade convencional, podemos descrever esse movimento dialético na retórica do “sair do armário”, o que sugere limitações como projeto libertário. Declarar-se *fora* do armário da sexualidade escondida pode ser pessoalmente libertador, mas implica reconhecer a centralidade da heterossexualidade, bem como reforçar a marginalidade daquelas pessoas que ainda estão *dentro* do armário. É impossível, em suma, mover-se totalmente para fora da heterossexualidade. (SPARGO, 2017, p. 37)

As discussões sobre a temática LGBT ainda pouco realizadas por se tratar de um assunto repleto de tabus, sofrem todo tipo de retaliação quando são propostas.

A inquietação a respeito do quão apropriado é ensinar temas queer, gays ou lésbicos está claramente ligada ao medo de que o tema possa corromper o estudante. O exemplo mais óbvio desse medo na Grã-Bretanha foi a Seção 28 da Lei do Governo Local de 1988, que proibia a “promoção da homossexualidade” pelas escolas. Embora tal legislação se valesse de uma ideia homofóbica de crianças inocentes (e implicitamente heterossexuais) sendo levadas para o mau caminho, ela também pergunta *como* passamos a enxergar a nós mesmos como gays ou héteros. (SPARGO, 2017, p. 39)

Em todos os ambientes da sociedade – igrejas, supermercados, *shoppings centers*, restaurantes, clubes etc. –, e também na escola, no Brasil e pelo mundo, existem os olhares que vigiam e punem, e assim como na obra do filósofo francês

Michel Foucault (1999), surgem a partir desses olhares inquisidores as prisões, e essas prisões aprisionam pessoas de várias idades, níveis sociais, raças e religiões, que são impedidas de circular livremente por medo de retaliação, que vão de ofensas verbais à agressão física, chegando ao assassinato – essas mesmas pessoas não podem sequer se expressar, seja por meio do diálogo ou de uma vestimenta que não esteja de acordo com o padrão *heteronormativo*, a menos que estejam dispostas a encarar os julgamentos. Na escola, onde os padrões *heteronormativos* são comumente impostos, as percepções a respeito de assuntos ligados a sexualidade, são extremamente ultrapassadas, tanto que, quando se pensou em refletir o mínimo possível sobre gênero nas escolas – tendo como pauta o exercício da cidadania para reconhecer a igualdade entre homens e mulheres -, houve comoção para extinção do projeto que sequer saiu do papel, estamos falando sobre a inserção do “*debate de gênero e orientação sexual*” para implementação no Plano Nacional de Educação (PNE), que estava entre as diretrizes da segunda edição da Conferência Nacional de Educação (CONAE), realizada entre os dias 19 e 23 de novembro de 2014, em Brasília (DF), porém, essa deliberação causou inúmeras divergências, em diversos setores da sociedade, inclusive sendo chamado de “*ideologia de gênero*” chegando a ser vetada em várias instâncias.

Falam em “ideologia de gênero”, por exemplo, embora o termo “gênero” sempre tenha sido o elemento para desmascarar essa ideologia de gênero que é o patriarcado. Por isso, conservadores fundamentalistas precisam atacar gênero e, a partir desse ataque ao seu elemento crítico, fundar a falácia da chamada “ideologia de gênero” que tem feito a cabeça de algumas pessoas. (TIBURI, 2018, p. 74)

O peso da tradição prevalece sempre, contrariando uma formação de alunos questionadores, que deveriam estar cada vez mais próximos e conscientes da dimensão dos horizontes diante deles, e não dessas verdades que são pregadas como absolutas.

E se realmente se faz necessário explicar, me questiono: qual o motivo de manifestar-me em defesa dos LGBT's? Negros também sofrem preconceito. Mulheres sofrem preconceito. Pessoas obesas também são duramente massacradas por não se encaixarem nos padrões de beleza impostos pela mídia, onde o corpo magro é o correto. Existem pessoas que são execradas por causa de sua religião. Tenho consciência sobre essas afirmações e reconheço que os grupos

intitulados 'minorias', precisam de espaço para que suas vozes ecoem, precisam de reforço para dar continuidade à luta pelos seus direitos e o principal deles é: serem respeitados sendo quem são. Quando estava no processo de escrita e pesquisa para a construção do TCC, me questionei da mesma forma, e conclui que as temáticas de gênero e sexualidade, ainda pouco abordadas se faziam necessárias e urgentes diante de fatos expostos pela mídia, e mais grave, fatos não registrados. Ao iniciar a pesquisar, leituras mais aprofundadas, buscas, e consequentemente conhecendo casos em que homens e mulheres de todas as idades sofriam demasiadamente por causa de suas orientações sexuais, que eram expulsos de casa, não recebiam apoio no ambiente escolar, nem no de trabalho, muito menos nas ruas, e passavam muitas vezes a serem marginalizados, sendo obrigados a se prostituir para poder se sustentar precariamente, aquilo tudo mexeu comigo e fez com que, além da urgência de esclarecer, contribuir para desmitificar essa ideia de que LGBT's são doentes, pervertidos, desviados, mal encaminhados, me envolvesse cada vez mais, querendo ir além e fazer minha parte, documentando, dando cientificidade aos meus estudos, me colocando como uma aliada que podia e pode fazer algo por e com eles e elas, estando intelectualmente respaldada. Nunca terei como ser porta-voz ou dar voz aos LGBTs, pois, eles têm a própria voz, e seria de certa forma, uma ousadia, me colocar como uma representante, diante de quem já é representativo por si, mesmo que, infelizmente, enfrentem resistência ao fugir dos rótulos.

Ao mesmo tempo que é preciso lutar pela fala, é preciso permitir a solidariedade entre os discursos que exigem direitos. A solidariedade não poder ser descartada, ao contrário, em certos contextos ela deve até mesmo ser exigida. Ora, o lugar de fala constrói um contexto dialógico. Se luta é um conceito que implica oposição, implica necessariamente o diálogo. A conquista, a defesa de direitos e a ocupação dos lugares de fala não se sustentam fora disso. (TIBURI, 2018, p. 54 e 55)

Ainda sobre a justificativa ao sentimento de pertença com o tema: posso encontrar muitos motivos para me justificar, eles existem, mas, o principal deles, afirmo hoje, é a empatia pela diversidade humana, pelo gênero humano, que reúne todos, defende todos e que nos reconhecemos nele, sem reduzir a vida toda de uma pessoa a uma identidade (sexual), como costumeiramente tem sido feito, é querer mostrar a condição humana de cada um.

Agora, na pesquisa de mestrado para a dissertação, segui para o gênero e a sexualidade na adolescência, levando em consideração e colocando em primeiro lugar a condição humana de todo e qualquer indivíduo, independente de sexo, gênero ou orientação sexual. O objetivo é pôr a condição humana como fator preponderante, afinal, somos todos humanos, em qualquer circunstância que nos encontrarmos, mesmo quando não seguimos os padrões binários e heteronormativos que regem a sociedade.

No contexto do Trabalho de Conclusão de Curso ao finalizar a graduação em Pedagogia, na montagem do projeto para a seleção do mestrado, até a qualificação, eu vinha trabalhando na perspectiva da não-rotulação, do esclarecimento sobre as imposições infundadas da sociedade que dita regras, dita normas de gênero, que considera apenas o binário, o heteronormativo, aquilo que é colocado como “padrão”, definindo como marginal todas as outras orientações. A esse respeito, BENTO, 2008 diz:

Através das performances de gênero, a sociedade controla as possíveis sexualidades desviantes. Será a heterossexualidade que justificará a necessidade de se alimentar/produzir cotidianamente os gêneros binários, em processos de retroalimentação. Os gêneros inteligíveis estão condicionados à heterossexualidade e esta precisa da complementaridade dos gêneros para justificar-se como norma. Há uma amarração, uma costura, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, analisadas como identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisas esquisitas. (BENTO, 2008, p. 45)

A mudança se deu após meu projeto passar pela banca de qualificação e, em consenso com o orientador, decidi realinhar as ideias e passar a debater a questão da condição humana dos LGBT's; ao invés de condicioná-los a sua orientação sexual, passei a colocar em discussão as dimensões humanas. Para possibilitar o redirecionamento deste novo embasamento e produzir conhecimento a respeito, foi necessário o início de novas leituras, além de tempo para amadurecer, aperfeiçoar e tornar a escrita significativa, fundamentada.

E sobre mim, continuo: minha construção social se dá a partir da quebra de padrões, de conceitos, de estrutura familiar bem distante da *tradicional família brasileira*. Criada pela mãe – de quem sou filha única – e com seis irmãos paternos, os quais conheci em fases variadas da vida. Minha mãe teve total influência na minha construção como ser humano, afinal, exerceu o papel de mãe e supriu a falta

de um pai ausente - e a convivência, modo de educar e mostrar o mundo, partiu de uma mulher que talvez não tenha se dado conta na época, mas, estava à frente do seu tempo, com inteira disposição de conquistar não apenas o lugar dela, mas, fazer com que eu entendesse que o meu lugar no mundo também deveria ser conquistado. E ela se esforçou muito para alcançar esse objetivo. TIBURI (2018), comenta sobre sua mãe:

Ela não pôde produzir um projeto de vida para si mesma, pois esteve devotada ao trabalho de criar uma família – marcada, em diversos aspectos da vida, pela precariedade. Por isso é que minha mãe nunca nos incentivou a casar e ter filhos. Irritada e muitas vezes mal-humorada, ela tinha fama de brava – e era mesmo. Não tinha como ser muito alegre. Estava sempre sobrecarregada de trabalho. (TIBURI, 2018, p. 32 e 33)

E essa mulher que foi além, que enfrentou desafios e pessoas, foi forte e se firmou, me mostrou caminhos, conceitos e possibilidades, me mostrou exemplos já vivenciados por ela – alguns que deram certo, outros nem tanto, porém, serviram de experiência – habitualmente, verbalizando, noutros momentos, apenas agindo, sendo ela, sendo exemplo. Disse-me por diversas vezes para jamais fraquejar ou me curvar diante de alguém que quisesse se impor diante de mim, principalmente se essa imposição fosse querendo enfraquecer o meu direito de ser mulher forte. A valorização do conhecimento, da aprendizagem, sempre foi posta em primeiro lugar, minha mãe quis e incentivou com veemência minha dedicação aos estudos, afirmava que por meio dos estudos eu poderia ser ainda mais capaz de lidar com as mais variadas situações. Tiburi também aborda essa questão:

(...) nossa mãe nos mandava à escola. Mesmo sem dizer-se feminista, ela sabia – do mesmo modo que as feministas de todos os tempos sabem – que as mulheres precisam estudar. Que o direito ao estudo é fundamental para qualquer pessoa e também para as mulheres. E que só esse direito pode nos livrar do sistema de violência física e simbólica que pesa sobre quem é marcado como mulher. (TIBURI, 2018, p. 20 e 21)

Na sua competência de mãe, Maria Nilda da Costa instituiu em meu processo educacional o manual para ser forte, e se fazer forte requer muito da gente, para sermos verdadeiramente fortes, temos que nos desconstruirmos quantas vezes for necessário e compreender que a reconstrução faz parte da ação de fortalecimento. Nasci, cresci e fui criada acompanhando como principal expectadora a luta de uma mulher, que deu exemplo, que nunca fugiu à luta e que, acima de tudo, nunca precisou depreciar ninguém para que pudesse se sobressair, muito pelo contrário, sempre agiu em defesa dos outros, dos seus nove irmãos mais novos, dos

sobrinhos e de quem quer que tenha precisado dela. Ao descrever brevemente sua trajetória, falando em força, em renovação, em reconstrução, evolução e ensinamentos, sem esquecer o amor, que é o que sustenta e leva a diante as relações humanas, comprovadamente percebemos que Paulo Freire estava certo quando afirmou que nos educamos em comunhão, mediatizados pelo mundo. Minha educação se deu por meio do rompimento de barreiras e conceitos que responsabilizam única e exclusivamente a escola como lugar de aprendizagem, sem tirar dela a autonomia ou a importância. No processo de aprendizagem houve trocas, houve pessoas essenciais como minha mãe, professores e outras pessoas, houve compromisso com experiências e uma caminhada inspirada na esperança de que o essencial ainda irá acontecer, por acreditar que somos seres em transição, capazes de evoluir sempre.

II SOBRE A PESQUISA

Com o presente capítulo a proposta é apresentar o plano de pesquisa, destacando objetivo, metodologia, como o trabalho havia sido pensado e suas as mudanças, justificativa e enfoque.

Vivemos numa realidade em que a discussão de gênero e sexualidade apresenta-se como urgente e necessária. É sabido que existem inúmeras conjunturas enfrentadas pela comunidade LGBT, no que diz respeito à sexualidade. O preconceito é muito mais presente do que se imagina e se vê todos os dias. Seja em reportagens que trazem em suas manchetes crimes bárbaros como o assassinato duro e cruel de uma travesti cearense espancada até a morte, entrando para as tristes estatísticas da LGBTfobia, ou do jovem mineiro assassinado após marcar um encontro pela internet; seja em noticiários, em ocorrências relatadas em redes sociais, ou por amigos, familiares, conhecidos, todo mundo já ouviu, testemunhou ou foi vítima da homofobia, situação corriqueira no Brasil, que é apontado em inúmeras pesquisas como o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. A homofobia matava uma pessoa LGBT no Brasil a cada 25 horas em 2017, agora, meados de 2018, esse número é ainda mais alarmante, a

cada 17 horas, uma pessoa LGBT é morta em nosso país, única e exclusivamente por ser LGBT. Os dados poderiam ser mais assustadores, não fossem as subnotificações que mascaram tamanha violência.

Diante de informações inquietantes e que escondem números maiores por trás, nos questionamos e procuramos compreender essa sociedade que massacra, degrada, mata e quer dizimar a comunidade LGBT. É necessário debatermos, para esclarecer, para politizar e educar. Essa discussão é uma necessidade social, por levar o outro em consideração, não porque ele é diferente, mas porque é igual a nós.

De início, faz-se necessário “colocar na mesa” que, para nós, a pesquisa é sempre um ato contestado, criticável por consequência. (...) não existe pesquisa incriticável. (...) Crítica, autocrítica e intercrítica são ações de pesquisa que, do nosso ponto de vista, devem estar na constituição de um *rigor outro*, constituído na implicação social e política da pesquisa e na construção desta *com* a diferença. (...) a pesquisa não pode desprezar as contradições. Essas são emergências caras à criticidade. Documentar, compreender contradições e ambiguidades, bem como opinar sobre conflitos, é parte da construção da complexidade das pesquisas qualitativas. (MACEDO, 2009, p. 109)

A exacerbação em torno do discurso da diferença, gera o discurso contínuo de aceitação e inclusão, e se seguirmos assim, estamos admitindo a diferença do outro, colocando-o como símbolo dessa ideia de ser diferente por assumir uma sexualidade que é vista socialmente como não-convencional.

Com essa afirmação iniciamos um processo de reflexão acerca da nossa pesquisa de mestrado, a qual foi construída baseada em experiências anteriores, que deram vida ao nosso Trabalho de Conclusão de Curso ao concluir a graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em 2015 (semestre 2014.2), sob o título “A transexualidade como uma realidade cada vez mais presente no cotidiano cisgênero e a produção de conceitos através da sociedade *heteronormativa* (Desafios para legitimar a identidade de gênero)” e, desde então, me vejo inserida na pesquisa neste universo que envolve gênero e sexualidade, porém, agora, abordando a questão da dimensão humana da pessoa LGBT. A temática da diversidade sexual mostra-se relevante em todos os aspectos, especialmente por estar bastante presente em todos os setores da sociedade, apesar de uma grande maioria preferir não enxergar tal fenômeno como uma realidade, e continuar expressando sua negação, por meio de olhares, palavras e

ações que vigiam, segregam e até punem. Orientando-se pelas leituras de autores que abordam amplamente as questões de gênero e sexualidade, como Bento (2012), Louro (2000), Nery (2011) e Lanz (2017), defendíamos a ideia de fortalecermos as vozes dissidentes, afirmando que o diferente existe, que as pessoas deveriam *aceitar* e *incluir* essas diferenças. Assim, em um primeiro momento, nossa intenção seria seguir no mestrado com a temática de aceitação das “diferenças” e o projeto de pesquisa apresentado propunha estudar a visão de como os alunos LGBT’s da Escola Estadual Abel Freire Coelho se descreviam diante do olhar do outro (professores, colegas, funcionários da escola), no espaço escolar. Para possibilitar tal projeto, assumíamos como proposta metodológica algo que precisava de amadurecimento e ampliação de conhecimento a respeito; defendíamos que seria de cunho qualitativo, com postura aberta e inspirações na Sociopoética, filosofia e prática da pesquisa criada por Jacques Gauthier e Iraci dos Santos, que simultaneamente enfatiza a importância do corpo como fonte do conhecimento, a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem, baseando-se em obras como: “Prática da pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais” (2005) e “O oco do vento” (2012).

No entanto, com as modificações e alterações que aconteceram durante o percurso do primeiro ano do mestrado, sendo a principal delas, a mudança de orientador, e como o próprio nome já diz, o orientador é o norteador, aquele que vai apresentando direcionamentos importantes e imprescindíveis para o desenvolvimento do trabalho e evolução do mestrando, foi possível reorientar o desenho da pesquisa e seus encaminhamentos. E coube nesse norte, inclusive, o silêncio do orientador, que deu liberdade para continuar com a primeira abordagem citada, anteriormente pensada, interferindo minimamente e se distanciando, sem interferências bruscas, que pudessem influenciar na mudança de rumo sobre método e perspectivas.

Com base em um período curto que tivemos juntamente com o novo orientador para construir e dar forma e direcionamento à pesquisa visando a qualificação, apoiamo-nos em muito no trabalho que vínhamos desenvolvendo, leia-se projeto inicial, o que significa dizer que aprimoramos os encaminhamentos e as ideias assumidas até então.

Durante a qualificação, no entanto, surgiram contribuições que consideramos de grande importância, com apontamentos, observações e encorajamento. Foi possível perceber a possibilidade de reorientar o desenho da pesquisa, no sentido de torná-la mais consistente e, acreditamos, mais pertinente no que se refere à contribuição social do trabalho a ser realizado.

*A pesquisa é um campo da práxis social, como tal deve satisfações à sua comunidade e à sociedade com a qual ela se compromete em termos de qualidade e responsabilidade, carregando todas as insuficiências, todos os inacabamentos e conflitos que se espera em qualquer prática humana. Outrossim, como uma *instituição aprendente*, a pesquisa aprende com experiências que não se situam no seu contexto de produção. (MACEDO, 2009, p. 82)*

As transformações durante a construção de uma pesquisa são naturais e enriquecedoras; essas alterações demonstram a evolução da mesma, que inicia com uma configuração, mas que, vai se encaixando em outras formas, de acordo com as práticas da leitura e da escrita, o conhecimento adquirido e as contribuições durante o percurso. Tivemos a oportunidade de repensar a ideia principal que apresentávamos até então, ou seja, a questão das “Dissidências de Gênero na Escola”, como identificá-las no ambiente escolar, discutir a respeito e buscar contribuir com o entendimento do gênero e da sexualidade na escola. Ao invés de apenas tentar reforçar a diferença pela diferença, dando a conotação de concordância com a ideia de que um ser humano é diferente dos outros de acordo com a sua sexualidade. Propomos investir em considerar a importância de construir outra concepção, outra consciência, pesquisando o outro porque ele é igual e há que se mostrar essa condição de igualdade a quem só vê diferença; é possível mostrar a diferença, no entanto, ressaltando que não é maior, mas comum a todos.

Quando a abordagem é feita a partir do “aceite a minha diferença”, ponderamos que aceitar é uma opção por parte de quem aceita, se é dada a liberdade ao outro, de ele dizer se aceita, ele pode aceitar ou não, no entanto, quando é dito que você é igual ao outro, não existe opção, não há escolha, é condição. O que é comum a nós não é opção, é condição.

Para possibilitar o bom andamento da pesquisa, que dá ênfase à problemática apresentada, o encaminhamento metodológico foi construído e fundamentado em conhecimentos adquiridos posteriormente, em novas referências bibliográficas, instruções e direcionamentos.

Levando em consideração as observações dos professores da banca de qualificação, referenciando o Jornal de Pesquisa como uma excelente metodologia para os propósitos da pesquisa, decidimos encaminhar por esta direção. Para Barbosa (2010, p. 25):

Para nós, alunos da escola brasileira, que não temos em nossa tradição educacional o exercício da escrita, e a paixão por ela, o JP se apresenta como instrumento ímpar, como possibilidade de escrita com sentido: trata-se da busca de sentido para aquilo que se aprende; portanto, trata-se de “instituição” de si como sujeito perante a escola.

Iniciamos essas leituras para tomarmos conhecimento do que se tratava o Jornal de Pesquisa em si, e por meio dessas leituras conseguimos ter ainda mais confiança de que o Diário de Pesquisa poderia se constituir em um procedimento muito útil para os objetivos do trabalho.

Nossa ideia de JP não usá-lo como instrumento para aprender a esconder nossas implicações, aquilo que não queremos que os outros vejam, aquelas manifestações psíquicas que se vulcanizam dentro de nós por conta daquilo que estamos interessados. Muito pelo contrário: a questão é, mediante ele, aprender a lidar, a expor, a desdobrar, a jogar com nossas implicações, para que aquilo que produzimos seja uma extensão nossa e vice-versa. Para que tenha sentido. Assim, aprenderíamos a nos ver naquilo que fazemos e poderíamos também exercitar sobre a aprendizagem prazerosa da novidade que é nos vermos no que fazemos, e o que fazemos ser extensão do que somos. (BARBOSA, 2010, p. 36 e 37)

Embora estivéssemos dando ênfase à diferença, entendemos e absorvemos a relevância de focar a condição humana. O texto anterior destacava a diferença, vislumbrando que ela fosse aceita, reconhecida, incluída, contudo, de tanto se repetir esse discurso da diferença, pode-se acabar gerando indiferença. Na tentativa de criar uma coisa, podemos estar criando outra, seu contrário. A diferença pode estar sendo banalizada e nós nos tornamos indiferentes a ela. Além disso, acreditávamos que ao negar o rótulo da comunidade LGBT, estaríamos contribuindo positivamente para isso, mas, como poderíamos fortalecer algo que nós mesmos abordávamos rotulando, colocando-os como gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais etc.? Classificar, nesse caso, é rotular, é descrever a pessoa a partir de sua sexualidade. Ou os vejo como seres humanos ou os vejo a partir da sexualidade que eles assumem; então é rótulo; não posso criticar os rótulos rotulando. Com isso,

pode-se estar criando um aparente paradoxo, ou se argumenta em favor do reconhecimento da diferença, ou se argumenta de que acima de qualquer rótulo, encontra-se o humano que não pode ser reduzido a sua sexualidade. A sexualidade é apenas uma, das muitas formas de se expressar e de se afirmar perante si mesmo enquanto ser humano e perante o mundo.

Trata-se de encaminhar no sentido do reconhecimento da igualdade, de explicitar o humano que somos, independente das nossas escolhas ou formas de expressão da própria sexualidade.

Encaminhamento metodológico

Considerando o explicitado até aqui, para se alcançar os objetivos propostos pela pesquisa cuja questão central é conseguir fazer com que os sujeitos da mesma, evidenciem o sentido do ser humano a partir do lugar onde se encontram, achamos apropriado e optamos pelo uso do Diário de Pesquisa, conforme explica Barbosa (2010): “na ideia de JP, está contida a captura de uma escrita a ser publicada, debatida entre próximos e, num momento posterior, com pessoas mais distantes”.

O JP é uma estratégia adequada para permitir que os sujeitos da pesquisa possam apresentar suas vivências e seus pontos de vista com mais tranquilidade e à vontade, e tais características são importantes para o resultado final do nosso trabalho. Assim, Barbosa (2010, p. 31) coloca: “Sobre a perspectiva do diário, basta ressaltar a ideia de que este serve para registrar um tanto aleatoriamente o dia a dia, sem objetivo maior que não seja o próprio registro e certa tentativa de compreensão de si por parte de quem escreve.”

Nessa perspectiva da condição humana dos sujeitos, Barbosa (2010, p. 33), esclarece “nas ciências humanas o objeto de pesquisa se constitui de sujeitos, o que torna o processo mais complexo quanto ao uso das metodologias e das possibilidades interpretativas”. Levando em consideração o envolvimento de sujeitos na, e com a pesquisa, lembramos Barbosa (2010, p. 47 e 48), quando diz que não é por ter concluído um curso universitário que o autor-cidadão está preparado, é necessário um certo amadurecimento, que em geral leva tempo, pois é elaborado numa ação contínua entre o indivíduo com ele mesmo e com a sociedade, para que

então seja estabelecido sentido em nossas atividades, mais que isso, “atribuir sentido: um sentido que não está pronto, e que não está dado, mas que se constituiu e se forma no interior do sujeito nesse mesmo processo dialético de se fazer sujeito.” Ainda segundo Barbosa, o autor-cidadão é um processo social que possibilita ampliar o termo cidadania.

Diante da nova configuração da metodologia, referenciamo-nos em MACEDO (2016):

Tenho que realçar que uma pesquisa que se abre ao devir deve estar prenhe de possibilidades metodológicas de acolhida cada vez mais sensíveis ao acontecimento. Faz-se necessário saber explorar os fenômenos autogeradores na sua relação com os sistemas heterogeradores, que têm necessidade de incitamentos circunstanciais para desenvolverem-se. (MACEDO, 2016, p. 33)

Assim apresentamos nosso primeiro roteiro – numa pesquisa, as chances de mudança, de alterações e várias edições são reais -, com o qual tínhamos a intenção de trabalhar, para produção de informações por parte dos sujeitos, como se encontram a seguir:

- a) *Montar um grupo de jovens (entre 6 e 10, na faixa etária escolar do Ensino Médio), que vivenciam, sintam na pele, os impactos nas relações vivenciadas no espaço escolar devido sua opção e manifestação sexual;*
- b) *Com esse grupo, iremos apresentar e solicitar que desenvolvam o Jornal de Pesquisa, onde poderão registrar suas reflexões sobre a vivência da escola, por meio de uma narrativa, mesmo que breves, falando sobre tensões, alegrias... como se veem na escola, que tipo de problema têm enfrentado na vida escolar, seja com professor, colegas, ou outros indivíduos da escola - no espaço escolar ou por causa das atividades escolares;*

O propósito seria fazer uma reunião com esses jovens, convidados por nós, para falarmos da pesquisa como um todo, das nossas perspectivas, expectativas e objetivos, e claro, conscientizá-los sobre o procedimento do Jornal de Pesquisa, tendo como base o que Barbosa (2010, p. 55) coloca: “não se trata de anotar tudo que eles veem, mas aquilo que lhes faz sentido, que desperta reflexões ou sentimentos. [...]. Também era proposto que anotassem aquilo que os angustia e os envolve”.

Sobre o critério de seleção utilizado para convidar os integrantes do grupo, como assumimos que o objeto de pesquisa é a forma como o sujeito vivencia o impacto da perspectiva, das atitudes e ações do outro, seja colega, professor, ou outro profissional que atua no espaço da escola. Levaríamos em consideração alunos que estivessem matriculados no ensino médio, vivendo essa condição e dispostos a colaborar conosco, independentemente de estarem cursando na mesma escola.

Visávamos desenvolver conhecimento sobre esses sujeitos, privilegiando o espaço escolar e as relações que nela ocorrem, dando foco ao ensino médio, com alunos nessa faixa etária escolar, ou seja, adolescentes entre 14 e 17 anos.

A perspectiva da quantidade de participantes para formação do grupo seria um total de 6, mas, levando em consideração a possível desistência de alguns, seja por qual motivo for, um deles apontado por Barbosa (2010, p. 66), quando ressalta que “não gostamos de escrever e lidar com o escrito, porque mediante ele mostramos o que somos (e o que não somos e não sabemos, principalmente!)”, ampliamos para dez, assim, caso permanecessem todos, teríamos uma quantidade maior de informações o que enriqueceria a análise.

- c) *Para completar, era nosso propósito realizar uma entrevista com o grupo, questionando e ouvindo os integrantes a partir de uma provocação-chave, qual seja, a partir de onde se encontram, do lugar de onde veem a vida, como enxergam, definem e compreendem o que é ser humano, que sentido atribuem a condição do ser humano nos dias de hoje.*

Desta forma, com esta reorientação e replanejamento da pesquisa, a proposta é colaborar numa perspectiva social para o entendimento de um contexto fundamental e presente, levando em consideração a expectativa humana e cidadã de cada indivíduo (colaborador), percebendo e se aproximando do pensamento, do sentido, da vida que levam, indo além de suas orientações sexuais.

O momento, enfim, é a experiência singularizada numa duração. A teoria dos momentos é uma tentativa de pensarmos, por exemplo, como transformar o momento narrado, refletido, num acontecimento heurísticamente fecundo. Podemos dizer que o momento pensado/refletido

dessa perspectiva é um dispositivo analisador e revelador do acontecimento. (...) Como o cotidiano, o instante é vivido. O instante presente, em contínuo devir, sintetiza pluralidades vividas mergulhadas nos acontecimentos. Habita o aqui e agora irrecuperável. A matéria-prima do instante está na vida cotidiana, sua fugacidade, sua superficialidade, sua efemeridade, sua rapidez não contabilizada. (MACEDO, 2016, p. 37 e 38)

Por fim, pensávamos na proposta anterior a apresentação de um glossário, com significados de ‘termos’ bastante utilizados quando o assunto se refere à sexualidade, mas, ainda pouco disseminados, ou por diversas vezes colocados de forma equivocada; no glossário constava: homofobia, gênero, orientação sexual, *heteronormatividade*, o conceito da própria sexualidade e mais outras cinco diferentes expressões; contudo, ao invés de um glossário apresentamos tais conceitos no decorrer do próprio texto.

Meu primeiro desafio nessa nova fase da pesquisa seria localizar esses adolescentes interessados em auxiliar/colaborar com a investigação, primeiro, porque talvez de cara não fosse uma atividade convidativa para eles, e que ainda por cima tomaria tempo, já que os diários deveriam ser escritos; a segunda coisa que me atormentava era como abordá-los, já que precisaria de adolescentes LGBT’s. Através das redes sociais na internet, consegui uma colaboradora - uma jovem envolvida e interessada nos debates LGBT’s – após apresentá-la minha ideia, a metodologia utilizada (Diário de Pesquisa), ela concordou em me auxiliar e convidou 12 amigos para fazerem parte do grupo pesquisador. Ela criou um grupo no aplicativo *whatsapp*, afim de facilitar a comunicação; criado o grupo, apresentei-me virtualmente a eles/elas – os 12 jovens que se colocaram à disposição para escreverem suas experiências nos diários - e logo em seguida enviei umas instruções simplificadas para a escrita dos diários que eles iriam iniciar. Essas instruções/orientações direcionavam que eles/elas poderiam escrever à vontade, sem se preocupar com possíveis erros ortográficos, que escrevessem no computador, pois não hora de me enviar, caso preferissem retirar algum trecho, o fato de estar digitado facilitaria a ação.

Esses encaminhamentos foram enviados para o orientador e só após o seu “ok”, foram repassadas para o grupo. Interagindo com os integrantes do grupo, não senti muita firmeza nos pretensos escritores e escritoras, ao ler alguns comentários, alguns deles deixaram claro que esperavam algo diferente do apresentado, pareciam estar mais interessados em algo com mais movimento, tipo rodas de

conversa ou algo semelhante. Quando falei na escrita de diários, não pareceu animar. Fiquei a me questionar (mesmo que precipitadamente) se dali iria colher as informações das quais necessitava, pois, alguns falaram que já fazia tempo que havia concluído o ensino médio, enquanto uma menina disse que nunca havia sofrido *bullying* por causa de sua condição LGBT; outro integrante do grupo reclamou que “as instruções” eram muitas, o que tornava o texto que enviei extenso e ele não estava disposto a ler naquele momento, enfim, observações naturais, aliás, se estamos lidando com ser humano, é necessário estarmos preparados para críticas, transformações, sugestões. Mesmo ciente da espontaneidade dos adolescentes, quis desanimar, mas, levei em consideração que estava lidando com pessoas de uma faixa etária em que é inerente esse tipo de comportamento ao seu perfil. Todavia, fiquei sim, reflexiva e bem apreensiva, pois, o grupo que deveria ter me trazido um pouco mais de calma e esperança de que a pesquisa fosse fluir, me trouxe preocupação. Os dias se passaram e fui mantendo o contato virtual, tentei por três vezes marcar um encontro pessoalmente, mas, não deu certo em nenhuma das vezes, pois todos(as) eles(as) apresentavam dificuldades para chegar/estar no encontro; contudo insisti, fiz várias sugestões, mas, apenas um ou dois integrantes do grupo se mostravam de fato empolgados com o encontro pessoalmente, que por sinal nunca aconteceu. O intuito do encontro era, além de tudo, para nos conhecermos: eu a eles, eles a mim e eles entre si, já que alguns não se conheciam.

Entre minha primeira conversa com a garota colaboradora, que vou chamar de Lua, nosso encontro e a criação do grupo, fiz contato com outro possível colaborador da pesquisa, Davi. Soube que ele estava morando em outra cidade, distante aproximadamente 150km de Mossoró e, ao contrário do que eu tinha pensado no começo, de ficar constrangida em convidar – pelo fato de fazer referência à pessoa LGBT -, o abordei virtualmente e perguntei se ele teria interesse em colaborar com a minha pesquisa, aproveitei e já perguntei se uma amiga dele - que eu não conhecia pessoalmente, mas, que acompanhava o relacionamento de amizade muito próxima, pelas redes sociais -, que se chama Flora, também não teria interesse, ele se mostrou extremamente feliz com o convite, disse sim prontamente, que era uma honra, e já foi dizendo que iria conversar com Flora a respeito. Entre um convite, uma conversa e uma expectativa de novos rumos, em orientação com o orientador falei tanto do grupo de *whatsapp*, quanto do contato que fiz com Davi -

nesse meio tempo nosso contato havia se estreitado, já havíamos nos falado algumas outras vezes, estávamos amadurecendo a possibilidade da colaboração dele e da amiga -, quando fui para essa orientação. Com a sua vasta experiência, o orientador me disse para focar nesse pessoal de outra cidade, que era com quem eu iria conseguir produzir, avançar. Durante a orientação estive apreensiva, pois tinha consciência que ninguém estava escrevendo (os diários), só pelas conversas já dava para perceber, e aquilo estava me deixando cada vez mais preocupada, porém, o professor apenas disse para investir o tempo que fosse necessário em Davi e Flora, mas eu ainda não estava segura de nada. Inclusive, durante essa orientação ele reforçou uma ideia que havia passado pela minha cabeça: ir até a cidade deles, se fosse preciso. E estava muito certa de que faria isso, caso eles não viessem a Mossoró.

Após o encontro, ao perceber o quanto o professor estava acreditando que daria certo com Flora e Davi, fiquei ainda mais preocupada e apreensiva, a angústia oriunda do medo de não dar certo me consumia. Segui tentando manter contato com o grupo de *whatsapp* e os retornos foram ficando cada vez mais difíceis, nenhum dos integrantes havia escrito nada; o retorno mais positivo que tive em algum momento foi apenas de Lua, que disse estar escrevendo, e de alguém mais (um ou dois) que disse que iria iniciar a escrita ainda. Quanto à Davi e a Flora, meu contato era sempre com Davi, porque até então eu não conhecia Flora - a não ser por fotos, postadas nas redes sociais de Davi -, nunca havíamos nos falado nem virtualmente. Davi estava com dificuldade de comunicação comigo porque estava com problemas no aparelho celular, mas, nas vezes que conseguimos contato, mesmo demonstrando total interesse em colaborar, ele deixava *muito claro (nas entrelinhas)* que não havia escrito nada, nem ele, nem Flora. E a angústia sorvendo todo meu entusiasmo. Davi então me comunicou que estaria em Mossoró com Flora para resolverem coisas deles, foi então que marcamos nosso primeiro encontro.

Antes de ir ao primeiro encontro com eles, conversei mais uma vez com o professor-orientador e num consenso, decidimos que, já que ninguém havia escrito o diário, mudaríamos a estratégia: me encontraria com eles, e além de assimilar as experiências, sentindo, percebendo, interagindo, ouvindo atentamente, utilizando-me da *escuta sensível* - gravaria as conversas, e partir daí passaria a escrever suas narrativas.

Barbosa (2010, p. 52) cita a contribuição de René Barbier para a compreensão da “escuta sensível”, dividida em três tipos: “A escuta científica/clínica; a espiritual/filosófica e a poética/existencial. Embora se refira a três tipos de escuta, todas compõem uma escuta única, a qual denomina de “transversal”. A escuta científica/clínica está inserida no que pode ser justificado, argumentado e cientificamente comprovado; a espiritual/filosófica está relacionada ao sentido da vida de cada sujeito, incluindo os valores e intimidades, além de todo o resto que ele acredita fazer sentido; a escuta poética/existencial, é “da ordem do instituinte, da possibilidade criadora do sujeito humano, permite sacudir a estrutura estabelecida”, esboçando um prognóstico do pesquisador “como criador poético e provocador de desarranjo na consciência instituída do grupo.” E enfatiza: “Nem é preciso reafirmar o quanto a prática do JP se apresenta fértil nessa produção-construção de si como sujeito que aprende e que elabora informações e, principalmente, que elabora o impacto dessas informações no interior de si.” Barbosa (2010, p. 53)

Quando algo não está dando certo ou não se encaminha conforme havíamos planejado na pesquisa, por via de regra a gente muda o método, sem precisar confrontar métodos ou louvá-los, a perspectiva é seguir explorando em demasia as áreas do conhecimento humano e suas constantes mudanças, sem garantir alcance definitivo, pois, em se tratando de uma produção humana e do ser humano, segundo Macedo (2009), p. 19 e 20, encontram-se “sempre perspectivado e enraizado no passado mais distante, a perder de vista, assim como também se acha sempre em uma condição já dada que o projeta em possibilidades ainda não dadas”, e categoriza que a natureza humana deve ser estudada primeiro, caso queira conhecer a natureza do conhecimento. Assim o fiz. E para produzir bem a pesquisa, me tornei um membro do grupo, até então formado por Davi e Flora, até que conheci o namorado de Flora, um garoto transexual chamado Matheus, e então o grupo passou a ser composto pelos três, enriquecendo ainda mais toda a experiência. Estive entre os pesquisados, que constituíram-se como colaboradores, firmando uma aproximação, participando da rotina deles, abrindo caminho para que eles estivessem à vontade, fomos a campo juntos, construímos tudo juntos, passamos dias convivendo, inclusive na casa deles, para que então a pesquisa pudesse acontecer da melhor forma.

É preciso realçar que compreender já é uma atividade inerente à própria existência, como tal, é ação, e, por consequência, é do âmbito da *alteração*, da concretude do *Ser*. Uma das origens da palavra *compreensão* vem do latim *praetenere*. Neste sentido, *compreender é aprender em conjunto, é criar relações, englobar, interagir, unir, combinar, conjugar* e, com isso, qualificar a atitude atenta e de discernimento do que nos rodeia e de nós mesmos, para apreender o que *entrelaça* elementos no espaço e no tempo, cultural e historicamente. (...) Vale pontuar que a compreensão é do âmbito da *experiência do sujeito*. O pesquisador, portanto, não tem acesso direto à compreensão do *outro*. (MACEDO, 2009, p. 87 e 88)

Com a alteração dos procedimentos metodológicos, onde a partir de então, passaria eu a fazer o registro dos acontecimentos e da convivência com os sujeitos, além do diário da pesquisadora, adotei a postura etnográfica – captar o sentido de onde o sujeito habita.

A etnopesquisa-ação proporciona aos meios científicos e acadêmicos uma oportunidade ímpar de transformar com, de aprender com, e de ensinar com, possibilitando que a pesquisa implique-se no social. (...). Para etnopesquisa-ação, os atores sociais constroem teorias, instituem inteligibilidades importantes para se compreender as ordens sociais e intervir de forma partilhada. (...) produzir conhecimento e transformação social numa espiral sem entrada fixa, onde ação e reflexão se imbricam em movimentos partilhados, recursivos, muitas vezes imprevisíveis, orientados por uma ética da responsabilidade, da autonomia e da radicalidade democrática na maneira de implicar conhecimento e responsabilidade humana e social. (MACEDO, 2009, p. 116 e 117)

III OS SUJEITOS DA PESQUISA

Este capítulo é dedicado à apresentação dos sujeitos da pesquisa: Davi, Flora e Matheus. Para Giust-Desprairies (1998, p. 164), o sujeito é o indivíduo em sua relação com os outros na invenção, na conflitualização e na alienação do laço social; uma pessoa experimentando as relações sociais”. Ainda segundo a autora, o sujeito não começa onde termina o ator, há de se construir uma representação do indivíduo, permitindo o surgimento do sujeito no ator, implicado na sua fala e sua experiência, como resultado de “seus entraves, seus conflitos, suas ilusões, seus limites, seus desconhecimentos e duas divisões”.

O que se encontra neste texto são narrativas construídas por meio da convivência com eles, de anotações no diário da pesquisadora e de depoimentos pessoais, além de trechos escritos pelos três, a partir de questionamentos feitos por mim ao término de cada encontro, os quais serviram de base para compor reflexões, enviadas por e-mail posteriormente.

Toda vez que trazer a fala dos sujeitos, elas aparecerão em itálico para identificar que são eles que estão falando. Os nomes das escolas pelas quais eles passaram como alunos foram todos preservados, e os nomes de funcionários, trocados, como forma de manter a descrição.

Davi

Davi hoje se divide entre Mossoró – casa da família biológica, e a casa da família adotada pelo coração. Está cursando o último ano do ensino médio, numa escola pública.

Num de nossos encontros, durante o percurso da pesquisa, para ser mais exata, no encontro que tivemos na cidade em que residem atualmente, no dia 26 de abril de 2018, fiz entre outros questionamentos, a pergunta: “você acreditam em Deus?”, e Davi me respondeu via mensagem, pelo aplicativo *whatsapp*, no dia 30 de abril de 2018, da seguinte forma:

[11:45, 30/4/2018] Davi Edson: tem um link que eu queria que você ouvisse também

[11:46, 30/4/2018] Davi Edson: que eu lembrei muito desse som quando você perguntou sobre o que eu acho que Deus, e eu acho que essa letra aqui fala muito principalmente sobre o meu pensamento

[11:46, 30/4/2018] Davi Edson:

*Desde que eu nasci tô no conflito
Aflito pra saber porque
Com tanta gente que eu podia ser
Eu nasci eu
Perdido entre sentimentos bons
Pequenos delitos e contradições
Entre a luz e o breu*

*Molho o pão no café e levo fé
 Que Deus é preto e fuma cachimbo
 Nasce menino, cresce mulher
 Vira fumaça, não tem destino
 Brinca de roda, roda nos ventos
 Dança na chuva, pois é um índio
 E cai no frevo, dança bale
 No que imagino
 Em tudo o que há, Ele é*

*Mas eu não sou um só
 Não sou só um
 Eu também sou milhões de eus
 Não sou Deus mas sou Eus*

*Pois sou eu quem acredita em mim
 Sou eu quem me explico
 Quando me complico
 Eu mesmo atendo as minhas preces
 Eu mesmo quem ouço
 Os meus próprios gritos*

*Oh, brother!
 Buscando a minha própria conclusão
 Oh, brother!
 Foi Eus quem quis assim
 Oh, brother!
 Eus é Deus dentro de mim... Graças a Deus*

Fonte: <https://m.youtube.com/watch?v=OObysnnaLyk>

Davi se construiu em meio às tempestades, aos vulcões, às enxurradas de dúvidas, questionamentos, imposições, fugindo das caixinhas, das regras, dos padrões... aos 18 anos, carrega consigo uma trajetória marcada pelas descobertas do corpo, da alma, da vida... segue seu caminho.... Os furacões vieram, sacudiram, mas, Davi aguentou firme.

Tentaram moldá-lo, escola religiosa, regras padrões, soldados agindo em nome da moral e dos bons costumes e Davi sempre resistente, sempre resistindo; tentaram doutrinar o pensamento de Davi, não funcionou. Davi compreendeu desde cedo que havia algo além do horizonte e mesmo em dias nublados, com aquela nuvem negra querendo arrastá-lo, tentando dominar seus pensamentos e sua esperança, Davi

não fraquejou... resistiu. Resistência aliás, muito bem representa a caminhada de Davi, resistência sim, venceu as dificuldades, foi de encontro às ideias que quiseram lhe fazer acreditar como sendo universais, procurou por si só, outras vias, outras leituras de mundo, outras pessoas, outras amizades, e até, outra família, a qual ele teve o direito de escolher e chamar de sua, por ser acolhido, compreendido, respeitado, amado... não que ele não tenha sido amado, ou respeitado, ou compreendido por sua família biológica, mas, em determinado momento da vida, viu-se amparado num refúgio onde sentiu-se incluído e essa foi a primeira reviravolta de sua caminhada. O clima nublado e a nuvem negra que pairava sobre sua cabeça, eterna companheira até então, deram lugar a um arco-íris.

Davi parece ser uma pessoa muito reservada, uma pessoa muito tranquila, uma pessoa que prefere o silêncio a embates mais fortes, uma pessoa que se construiu assim, que não foi bater de frente com ninguém, ele não sente essa necessidade, não demonstra urgência por conflitos, nem de bater de frente com ninguém, então foi a impressão que ele passou, de ser mais tranquilo, ser mais calmo e de ter aprendido a ficar em silêncio, a fazer reflexão e autoanálise, como forma de se reconstruir, se entender, desconstruir, se construir quem ele é hoje. Foi em silêncio, procurando e pesquisando - segundo relatos próprios -, para sanar suas dúvidas, no início do seu entendimento sobre o que é ser gente, do não encaixe nas caixinhas que eram os padrões determinados pela sua família, pela sociedade de uma forma geral, e da escola que era o meio social fora da família que frequentava, ele procurou por si mesmo, fez pesquisa, fez leitura, se entendeu, se compreendeu, e ficou lá, “na dele”, se reservou a ficar com ele mesmo, até conhecer Flora e ter com quem dividir de fato a forma como se via, como ele se entendia, a forma como estava ali, a forma como estava disposto, a forma como iria, a partir dali se apresentar para o mundo. Interessante é que Davi só se abriu para o mundo depois que conheceu Flora.

Em concordância com o que explanamos no início do capítulo a respeito das perguntas que serviram de pauta para uma análise pessoal, de cada um dos sujeitos, o trecho a seguir é uma reflexão de Davi, expondo suas ideias sobre a vida, sua construção, sobre ser gente, a publicização da condição LGBT e humana, como lida com a “diferença” e o “diferente”, sobre o outro, a construção da “diferença” e como é e se construiu forte para enfrentar as adversidades.

Cada dia dado, cada amanhecer, toda vez que o sol nasce, é um dia e uma oportunidade nova para fazer a diferença de si para com o mundo e vice-versa, um universo inteiro de oportunidades nos é dado afim de que possamos dar sempre o melhor que temos a oferecer para que assim nos tornemos seres humanos melhores, tirando um aprendizado da experiência de viver cada dia.

Em alguns momentos, agressivo e neurótico, acho que sim, mas isso de forma inconsciente, por não ter uma maturidade de saber lidar com a condição de ser LGBT, além de certos casos de algumas pessoas consideradas “amigxs” terem feito questão de fazer com que eu “me assumisse” em ocasiões em que não estava preparado para lidar com aquilo de mim para com o mundo, estava me preparando para lidar e me entender da melhor forma. Também por não ter tido (antes de Flora e Pérola) uma pessoa que me instrísse melhor sobre o que é ser LGBT, ou alguém com quem me sentisse tão aberto a falar sobre isso de forma tão íntima e pessoal além também da jornada de autoconhecimento, que é como uma busca pelas respostas dos questionamentos que te fazem ser você mesmo. Já que a vida é um ciclo continuo e a cada dia aprendemos sempre coisas novas e amadurecemos melhor para aprendermos a lidar com o mundo, de acordo com a nossa necessidade.

Se reinventar a cada dia é o primordial, é não deixar nenhum dia passar sem tirar dele um conhecimento, independentemente de ser bom ou ruim. Dentro de cada um desses conhecimentos é que aos poucos vai desenvolvendo uma pessoa com anseios, sonhos, desejos e vontades, sabendo sempre aproveitar o melhor de si e para si mesmo.

Apenas de um certo (e curto) tempo para cá, tem sido colocado cada vez mais em pauta a inclusão de ser LGBT, que hoje vem ganhando força principalmente nos meios sociais virtuais, já que é um dos meios mais fáceis de propagar informação, mas é algo que vêm sendo cada vez mais constante, porém muitos ainda não sabem lidar com pessoas LGBT's pois passam a levar esse fato (de ser LGBT) acima da condição de ser primeiramente uma pessoa humana, antes de qualquer coisa.

Sempre sendo imposta a condição de que eu era diferente, principalmente na escola por não seguir o padrão e por sempre buscar a resposta das coisas por mim mesmo, era como se eu fosse um peixe fora d'água e por muito tempo foi difícil de lidar até que chegou o momento em que tive que aprender a lidar com o fato da diferença e acabei por deixar de ver aquilo como uma coisa ruim, passando a ter mais autoconfiança e levando em consideração tudo que é considerado fora do padrão, pensando sempre que é importante mostrar que a diferença existe, está presente e que dentro desta, existe a igualdade de ser, pois todos antes de tudo e de qualquer condição, somos seres humanos.

Existem ainda muitas coisas que segregam o mundo homo, do mundo hetero, além das nomenclaturas e realidades serem totalmente diferentes. Seria fundamental que houvesse primeiramente respeito e empatia dentre ambos para que um pudesse ajudar o outro da melhor forma; já que heterossexuais não sofrem problemas de inclusão/aceitação em nenhum âmbito, deveriam ser ensinados primeiramente (antes de serem ensinadas as segregações) os princípios de bom convívio, baseados no respeito, empatia e da inclusão.

Passando primeiramente a ver o diferente como uma coisa boa, esse é o primeiro passo, muitas vezes essa diferença gera um conflito interno onde geralmente se desenvolve insegurança, partindo desse princípio, deve-se buscar sempre estar bem consigo mesmo e seguro de si para poder estar bem com o mundo, e aos poucos é que se trabalha na sua própria percepção e a forma de como você vê as coisas que lhe rodeiam, quem você é, trabalhando sempre na busca do autoconhecimento.

Nós sempre precisamos buscar nossa força interior dentro de nós, acreditando-se sempre ser capaz. Foi tudo primeiro uma questão de autoaceitação, todos nós temos um diálogo interno conosco, e muitas vezes esse discurso interior se nega a se permitir ser o que realmente somos e partindo daí, deve-se trabalhar nisso, pensando sempre em mudar a posição de pensamento interior para um argumento positivo considerando sempre que você tem o direito e a liberdade de ser quem você é sim, mas é preciso permitir-se desconstruir todos os paradigmas que não lhe deixam aceitar a si mesmo e isso se constrói aos poucos conforme o tempo e a experiência vão ensinando com o determinar dos anos, e a vivência com pessoas que façam bem é algo também essencial, estar perto de quem te permite viver com

o mundo inteiro de mil oportunidades e esteja disposto a te apoiar sempre e fazer as melhores escolhas para si, todo apoio necessário para contribuir sempre em dar o melhor de si próprio para o universo conspirar a favor em fazer uma troca recíproca, já que acredito muito na lei do karma e acho que você colhe o que você semeia; recebemos de volta a energia que emana do ser que somos, pois mesmo com toda a diferença exterior, interiormente todos somos igualmente humanos e dentro dessa condição é nos dada a liberdade de buscar uma maneira de externar o pensamento, e buscar o nosso espaço e a nossa voz na sociedade, mostrar que vivemos e que estamos ali presentes seja através de um cabelo diferente (do corte à cor), seja mediante a forma como estamos vestidos e dentro dessa condição, é que entra o respeito à diferença, seria mais fácil de se construir um bom convívio e uma melhor inclusão e vivências dos LGBT's se a condição mínima necessária para uma boa convivência (que é o respeito) fosse posta mais em prática ao invés das pessoas quererem por fim da força querer interferir na liberdade individual do outro, já que cada um é um ser único e ninguém melhor do que você mesmo sabe melhor de si, de seus anseios e vontades interiores.

Flora

Flora reside em uma cidade pequena do interior do RN, divide o mesmo teto com a mãe, o padrasto, o namorado Matheus e quase sempre, o seu irmão da vida, Davi. Ela está cursando uma graduação à distância em Pedagogia.

Num dicionário com significado de nomes, disponível na *internet*, o nome Flora aparece descrito como: “florida”, por extensão, “repleta de beleza”, “perfeita”. Além de florida e bela, Flora poderia significar também, liberdade. Consultando a palavra “liberdade” no dicionário, foram encontrados, entre muitos, os seguintes significados: “Faculdade que tem o indivíduo de decidir pelo que mais lhe convém”; “Autonomia para expressar-se conforme sua vontade” e ambos os significados correspondem ao jeito Flora de ser, fortalecendo a ideia de que, se tivesse que dar um nome a ela, que não fosse Flora – florida, bela, perfeita -, eu a chamaria de “Liberdade”, pelo seu jeito, pela sua forma de se expressar, pela fala, pela vivência, pelo que Flora é, pelo que experimentou, pelo que me contou, sim, ela é sinônimo de liberdade e poderia muito bem atender por esse nome: Liberdade.

Flora é tão livre que, durante a pesquisa ela expressou seu pensamento oralmente, participou ativamente das vivências, inclusive abrindo sua casa, sua vida, narrando experiências, histórias, apresentou sua família, mostrou-se de forma demasiadamente humana e a partir disso, entendemos o motivo de Flora ser o apoio em forma de amor que Davi (como um irmão da vida) e Matheus (como namorado), deixam tão claro que ela é.

Desprendida e corajosa, Flora parece com a mãe dela não apenas fisicamente, mas, dispensa também à mãe, todo o ensinamento sobre ser dona de si, sobre ser livre, sobre ser quem quiser ser, viver como quiser viver, fazer o que quiser fazer. Aos 18 anos, Flora afirma por meio de suas experiências que até aqui, viveu da forma que achou correta – sendo livre -, sem amarras, sem cobranças, sem rótulos por parte de sua mãe, que é a sua principal referência. O total e dedicado apoio da mãe – apoio familiar, dentro de casa, de uma pessoa que ela ama, fez com que Flora se colocasse para a sociedade de uma maneira forte, com disposição para os enfrentamentos que estavam por vir e que ela, desde então, saberia que viriam. Assumir seu papel humano, para Flora, tem direta relação de investimento do olhar da mãe, que prosperou desde o nascimento, como forma de proteção e ao longo de sua evolução, foi se transformando, não deixando nunca de ser um olhar protetor, mas, que transmitiu e acima de tudo mostrou-lhe que, para construir-se forte, forte precisa ser. E Flora, que cronologicamente iniciou a vida há pouco tempo, tem dado importantes passos em sua trajetória, buscando, acrescentando, juntando, aprendendo e moldando sua forma de pensar, de agir, de ser.

Sobre a relação com o pai, Flora não tem boas recordações e isso faz com que mantenha-se afastada dele e dos seus familiares paternos também. O jeito Flora de ser – cabelo colorido, alargador na orelha, piercing, roupas não padronizadas, orientação sexual divergindo das normas binárias, totalmente desapegada aos rótulos da sociedade heteronormativa – não transmitem satisfação ao seu pai e talvez seja esse, o principal motivo que o levam a não procurá-la em nenhum momento, assim como a família dele, com a qual Flora perdeu o contato há bastante tempo.

Flora viveu boa parte da vida em Natal, depois veio embora para Mossoró com a sua mãe, de quem é filha única, as duas são super parecidas, como já disse, em todos os aspectos. Em seus relatos ela falou de situações que aconteceram com ela

dentro de duas escolas em que estudou, quando residia em Natal, como o período em que só queria conviver com os meninos, se vestir com peças de roupas largas e soltas, conversar sobre temas tipicamente colocados como masculinos, etc. a ponto de ser chamada pela direção da escola e ser “orientada” a ser um pouco mais feminina, ou parecer com suas colegas da época – que usavam “modelitos” valorizando as curvas do corpo, tudo que simplesmente odiava.

Flora diz ter tido fases durante a sua vida. Após esse período que só queria assumir seu estilo ‘*largadona*’, se transformou numa ‘*patricinha*’, inclusive quando chegou a Mossoró, disse estar nessa fase, de cabelo sempre arrumado e maquiagem, até assumir-se novamente um estilo mais ‘livre’. Quando questionada sobre o tempo que cada fase dura ou durou, ela dá uma ideia de seis meses. Atualmente, Flora assume um estilo mais “alternativo”.

Sobre sua vida, Flora relata algumas experiências afetivas, entrando em detalhes a respeito da última - antes de conhecer Matheus -, com uma menina. Segundo Flora, a relação foi bem conturbada, com fortes indícios de uma relação abusiva, onde a menina meio que a manipulava, afastando-a até dos amigos, inclusive de Davi – seu melhor amigo. Flora mostra-se livre em suas escolhas, em sua forma de ver e viver a vida, não parece ser o tipo de garota apegada a detalhes ou a conceitos e faz questão de fazer disso, uma marca bem pessoal.

Ao ouvir os relatos de Matheus, com a ajuda de Davi e da própria Flora, sobre a mãe dela, Pérola, dá para compreender que a criação de Flora não contou com regras, com imposições, nem mesmo conceitos que pudessem podar qualquer desejo que fosse, qualquer vontade de explorar, de ir além, de conhecer.

Pautada pelos questionamentos feitos ao final dos nossos encontros, Flora ilustra sua reflexão sobre vida, pessoas, diferenças, condição humana:

É difícil falar de uma palavra tão pequena, mas com tamanho imensurável de significância. Quando ouço a palavra 'vida', sempre me vêm em mente uma das minhas palavras favoritas: amor. Acredito que devemos nos amar em primeiro lugar para que possamos espalhar o amor pelo mundo, fazendo a vida ter um profundo significado. Citando um grande ídolo meu, Rupaul Andre Charles: "Se você não consegue se amar, como diabos você vai amar outra pessoa?". Eu vejo uma grande

diferença entre existir e viver... eu existo, mas eu faço questão de que cada minuto da minha existência seja vivido da melhor forma possível. Com o passar dos anos, passei a valorizar cada dia que passa, depois passei a valorizar cada hora, conseqüentemente cada minuto, e hoje faço questão de viver em harmonia todo segundo que passa, pois se tenho outras vidas ou não, vivo como se o amanhã não existisse, o que de fato ainda não há, já diria o grande Renato Russo.

Como foi conversado em nossos encontros com Rafaella, nós nos tornamos fortes ao longo de nossas vidas. Mas o que poderia influenciar no fortalecimento de nós enquanto humanos? Em primeira instância, o que mais me fortaleceu como humano foi minha criação, que foi um ponto citado pela mesma. A minha criação teve uma grande influência no meu fortalecimento enquanto humana pois tive muitas pessoas em minha vida que estiveram e estão diretamente ligadas ao que sou hoje e a força interior que construí dentro de mim. Depende de como você é educado e incluído dentro de sua própria casa. Ao meu ver, a criação pode influenciar de forma positiva ou negativa (a mais frequente em nosso contexto onde estamos inseridos no meio LGBTQ+). Acredito que nós, por passarmos a vida inteira ouvindo que somos "diferente", por não seguirmos o que a bíblia diz, naturalmente já criamos uma certa força e maturidade pessoal por situações desconfortáveis e discriminatórias que temos que lidar todos os dias em nossa sociedade. Depende de como cada um lida com tanta homofobia, para alguns é capaz de fortalecer, enquanto para outros fraquejar a ponto de tirar sua própria vida. É um árduo processo de aceitação de si mesmo, depois o mesmo processo dentro de nossas casas, e ainda temos uma sociedade inteira para lidar. Eu me fortaleci muito através desse processo. Porque apesar de que eu tenho a mãe mais respeitosa e acolhedora, passei por muitas situações desagradáveis com outros familiares, e com a sociedade como um todo que é exatamente onde devemos aplicar essa força que adquirimos por esse conjunto de processos e aprender a lidar de forma mais plena possível, pois sabemos de nossos direitos, e sabemos que é tudo sobre o amor.

Apesar de que sou muito bem resolvida comigo, ainda teve um momento em minha vida onde tentei seguir o padrão, momento esse que queria por fim da força ser tratada como uma pessoa "normal" para que me aceitassem sem preconceitos, foi aí onde percebi que eu estava com preconceito comigo mesma, preconceito de ser quem eu era, e não quem a sociedade queria. Durante um tempo, me vi neurótica e

enrustida, nunca agressiva por influências de minha sábia mãe... foi só uma nuvem passageira, pois eu nasci diferente e hoje este é o meu maior orgulho.

Procuro cada dia obter um conhecimento novo, amo a sensação de aprender e poder repassar os meus conhecimentos, o que fez com que eu me apaixonasse por Pedagogia e me sinto realizada pela escolha do curso. Hoje, penso no meu futuro profissional, hoje sei que nada seria sem meus estudos e sem a educação que minha mãe me deu. Sempre me perguntaram o que eu queria ser quando crescer, eu nunca sabia responder e odiava a pressão, mas todos sempre diziam que eu seria professora como a mãe, e eu sempre ia contra enquanto criança pois queria que fosse algo diferente do que todos já previam, mas quanto mais o tempo passava, mais eu descobria uma pedagoga dentro de mim e eu só consigo me apaixonar cada vez mais pela carreira que escolhi para o meu futuro. Além de pensar em mim e na vida que vou ter pela frente, me formo como gente respeitando toda a gente, agindo com empatia e com uma boa educação, até mesmo quando não me tratam como deveria, não me diminuo para igualar ao nível de Zé ninguém, continuo firme e paciente, mentalizando 2 mantras infalíveis dentro de mim: 1º myself is centered (meu eu interior está centrado); 2º na dúvida, sorria.

A publicidade é um meio importantíssimo para nos projetar cada vez mais como humanos acima de gênero. Quanto mais um assunto LGBTQ+ é viralizado em redes sociais, mais o assunto vai perdendo tamanho tabu que ainda existe em pleno século XXI. As novas tecnologias deram uma grande abertura para conscientizar as pessoas sobre como nos sentimos e o que passamos. É uma grande ferramenta para trazer pessoas negadas por suas famílias para nossas famílias LGBTQ+. Muitas pessoas não têm uma pessoa sequer que o aceite e o respeite de forma justa e principalmente, de forma humana. Como já diria a lendária Rupaul: "Nós, como pessoas gays, escolhemos nossa família e as pessoas que estão por perto".

Durante um período de transição entre minha infância para pré adolescência, eu já me sentia diferente por não me encaixar em diversos padrões estabelecidos pela sociedade... o meu cabelo era cacheado e alto, eu usava os fardamentos sempre folgados e não estava nem aí, o meu nome já é diferente por si só, a partir do meu nome eu já pude entender que o "diferente" é aquilo que não estamos acostumados,

é algo incomum, além do esperado; é se destacar por não ser como a maioria, é sobressair entre os demais, é algo que nos chama a atenção... todas essas definições que eu construí sobre o "diferente" eu amo e tenho orgulho, ser ditada como 'diferente' tem os dois lados da moeda, como tudo nesse mundo, mas pra mim sempre levei mais pro lado positivo, eu sempre adorei causar curiosidade e intriga nas pessoas... Abracei o diferente e todas consequências que vêm por fugir o padrão, mas sempre me achei forte o suficiente pra lidar com os diversos preconceitos e discriminações que desde criança estive sujeita.

Sendo completamente honesta, entre meus 15-17 anos eu era revoltada com o heterogêneo e ainda mais tinha virado 'modinha' no nosso meio odiar qualquer um que não fosse viado ou sapatão, e quando eu vejo hoje, olho o tamanho preconceito que existe em nossa própria comunidade LGBTQ+... Em nosso próprio meio existe tanto preconceito que as vezes nem imaginamos. Atualmente, minha mentalidade mudou completamente, eu respeito toda e qualquer pessoa independente de sua preferência sexual ou gênero, eu jamais expresso nenhum tipo de negatividade para os héteros, apenas espero respeito mútuo enquanto humana. Para mim, o 'outro' muitas vezes não nos entendem e não querem entender, mas não devemos expressar ódio ou ranço, se eu não gosto e não me dou bem, apenas cumpro o meu papel como cidadã respeitando o próximo. Engraçado que eu estava refletindo sobre essas perguntas que você nos direcionou, e eu ficava imaginando como poderia colocar em palavras o que eu penso do diferente e do outro, engraçado porque para mim o diferente é o heterogêneo, enquanto para muitos o diferente é o homossexual, então parte muito do ponto de vista de onde e como estamos inseridos, foi muito bom parar pra analisar isso e literalmente botar no jornal. Justamente pelo fato de que cada um tem sua noção do que é diferente para si, devemos pôr a empatia acima de tudo para um sonho de mundo respeitoso e harmonioso... parece impossível, mas todos os dias lutamos para que isso um dia possa se tornar realidade. Já se tornou comum em nossa sociedade sermos tratados como aberração, e assim como tudo nesse mundo, precisamos passar pelo pior para saber reerguer-se da melhor forma possível. Lidaremos sempre com pessoas ignorantes e preconceituosas, por muito baixaremos a cabeça para pessoas que não valhem a pena, mas quando nos encontrarmos finalmente, quando estivermos de bem consigo mesmo, facilitará muito para, conseqüentemente,

ficarmos de bem com o universo. Você não tem que agradar todo mundo. Você tem que fazer com o próximo o que você gostaria que te fizessem, agir com o outro com a simpatia que você quer receber em troca. É importante lembrar de não se deixar afundar por indivíduos mal amados, que tem inveja do quão bem resolvidos somos. Não gosto de ser taxada, não gosto de ser definida como 'isso' ou 'aquilo', gosto de pessoas e de suas energias, gosto de poder amar livremente sem interrogatório incluso.

Matheus

Matheus reside numa pequena cidade do interior do RN, recebe apoio, encorajamento, forças e amor, assim como doa à sua família adotiva, composta por Flora, a mãe e o padrasto dela, e Davi. Ele está cursando uma graduação à distância em Pedagogia.

Nasceu Jadna de Souza Salvino, hoje, aos 19 anos - registrado civilmente – é Matheus Felipe de Souza Salvino.

Existe uma crença que somente ao atingir uma certa idade, as pessoas são capazes de narrar a história de suas vidas de forma poética e enriquecida com muitos acontecimentos. De acordo com esse pensamento, os mais jovens ainda não evoluíram o suficiente para tirar experiência do vivido e servir de exemplo para os outros. Na verdade, a forma de viver, as experiências, o amadurecimento, nada tem a ver com a idade cronológica do indivíduo, mas sim com o aprendizado que consegue retirar de cada lição que a vida lhe concede, tem mais a ver com a ressignificação do que chamamos de obstáculo, do que com o tempo de vida decorrido.

Matheus está no que ele define como transição, já se veste com roupas atribuídas ao sexo masculino, o corte de cabelo é curtinho, demonstra um comportamento também interpretado como masculino – o andar, a postura, alguns trejeitos -, toma hormônios, faz exames periodicamente e afirma ficar esmorecido no dia em que toma o hormônio, mas que isso é característico (efeito colateral), odeia quando passa algum tempo sem tomar e a menstruação aparece, define a chegada da menstruação como um terror e não lida bem com os próprios seios, os quais são disfarçados com faixas - amarradas por cima. Matheus conta que já quase não tem

sensibilidade nos seios, de tanto que já os machucou propositalmente, seja batendo, amarrando com faixas etc.

Ainda sobre Matheus, ele caminha para alcançar duas décadas de vida e tem muita história para contar, já passou por “poucas e boas”, pagando um alto preço por assumir-se quem é, reconheceu-se diante de si como Matheus e colocou-se assim para a sociedade, que sobrecarregada de preconceito, decide corrigir o que vê como fugindo aos padrões heteronormativos, e as consequências disso, ele sentiu na pele, quando foi brutalmente violentado a socos e pontapés na rua, após sair da escola onde estudava na época. A esse ato de fúria, Matheus atribui a um “corretivo”, pois aconteceu no período em que cortou seu cabelo curtinho (“estilo homem”), dando a partir daí início a sua transição – de menina para menino. Essa surra, que lhe machucou física e emocionalmente, pelo ato covarde em si e pela ausência de auxílio, de um “socorro”, foi um dos fatores que o fizeram criar repulsa por Mossoró. Após o ato violento, Matheus desistiu de concluir aquele semestre letivo e no ano seguinte mudou de escola, indo então para uma outra, intitulada por ele como “vale homossexual”, por ter uma presença LGBT forte e atuante, dividida em dois polos: de um lado os LGBT’s, do outro, os heterossexuais e os homossexuais enrustidos - que segundo ele, são mais preconceituosos do que os *héteros* quando são; foi nesta escola que Matheus namorou uma menina, ela o aceitava na condição de menina lésbica, mas, quando ele revelou sua condição de transexual ela não aceitou, e ao término do relacionamento orquestrou uma enxurrada de *bullying* contra Matheus, com várias atitudes pautadas pelo preconceito junto com outros colegas. Matheus não aguentou a pressão, e outra vez desistiu dos estudos. Após a segunda tentativa frustrada de concluir o ensino médio, Matheus recebeu o apoio de uma amiga: Pérola (mãe de Flora), ela o acolheu e o convidou para morar junto com sua família, no município para onde havia se mudado recentemente, cidade que tem valor muito significativo para ele, por aceitá-lo como ele é. Apesar de menor do que Mossoró, um município interiorano, que pelo senso comum seria bem mais difícil a sua aceitação, surpreendentemente demonstrou o contrário, ele se vê muito bem aceito lá e respeitado por todos. Matheus relatou que inclusive, as pessoas da cidade onde vivem hoje, o veem com Flora como um casal “normal”.

No processo de sua aceitação como transexual, que foi difícil para si mesmo por ele mesmo ter dificuldade de se aceitar, Matheus relata ainda uma certa dificuldade em

se relacionar com sua mãe e sua avó, ambas extremamente religiosas – mãe evangélica e avó católica.

Uma novela chamada “A força do querer”, que a emissora Rede Globo exibiu entre os meses de abril e outubro de 2017, trazia em seu enredo a história de uma jovem que se assume transexual e passa então a ser um rapaz, apresentando todas as fases da transição durante a novela e causando muitas discussões entre os telespectadores; esse apelo voltado para a temática LGBT na novela, atingindo o grande público, foi de certa forma, um aliado de Matheus, que chegou para a sua família e disse que o que estava acontecendo com a personagem da novela, era exatamente o que acontecia com ele. Matheus diz que a novela o ajudou nessa etapa de ‘revelação’ para a família.

Sobre a amiga Pérola, Matheus valoriza bastante o cuidado e atenção especial que ela tem com ele, o respeito e reconhecimento a ela por ter lhe dado a mão é algo muito presente em seu discurso, afinal de contas, ele ganhou um novo lar, com uma nova família e uma acolhida que ele jamais esperara receber – pois nem em sua própria casa, com sua família biológica, foi tão bem compreendido e recebera prova tão valiosa de amor. Quando foi relatar sobre o início do namoro com Flora, Matheus comentou que iniciaram “as escondidas” e a sua maior preocupação era contar logo a Pérola, pois, permanecer as escondidas era como uma traição. E tão logo perceberam que o namoro duraria, decidiram por contar, mas, antes disso, Pérola percebeu e ela mesma descobriu o romance, impossível que isso não acontecesse, tamanha é a sintonia deles, e, como era de se esperar, ela deu o maior apoio aos dois.

Após relatarmos brevemente sobre quem é Matheus, com suas próprias palavras ele faz uma reflexão acerca de temas relevantes para a sua edificação como ser humano:

Quando penso na palavra “vida” sinto alívio e temor por viver, já que é tão grande a taxa de mortalidade de pessoas Trans no Brasil (expectativa de vida para pessoas TRANS no Brasil é de até 35 anos). Penso que além das dificuldades normais de viver, a sociedade me joga em um mar com um barco cheio de pedras, sem torcer pelo meu sucesso em sobreviver. Com essa perspectiva, vejo a vida como um mar de possibilidades, onde muita coisa pode acontecer e, cabe a mim remover pedra

por pedra do barco e seguir navegando. Continuo com meu velejando, crescendo e evoluindo para me dar uma vida digna. Estudar pra “ser alguém”, fazer o que gosto, trabalhar pra melhorar meu viver, ter um grande amor, e morrer feliz. É o que penso da vida.

Os olhos de julgamento sempre estiveram apontados para mim, desde a infância fui diferente e cresci agressivo por esse motivo.

Quando tive contato comigo mesmo e me descobri, precisei antes de tudo me desconstruir para me construir e me aceitar humano novamente. Aprender a respeitar a opinião dos outros, saber a diferença entre opinião e preconceito, e o principal que foi desenvolver um respeito geral por todos. A desconstrução para mim virou rotina, todos os dias desconstruo uma coisinha ali, outra cá e tento pensar antes de agir.

Guardo comigo uma frase que me impulsiona: “Sempre que eu lembro do que sou, me recordo mais ainda do que fui”.

Com muita luta, sem respingo de dúvida.

É muito difícil porque o amadurecimento veio muito cedo para mim, perdi uma parte da minha adolescência me lamentando por ser diferente e tal, mas aprendi a usar isso ao meu favor, buscar positividade e depois disso tudo melhorou pra mim.

Estou me formando como gente com positividade, com uma visão esperançosa sobre a vida e a prontidão de lutar sempre.

A publicidade da condição LGBT é marcada pela marginalização diante da sociedade.

Condição humana? Boa parte das vezes nem somos considerados humanos. Quando nos batem, xingam, matam e nos jogam na rua? Somos vistos como degenerados, pessoas fora a parte da sociedade. A luta é real e contínua!

Crescer diferente pra mim foi muito natural, enquanto criança brincava muito (sempre com meus amigos meninos), não tinha a maldade de me ver como diferente.

Mas aconteceu que quando comecei a crescer, formar o corpo, ter idade para namorar e continuei diferente, passei a ser tratado de outra forma, por sempre ser tão fora dos padrões e tudo mais. A partir daí e de outros fatores, que comecei a ter problemas com o peso da diferença.

Realmente ser diferente pesa mesmo, fui e sou muito perseguido por ser, mas hoje sei que o melhor de mim é a diferença e a minha indiferença para os padrões que tentam me encaixar.

Sou diferente e gosto de ser. Não poderiam querer "diferente" de um aquariano, não é? Já deviam esperar kkkk!!

Eu aprendi muito por ser diferente, desde sempre precisei lutar por meu lugar com unhas, dentes, sangue, suor. Me acostumei com a dificuldade que tudo adquire pra mim, embora ainda acredite que um dia a sociedade vai lembrar do significado de Condição Humana, da morte de Dandara e outr@s mil.

E EU preciso acreditar, porque meu destino aos olhos alheios é certo. Eles só esquecem que sou eu quem tenho as rédeas do meu destino!

Vejo o outro como um meu.

Não tenho problema com o outro, na verdade os outros que normalmente tem problemas comigo kkkk.

Tento sempre manter a melhor das relações com todos ao meu redor. Antes eu tinha uma postura mais raivosa, se me atacar eu vou atacar kkkkkkk. Mas atualmente sou muito leve com tudo, estou em paz comigo e isso me permite estar em paz com o outro em geral, mesmo que ele não esteja comigo. Jah blesss!

Não acredito que eu tenha construído a minha diferença. Na verdade, acho que a diferença me construiu!

Tudo que sou e fui, é pela diferença. Nasci diferente, cresci diferente e sou diferente. A partir da diferença me construí humano.

IV VIVÊNCIA COMO PROCEDIMENTO DE PESQUISA

Quando finalmente se delineou a nova proposta metodológica dessa pesquisa, os rumos da temática e quando foram definidos os novos sujeitos colaboradores da pesquisa, ficou definido que abordaríamos a condição humana, a partir de sujeitos LGBT's, ou seja, permanecemos discutindo a sexualidade, mas, com um novo direcionamento, um novo olhar.

Debater a sexualidade colocando a condição humana acima de qualquer rótulo, de qualquer (pre)conceito, distanciando a orientação sexual, como identificação-mor do ser humano e destacando suas dimensões humanas. A abordagem então, pensada anteriormente para ser trabalhada com jovens, seguiu nessa linha e, repensamos a pesquisa de campo, de forma a envolver e comprometer os envolvidos, empolgando-os a estar presente em cada um dos encontros que viriam. Falando em condição humana e sua diversidade, passando pela sexualidade, que envolve o corpo e suas excentricidades, e tendo como sujeitos colaboradores, adolescentes que apreciam a natureza, encaminhamos a priori algumas ideias a serem postas em prática, tão logo fossem divididas com eles e os mesmos aceitassem: realizar nossa primeira reunião-encontro na praia, em conexão com a natureza, com a liberdade, longe de olhares e ouvidos curiosos. Segundo Macedo (2016, p. 46), “o corpo é o lugar no qual se inscreve cada história singular, no qual pensamentos e sentimentos se manifestam em palavras, em imagens”.

Essa conexão com a natureza é algo inerente a minha personalidade, estar em sintonia com o natural me faz bem, me proporciona leveza, cura-me os males e faz fluir a criatividade, a emoção, e aliado a isso, em função da pesquisa, o espírito engajador, de aproximação com os sujeitos pesquisados a cada encontro nosso, para então podermos juntos, explorar essa vivência da melhor forma. Assim, Macedo (2016) coloca:

Sendo uma fonte inesgotável de sentido, a experiência possui um movimento que só é compreendido em “pleno voo”, *en train de se faire*. Como dissemos anteriormente, a experiência não se aplica, ou seja, não se fala dela de fora dela. (...) o experiencial está sempre além do instituído, é (in)tensamente instituinte, portanto, criação incessante. No seu movimento hipercomplexo, a experiência se mostra e se esgueira, ilumina e produz

zonas de opacidade, ligada que está ao acontecer. É na experiência que se dá o encontro irreduzível entre o ser e o saber. Por emergir de maneira (in)tensamente acontecimental, a experiência é um passo, uma passagem. (MACEDO, 2016, p. 46)

Antes do realinhamento, quando a perspectiva metodológica proposta era a Sociopoética, percebi o vínculo por saber que estaríamos lidando diretamente com corpos, os quais iriam falar por si, tendo a natureza como referência, em contato com ela. E como expliquei em relação à conexão, adotando o Diário de Pesquisa, permanecemos acreditando que a espontaneidade dos atos e falas viriam no convívio com a natureza. Possibilitar envolver-se pela natureza, assim sugerimos aos sujeitos-colaboradores, para que todos nós obtivéssemos retorno, um bom resultado, então, planejamos as reuniões-encontros baseados sobretudo nessa ideia de leveza, contato com a natureza, e por esse motivo, queríamos que fosse na praia.

A praia

E assim fiz, no dia 19 de abril, que foi o meu primeiro encontro com Davi, Flora e Matheus, mesmo sendo sugerido de início que fôssemos ao parque municipal, que não deixa de ser um local agradável e também arborizado, proporcionando contato com a natureza, próximo às margens de um rio, chegando lá, colocamos em prática a ideia de irmos à praia, a mais próxima de Mossoró. Então esse primeiro encontro nosso, teve toda essa sinergia, esse encontro de natureza, de mar, e praia, de estarmos numa praia deserta, estarmos à vontade, de não nos sentirmos vigiados, de falarmos à vontade. Esse ponto de a gente estar numa praia deserta, sem ninguém nos observando, proporciona uma reflexão interessante, porque faz com que a gente saia da cena social em si, para refletir, nos analisarmos e colocarmos nossas impressões isoladamente. Porque o que aconteceu quando a gente chegou ao parque municipal foi uma certa intimidação que poderia influenciar na geração de conteúdo: foram os olhares, foram presenças inconvenientes, ou possíveis presenças, que não nos deixaram a vontade, que não deixaram o trio à vontade ou que não deixariam... Então, isso incomodava, e é mais uma prova, mais um sinal de que as pessoas, seus olhares acabam vigiando, julgando, acabam

fazendo uma análise, e não era disso que estávamos precisando naquele momento. Pré-julgamento, isso não faz bem a ninguém, em nenhuma situação, então a proposta de ir a praia resolveu esses inconvenientes, e distantes deles, nos sentimos a vontade, bem mais tranquilos.

Havíamos combinado, eu e Davi, sobre nosso primeiro encontro. Seria, de início, um encontro meu, com Davi e Flora, com quem havia mantido contato e feito o convite para que pudéssemos dar andamento à pesquisa, porém, Davi, em conversa comigo, acertando local e horário, comentou que Flora namora um garoto transexual, e indagou sobre a possibilidade de ele estar conosco no nosso encontro. Vendo nessa informação uma enorme possibilidade de engrandecimento da pesquisa, aceitei de muito bom grado e de imediato, o novo integrante, procurando demonstrar minha satisfação em saber que chegaria mais alguém.

Convidei Davi e Flora para se fazerem colaboradores da minha pesquisa por eles se colocarem como sujeitos LGBT's, dentre muitos outros aspectos, nas próprias redes sociais e no estilo visual – roupas, cor do cabelo etc. -, além claro, de assumirem-se *não-normativos* quanto à sua sexualidade, apresentando uma postura que vai de encontro com o que se caracteriza como “padrão”.

O objetivo, sem dúvida, já no nosso primeiro encontro foi atingido, de a gente estar lá, protagonizando um encantamento que viabilizou uma aproximação mais rápida. Se a sexualidade e a condição humana são intimamente ligadas ao “ser” humano e o humano é parte da natureza, esse contato favoreceu o desenrolar do papo, conseguimos fazer com que a conversa fluísse, construindo uma certa intimidade minha com os sujeitos-colaboradores, e outra coisa, outro ponto interessante de se abordar é a questão do trajeto, como são mais ou menos 40 quilômetros que dividem Mossoró da cidade-praia, ganhamos também, um momento “divã” dentro do carro, enquanto íamos e enquanto voltávamos, conversamos bastante. Na ida, como forma de me apresentar, sem precisar de formalidade, na intenção de fazê-los me conhecer melhor, para que eles soubessem com quem estavam lidando, convivendo, colaborando, e assim, sentirem a confiança necessária para compartilhar comigo suas experiências, vivências a respeito de sua condição LGBT, e principalmente, de suas construções para impor sua condição humana acima de tudo, falei sobre mim mesma, contei um pouco sobre a minha

vida, abordando pontos os quais gostaria que eles abordassem também em seguida, na fala deles, assim, o que eu queria ouvir deles, falei sobre mim, dando ênfase a itens como: minha vida, aceitação, falei como as pessoas me veem por conta da minha temática de pesquisa, falei de relacionamentos, falei de expectativas de estudos futuros, joguei pautas a meu respeito enquanto a gente seguia para a praia, e funcionou porque quando a gente chegou na praia, eles voluntariamente foram falando cada um a seu respeito.

Chegando ao nosso primeiro destino, sugeri que esticássemos um pouco mais o trajeto e fôssemos até um povoado localizado já em terras cearenses, pertencente ao município de Icapuí, já era fim de tarde, mais ou menos 17h, parei o carro próximo ao mar e fomos descalços molhar nossos pés – uma forma de apurar a conectividade... nuvens pesadas davam uma tonalidade escura ao céu, o local da praia onde paramos nesse período do ano, principalmente durante a semana, é deserto, o que garantiu, conforme já esperávamos, paz e tranquilidade. Após os rituais de chegada, quando havíamos quebrado totalmente qualquer protocolo que viesse a existir entre a gente e estávamos papeando, percebi que Davi foi um dos que mais ficou em silêncio, aliás, ele ficou quase o tempo todo em silêncio, sempre dando espaço para Flora e Matheus falarem, então foi uma conversa bastante voltada apenas para eles dois: Flora e Matheus.

Logo que começamos a conversar, ainda em Mossoró, Flora se mostrou disposta a irmos direto ao assunto e formalizar a conversa a partir de perguntas, o que me fez entender que, mesmo interessados em colaborar e tendo me falado – através de depoimento de Davi – que achavam uma atividade interessante, essa de poder contribuir com uma pesquisa de mestrado, com uma temática relevante e de suma importância, ela (Flora), estava esperando algo meio técnico, digamos assim. Não sei se apenas Flora pensava dessa forma, mas, ela foi a única a revelar, mesmo que indiretamente, essa ideia de uma conversa um pouco engessada. Minha intenção sempre foi o oposto: tornar a conversa o mais leve possível. Aliás, essa conversa se deu pelo fato de eu ter percebido que eles estavam com dificuldades de escrever o diário, e então, decidi que eu mesma construiria os registros a partir dos nossos encontros/conversas. Passei a pôr em prática esse encaminhamento.

Quando fiz o convite a Davi e Flora, foi no sentido de que eles escrevessem seus próprios diários, mas, os dias foram passando e eles não iniciaram a escrita, percebendo isso, foi que tive a ideia de eu mesma escrever a partir do que fosse experienciado com eles, do que fosse ouvindo deles. Nesse primeiro encontro, questionei Flora e Davi sobre a escrita dos diários, Matheus, como acabara de entrar no “grupo”, ainda não tinha recebido nenhuma “instrução”. Tive bastante cuidado para que não parecesse uma cobrança, e eles (Davi e Flora) confessaram que não haviam escrito nada e procuraram se justificar, Flora inclusive mencionou a grande preocupação de Davi, por não estar escrevendo, mas, se comprometeram a escrever algo sim, caso ainda fosse necessário.

Mantive a linha de deixá-los à vontade, assim, os diálogos foram fluindo, falamos de muita coisa ao mesmo tempo, e a impressão que tive foi que assim como eu, eles também estavam bem tranquilos quanto àquele papo.

Matheus falou muito da sua questão de transição, esclareceu alguns pontos sob o seu ponto de vista, falou de sua vida antes da questão da transição, falou ainda da sua condição quando menina lésbica, relação com a família etc. Da mesma forma, Flora também fez um resumo sobre si, falou das suas impressões a respeito da vida, de sua liberdade, de sua forma de enxergar o mundo, de encarar o mundo de ser muito desprendida. A imagem que Flora passa é de ser muito forte, pelo fato de ter sido criada de uma forma muito livre, liberta, a desconstrução dela foi natural, ela veio de um meio em que as desconstruções a respeito de conceitos e padrões impostos pela sociedade não fazem parte do convívio dela, tem uma base que é muito forte nesse sentido, que faz com que tenha amadurecido o seu pensamento em relação à desconstrução de padrões muito cedo, ela é uma menina que, desde novinha, desde criança, foi crescendo e ouvindo todo o discurso contra esses pensamentos heteronormativos, binários, patriarcais.

Flora é uma fortaleza, que foi inspirada pela sua mãe. Pérola, a mãe de Flora e uma mãe (na vida) de Davi e Matheus, e foi uma das pautas desse encontro de fim de tarde. A forma como eles fazem referência a ela, o carinho com o qual falam dela, a experiência de tê-la por perto, contribuindo, abraçando, acolhendo-os em sua singularidade extremamente plural, é muito interessante, instiga-me a aproximar-se e querer conhecê-la. Pérola tem uma “culpa” muito grande na evolução dos três, de

Flora por ser sua filha, de Davi por ter encontrado nela e em Flora sua nova família na vida, e na de Matheus, que mudou de vida completamente, até de cidade, por causa delas, aceitando o seu convite para migrar de Mossoró para uma nova cidade, e concluir o ensino médio lá, e em seguida dar início aos estudos universitário. Pérola é um porto seguro.

Davi permanecia calado, ele se reservou ao direito de ouvir, e apenas através de gestos, ele fortaleceu algumas declarações de Flora e outras de Matheus, mas principalmente de Flora, que a gente percebe de forma muito natural que ela é uma inspiração para ele, que é uma irmã, que ele tem orgulho de chamar de sua.

Quando escureceu, pegamos a estrada de volta. Chegando a Mossoró, ficaram os três na casa de Davi. Conversamos muito, indo e voltando, e quando estávamos lá na praia. O papo foi legal, supertranquilo e acho que todos estavam à vontade, inclusive eu, que optei por apenas conversarmos, sem fazer perguntas diretas, sem ligar gravador. Encarei como um primeiro contato para nos aproximarmos, nos conhecermos e irmos nos entrosando.

Foi um fim de tarde, uma experiência muito boa, luzes se acenderam no fim do túnel e pude enxergar uma nova fase da pesquisa se iniciando, é como se finalmente tivesse me encontrado para fazer a pesquisa fluir, andar, acontecer. Deixamos o segundo encontro pré-agendado e já fiquei ansiosa.

“Momento” vem do latim *momentum*, que tem a mesma raiz de *movimentum*. (...) O momento é a experiência do vivido, em que se constrói um tempo instituinte fundante de certa realidade de significação marcante para a itinerância de uma vida em formação. É preciso, ademais, que possamos distinguir momento de tempo marcado. (MACEDO, 2016, p. 35)

Nosso segundo encontro aconteceu quatro dias depois, no dia 23 de abril de 2018, no mesmo local: um povoado praieiro, já no Ceará, porém, dessa vez fomos mais cedo, para que pudéssemos aproveitar melhor o tempo. Planejei que ficássemos a tarde toda para então podermos produzir e confraternizar, o que de certa forma acabou se confundindo tamanha foi nossa cumplicidade e empatia. Saímos de Mossoró por volta das 14h, levei frutas, biscoitos e água, já que passaríamos a tarde toda e assim, estaríamos abastecidos para fazer um lanche

entre as atividades. Peguei Flora e Matheus na casa da família dele - eles levaram doces e outras guloseimas, em seguida fomos buscar Davi na casa da mãe dele e seguimos para praia.

Procedendo com a mesma dinâmica do encontro anterior, não fui direto ao assunto, com perguntas e questionamentos, deixei que novamente os papos fluíssem de uma forma mais natural e a vontade, para que eles não se sentissem pressionados, pois, penso que essa naturalidade faz parte do processo, da construção, tem que ser natural, senão, não faz sentido. Se estou escrevendo, essa escrita tem que ter um pouco da minha essência e essa é a minha essência, de fazer da forma mais natural possível, então, a gente conversou bastante, e sempre com essa finalidade, com as conversas continuamente baseadas no assunto principal, na pauta principal, que é a condição humana do sujeito LGBT, ou seja, a condição deles, da sexualidade de todos eles três, e nas nossas conversas - durante quase três horas a gente conversou, três horas essas que passaram rápido demais, somente quando olhei o relógio já eram 17h, a gente se impressionou como o tempo passou muito rápido -, eles falaram de tudo, de família, de várias situações pelas quais passaram, mas sempre muito voltado para a sexualidade em si, porque eu ainda não tinha explicado a questão do ponto de vista da condição humana, que eles tinham que pensar de uma maneira mais clara a respeito disso, tinha que pautar a sexualidade voltada para a condição humana. Às 17h demos uma pausa nas reflexões e fizemos um lanche. O mais interessante, curioso até, é que a gente na praia, as coisas fluem, e acredito muito que seja pelo contato com a natureza, o modo de fluir as coisas, as conversas, o papo, as sensações, tudo é diferente... e no nosso segundo encontro, a natureza nos presenteou com peripécias: teve sol, chuva, arco-íris, sol novamente e depois uma forte chuva, na qual a gente inclusive tomou banho, inclusive estávamos bem preparados, com roupas de banho, e além da chuva, tomamos banho de mar. E o banho de mar teve todo um significado, eles confessaram que há tempos não experimentavam aquela sensação, e foi muito prazeroso para mim, vê-los daquela forma, tão satisfeitos... foi prazeroso poder proporcionar isso a eles, foi prazeroso para eu sentir também a sensação maravilhosa de estar ali com eles, de senti-los daquela forma, foi recompensador, no sentido real da palavra, por estar compartilhando com eles, e de certa forma promover um momento tão significativo, que obviamente só foi possível por eu estar

com pessoas com as quais não apenas pude contar como colaboradores, mas que absorvem os significados da vida. E, sem parecer clichê, posso afirmar que a alegria deles foi também a minha alegria, me senti feliz por eles, por mim, pela pesquisa evoluindo, muito feliz com a forma como eles se colocaram, e isso é indescritível.

Nesse segundo encontro os papos ficaram mais sérios, as revelações mais delicadas também foram aparecendo, inclusive colocações bem interessantes, um tanto quanto, algumas, surpreendentes, se assim posso dizer, e até chocantes, colocações muito instigantes, que me levou a refletir ainda mais sobre eles, em suas construções como seres humanos, tão comprometidos com o conhecimento sobre si, com suas visões tão amplas sobre a vida. Me pus a pensar em como eles souberam utilizar, mesmo os momentos negativos, considerados ruins e transformar em aprendizado.

Fiquei bastante reflexiva a respeito de tudo, os depoimentos deles trazem muitas lições e reforçam que a construção humana se dá por meio de vários fatores, entre eles, a identificação com o outro, a empatia.

A cidade onde moram

Em 26 de abril de 2018, foi realizado meu terceiro encontro com Davi, Flora e Matheus. Fui com eles até a cidade onde vivem, aceitando o convite para conhecer a casa em que moram. Como eles estavam aqui em Mossoró, a gente cogitou essa possibilidade de ir até lá, e eles sugeriram que eu fosse com eles. Após uma curta temporada em Mossoró, chegou o dia do retorno deles e então fui deixá-los. Saímos daqui pela manhã cedo, pegamos a estrada, gastamos em torno de uma hora e meia para chegar lá, conversamos aleatoriamente durante a viagem, pautamos um pouco da situação cotidiana em si, abordando, eles mesmo, a sexualidade deles – pois, em nossas conversas virou assunto muito natural, pois, o principal fator de eles terem se tornado as pessoas desconstruídas que são, foi por terem aprendido a lidar com a própria sexualidade de uma maneira natural. Sempre falamos sobre a sexualidade e voltamos a ela, tão necessária para a pesquisa, tão necessária e importante para eles – sujeitos-colaboradores também, estarem falando disso, existe essa necessidade de compartilhamento, aliás, não sei se é uma necessidade deles mesmo em si, ou se é uma forma de demonstrar satisfação em estar colaborando.

Matheus, como já aconteceu em conversas minhas com ele, tem reforçado o contentamento em contribuir, ao mesmo tempo que, parece ser a primeira vez que ele tem conversado abertamente, como ele colocou no dia em que a gente estava voltando da praia, quando ele falou sobre o abuso sofrido na infância, ele disse que nunca ter conversado de modo tão aberto com ninguém, então, é interessante, essa é a impressão pelo menos que eles passam, de satisfação, é um retorno, porque não seria interessante para mim que eles estivessem só colaborando por colaborar, lógico, seria muito gratificante, mas, tem sido muito mais, pelo fato de eles estarem se identificando com a caminhada que percorremos juntos até aqui. Tem sido agradável para ambos os lados, então assim, é satisfatório para mim também, ver que está sendo importante para eles.

Ao chegar à cidade em que residem, eles me mostraram os quatro cantos do pequeno município, falaram sobre algumas pessoas de lá, algumas figuras marcantes, típicas de cidade interiorana – algumas até ‘folclóricas’, eles me falaram também um pouco sobre como é a vivência deles, como eles são tratados, como são vistos, falaram da forma como tem sido vistos lá, falaram sobre um amigo deles - amizade feita após se instalarem lá, como novos habitantes -, um rapaz, responsável por colocá-los a par de tudo o que acontece na cidade, inclusive foi quem contou tudo que aconteceu para eles, durante as duas semanas que passaram em Mossoró, até mesmo, os registros de quem perguntou por eles. O fato de Davi e Flora terem o cabelo colorido por exemplo, é uma característica que chama a atenção, eles disseram que são uma “atração”, de chamar a atenção. Eles frequentam uma academia de ginástica lá, e segundo esse amigo deles, até as pessoas que nunca falaram com eles, estavam perguntando e sentindo a falta deles, enquanto estiveram em Mossoró.

Após me mostrarem toda a cidade, seguimos até a casa deles. Perguntei por qual motivo eles foram morar lá, e eles narraram que a mãe de Flora foi primeiro, casou com um nativo, pediu transferência no trabalho, e passou a residir lá, levando em seguida Flora, que, pela sua forte ligação com Davi, levou Davi, e logo depois chegou Matheus, atendendo convite da própria Pérola. Inclusive, Flora e Matheus só começaram a namorar depois de estarem morando na mesma casa, construíram laços afetivos e acabaram se envolvendo afetiva e emocionalmente.

A casa deles – onde residem hoje, é um pouco afastada do centro, considerando que se trata de uma cidade pequena, não existem grandes distâncias -, é “energia positiva” pura, tem características de uma casa no sítio, com criações de galinha, de patos e vários cachorros como membros da família.

A (super famosa) mãe de Flora, Pérola, como já era de se esperar, de tanto que ouvi falar dela através dos meninos, foi extremamente receptiva e atenciosa. Tive a oportunidade de conhecer Pérola há uns anos, quando a mesma lecionou disciplina do curso de pedagogia da UERN, mas, não chegamos a nos aproximar a época.

Fui recebida por Pérola, junto a Davi, Flora e Matheus, de forma muito carinhosa, com braços e portas abertas, além de muito agradável, ela ainda me disse que estava doida para me conhecer, ouvir isso foi bem satisfatório, prova de que o trio já havia falado de mim para ela, demonstrando e reforçando que de alguma forma o envolvimento com a pesquisa estava presente neles. Conversei com Pérola, falamos sobre diversos assuntos, inclusive sobre a UERN, enquanto isso, Matheus foi para a cozinha fazer o almoço, coisa que adora, ele é quem toma conta da cozinha, a qual chama de “minha cozinha”.

A vibração da casa é super leve, todo mundo muito tranquilo, a música sempre presente, mantendo a sintonia entre livros, pinturas, cores e amor por toda parte. Não existe apego material entre eles, nos detalhes percebemos que eles curtem mesmo é viver de forma tranquila e em paz. São leves e alternativos.

O marido da mãe de Flora chegou do trabalho e da mesma forma que os demais membros da casa, também é muito tranquilo e foi super agradável e super receptivo. Assim como Pérola, também é professor.

Matheus fez o almoço enquanto conversávamos todos na cozinha, almoçamos e fomos fazer um passeio, caminhamos até um açude em frente à casa deles, porém um pouco distante, andamos embaixo do sol a pino por um terreno com bastante mato verde, e árvores, por causa das chuvas; atravessamos uma cerca, ficamos à beira desse açude um bom tempo, permanecíamos dialogando sobre várias pautas, mas, sempre em consonância com a nossa temática. Em nenhum desses momentos, até então descritos, liguei o gravador, apenas deixei que

as conversas fluíssem, porque existe essa necessidade de amadurecimento também, não dá para ficar toda hora com o gravador ligado, porque senão, perde-se a naturalidade, não é interessante, conforme coloca Macedo (2016, p. 39), quando diz que: “O acontecimento é uma singularidade, um desvio, o irromper do acaso no território das regularidades. Tem a potencialidade de inventar mundos. Isso vale tanto para o mundo físico/biológico quanto para o mundo dos símbolos.” Ainda segundo o autor, essa singularidade quebra o curso regular do tempo, estabelecendo uma relação com a(s) teoria(s), vivendo-a(as) como algo que está em incessante construção, enquanto o campo de pesquisa aparece como uma “bacia semântico-cultural viva”, produzindo acontecimentos que metamorfoseiam as atitudes, crenças e expectativas do pesquisador e os resultados esperados. “O campo de pesquisa produz traições, ou seja, desjoga o jogo das nossas expectativas e estratégias.”

Houve momentos em que fiz algumas perguntas e eles não responderam, não por resistência, nem dificuldades, mas, ficavam procurando sempre a melhor forma de falar, com cuidado de usar a palavra correta, mesmo reforçando o tempo todo que eles poderiam falar super a vontade, ficando “de boa”, mas ainda assim eles mantiveram um certo cuidado, um rebuscamento ao falar.

Quando saímos das margens do açude, fomos de carro andar pela cidade, apreciamos outros açudes que estavam – por ser ‘inverno’ - cheios, fomos até uma praça muito arborizada, andamos por lá e ficamos conversando, em seguida fomos para a praça principal, que é no centro da cidade, ficamos sentados ao lado da principal igreja católica, e foi nesse momento que fiz algumas perguntas para eles, com o gravador ligado, falamos sobre religião, comportamento e tal, após isso, situação em que conduzimos de forma bem mais voltada para o nosso bate-papo, para nossa conversa, voltei para deixá-los em casa e voltei para Mossoró, reflexiva mais uma vez, pensando em como fazer da melhor forma uma análise a respeito desse encontro, desses encontros de uma forma geral, porque estar com eles, realmente é prazeroso, é agradável e é enriquecedor, porque é uma troca de experiências bem incrível, na verdade, tenho até brincado com eles a respeito da idade, como é que eles com 18 e 19 anos, já tem tanta história para contar, já passaram por tanta coisa, então minha reflexão é a esse respeito também, de como

vou fazer essa análise, de como questionar, de como demonstrar condição humana, a partir de todos os registros conseguidos.

Eles têm uma vida tranquila e normal, não têm nada de superficial, de criado, não existe esse estranhamento, como as pessoas às vezes “propõem” que, por ser LGBT: transexual, homossexual, bissexual, assexuado..., a definição não importa -, vivem de uma forma diferente, agem de uma forma diferente, é como se fosse esquecido o lado humano, e muito pelo contrário, independente da condição sexual, eles são humanos, e vivem, tem suas vidas tranquilas, normais, felizes, isso sim importa. Temos que descomplicar o entendimento de pessoas que vivem em sociedade e classificam o sujeito LGBT como “diferente”, porque querer reduzir uma pessoa a sexualidade dela, talvez isso sim seja um problema, isso sim precise ser estudado, isso sim cause estranhamento. Porque que as pessoas se preocupam com a sexualidade alheia? Porque aquilo tanto incomoda? Porque preciso saber com quem o outro faz sexo? Ou com o que? Ou como? Porque a imagem do outro me causa estranhamento? Porque faço questão de mostrar que não sou a favor, que sou contra, que reprovo? Porque que as pessoas têm essa necessidade de julgar? De achar que está acima das outras pessoas, e que é capaz de dizer o que é certo ou o que é errado? Porque que as pessoas querem sempre que a gente seja igual a elas? Ou seria medo, de olhar algo que seja “diferente” e ter uma revolta interior, pelo fato de eu não ser aquela pessoa, pelo fato de eu querer chamar a atenção, ou ser diferente, ou sair do que é considerado normal e eu não ter coragem? Me questiono se essa importância com a sexualidade do outro tem a ver com desejos contidos naquela pessoa, e que a mesma nunca teve coragem de expor, de colocar para fora, e isso causa essa reprovação do outro. Será que quem julga tem vontade de ser livre, vontade de se expressar e não tem coragem, por isso se revolta contra quem o faz, contra quem vai de encontro aos padrões normativos, aos padrões impostos pela sociedade que em meio a tantas mudanças, permanece hipócrita? São muitas reflexões.

V A CONDIÇÃO HUMANA E LGBT

Somos acima de tudo, seres humanos, e a dimensão humana é dotada de conhecimentos, experiências, vivências e fatores que nos colocam como racionais, capazes de pensar. Nessa dimensão humana está o ser, o agir, o raciocinar, entre outras atividades que cabem ao ser humano realizar, sem o rigor de restringi-lo a uma de suas “categorias”, seja no que diz respeito a uma ação, uma orientação, uma predileção ou uma necessidade especial.

O despertar para o tema da condição humana teve embasamento nas ponderações pós-qualificação, a partir de quando passei a refletir a respeito e perceber que experienciar a temática com jovens, com ideias em abundância, a cabeça fervilhando e as opiniões em ebulição, seria muito proveitoso, e as chances de alcançar um material rico, utilizando o JP, eram iminentes. Após os realinhamentos e organização, metodologia aplicada e a vivência praticada com os sujeitos-colaboradores, suas falas e narrativas em mãos, demos sequência às etapas seguintes.

Levando em consideração que realizamos a pesquisa com sujeitos ativos-participativos, trouxemos a voz de cada um, de acordo com suas experiências e histórias de vida, narrando sobre condição humana, aceitação, família, escola, sociedade, identificação, rótulos, religião, construções e desconstruções, de uma forma leve, como é a fala da maioria dos adolescentes, e bastante consciente, como é o ser humano com as ideias bem articuladas e a “cabeça bem-feita”.

Davi: *Bom, condição humana pra mim é as pessoas passarem a se enxergar antes de tudo, como antes de qualquer coisa, todos nós somos humanos e nós vivemos numa sociedade que tem uma constituição que diz que todos nós somos iguais perante a lei, mas é muito engraçado porque nós não somos vistos claramente iguais perante a lei e nem muito menos constituindo a sociedade, porque já começa na diferença da classe social, da condição de cor de pele, as pessoas preferem muito mais levar isso em consideração do que a dignidade primeiramente da pessoa humana, é tanto que o discurso hoje em dia mais o que você tem, do que o que você é, a gente vê muito isso.*

Matheus: *Concordo com Davi em gênero, número e grau, porque eu ia falar exatamente isso, a nossa condição humana, principalmente aqui no Brasil, ela simplesmente não é considerada, não é considerada às vezes pela sociedade principalmente, dentro da escola, perante a lei, de forma alguma, a gente é julgada, é classificado de acordo com o que a gente tem para oferecer a sociedade, entendeu? A sociedade, classifica a gente com etiquetas nas nossas testas praticamente, é uma segregação fora do normal, a gente é qualificada e separada, não por sermos humanos, mas tipo, pelo que a gente tem para oferecer, entendeu? Eu por exemplo, não tenho, perante a sociedade, não tenho nem condição humana, né? Eles não consideram nem essa visão da ONU, dos direitos humanos e tudo mais, muita gente acha que isso (os direitos humanos, da condição humana, que todos nós somos iguais) é frescura, é besteira e não leva em consideração.*

Matheus: *A condição humana que a sociedade me impõe. Eu sempre brinco muito que Jadna é minha irmã gêmea, sempre brinco muito porque fui Jadna até os meus 16 anos de idade, fui Jadna, meu nome era Jadna de Souza Salvino, todo mundo me chamava por esse nome, tinha orgulho desse nome, ave-maria, amava quem eu era, pra você ter noção, assim, até o conseguir quebrar essa barreira minha, foi um grande processo, porque primeiramente não achava que aquilo me encaixava, não achava que era necessário me transformar em um homem, a verdade é essa, antes do conhecimento eu não achava que era necessário.*

Matheus: *Eu acho que, o grande problema de toda a sociedade nessa condição humana é a falta do conhecimento porque acho que uma pessoa que tem o conhecimento, mesmo que seja mínimo, ela faz pensar sair ali dali, daquela bola arcaica que é o pensamento da sociedade, porque é uma bola antiga que fica só ali girando, girando e agregando cada vez mais pensamentos retrógrados, coisas antigas, tipo, o mundo está aqui agilizando, as coisas acontecendo e as pessoas estão com aquela mesma mentalidade.*

Davi: *Era uma coisa bem tradicionalista, bem tradicional mesmo, lembro que uma vez, quando eu tava na primeira série do ensino médio, a minha professora de história dividiu a turma em vários grupos e ela deixou o tema livre, e o tema era tipo assim, o tema do trabalho, ela deixou a gente bem à vontade, impôs uma condição*

só, que a gente pegasse uma problemática que a gente achasse que influenciava a sociedade de alguma forma e nós pudéssemos, de certa forma, bolar alguma solução para aquele problema ou alguma forma que pudesse amenizar, e eu, escolhi o tema da homofobia claro, do preconceito e comecei a desenvolver um trabalho em cima disso.

Aí eu estava lá construindo o meu trabalho, meu cartaz, a professora viu, apoiou o meu tema e tal, super de boa, a gente trocou ideia, ela achou o meu cartaz maravilhoso e tal, fiz o trabalho bem certinho.

Fizemos o trabalho, confeccionamos o cartaz, dividimos as partes sobre o que cada um ia falar dentro da nossa temática e tal, apresentamos o trabalho, a professora achou muito legal a iniciativa e no cartaz confeccionei algumas frases que diziam respeito sobre o LGBT, tipo “Mais amor por favor”, frases motivacionais, frases de positividade, nada de... fiz uns desenhos e tal, bem coloridos, sei que o cartazes ficaram expostos na sala de aula e tipo, simplesmente um belo dia, um belo dia não, acho que foi tipo no outro dia, cheguei e meu cartaz não estava mais lá, aí questionei a professora: “professora, meu cartaz foi retirado?” E simplesmente a professora me disse que a diretora da escola não achou legal. Eu tinha uma certa afinidade com a professora e ela me explicou toda a situação, a diretora daquela escola era realmente uma pessoa péssima, muito tradicional, preconceituosa, aquele discurso de “respeito, mas não aceito”, ela não estava nem aí pro... tinha muitas irregularidades que ela num... desde os funcionários à forma como os alunos eram tratados e ela... assim, ela era bem capitalista mesmo, assim uma coisa bem fascista, que eu não me identificava, eu claramente era um peixe fora d’água e, chegou uma época que lá eu tinha o cabelo azul, pintei o cabelo de azul e foi, nossa, meu Deus, foi a revolução da escola, a diretora, eu ouvia piada de aluno à funcionário, as pessoas mais poderosas...

Quando se trata de diversidade sexual, é comum que a escola apareça como aparelho de correção e produtor de preconceito, ou, como afirma Bento (2006), um espaço de terror, uma instituição saturada, produtora e reprodutora da homofobia.

Davi: Porque foi assim, ela tinha (a diretora do colégio) o discurso bem preconceituoso, aí ela ficava “respeito, mas não aceito”, é, tudo bem se outra pessoa for, mas não pode com meu filho, aquele preconceito enraizado, sabe? Ela tinha

bem esse discurso, sabe? Mas não era bem... claro que ela não deixava isso explícito, mas, ela falava com palavras que ela deixava claramente a entender isso, ela nunca respeitava, era uma coisa muito, era uma barra, porque tipo mesmo, e, além disso acontecer na escola, não tinha um apoio em casa, porque eu nunca cheguei pra minha mãe pra botar assim no jornal, usando as palavras de hoje, isso foi um assunto que nunca foi tocado lá em casa, cada um vive bem do jeito que entende e na escola foi uma barra principalmente nessa época, porque a diretora, ela deixava claramente claro o posicionamento dela e ela, era uma coisa que ela abominava claramente e, não só da postura da diretora, mas tipo devido ser a própria diretora que a pessoa mais cabeça da escola, tinha uma posição.

Davi: *A gente tinha muito problema, porque sempre deixei muito claro que não gostava de estudar lá, sempre, sempre, e tinha a comodidade que a gente não tinha transporte e era perto de casa, e eu simplesmente tinha que engolir aquilo e segurar essa barra, e segurar aquele ‘forninho’, mas, deu certo assim, mesmo apesar de tudo isso, de todo esse..., mesmo assim foi bom porque quando sai, porque foi o seguinte, estudei lá de 2003 a 2014, em 2015 sai e 2016 voltei, estudei mais dois anos lá, foi uma coisa assim muito, quando voltei, devido ter estudado a vida inteira lá, era uma pessoa muito alienada. Quando sai de lá, comecei a ver o mundo com outra perspectiva, comecei a conhecer novas pessoas, comecei a viver, sei lá assim, a ter um entendimento melhor das coisas e tal, porque a escola em si ela me alienava muito, aquela escola claramente nunca me fez bem. Ela fechava muito minha mente, e quando voltei pra estudar lá foi um, eu já estava mais preparado para lidar com aquilo, devido as minhas experiências anteriores, mas antes. Foi um ano fora de lá, 2015, tanto que digo pra todo mundo, foi o melhor ano da minha vida.*

Flora: *foi o ano que eu e ele, a gente se conheceu. Foi uma experiência incrível.*

Davi: *A vida toda de experiência, eu vivia aquela coisa muito presa, muito. Foi uma coisa que comecei a me aceitar melhor depois que sai de lá, depois que conheci Flora, passei, tipo assim, é tanto que digo que Flora foi meio que assim, ela é (pausa) quando eu estudava lá no primeiro colégio, tinha uma nuvenzinha triste assim, chovendo em cima de mim, e Flora, quando conheci ela, que a gente passou a viver toda aquela barra no novo colégio juntos, que também não foi fácil.*

Davi: *Foi mais de boa lá, as pessoas eram mais de boa, mas, barra, tipo, que foi um ano bem difícil, em questão de conteúdo, de estudo, uma cobrança muito grande, mas a gente tinha um ao outro, era uma coisa assim que a gente tinha sempre, foi uma irmandade assim muito de imediata, sabe? Acho que o fato de, Flora virou um arco-íris na minha nuvenzinha triste, sabe? Aí quando conheci a mãe dela, viixeee!, fui pro céu, tô no meu lugar, conheci as pessoas certas, a gente batia em tudo, as mesmas coisas, as mesmas opiniões.*

Flora: *... Inclusive a gente tinha os mesmos gostos.*

Davi: *Os mesmos gostos, a gente tinha uma vida parecida.*

Flora: *Davi não me julgava.*

Davi: *A gente não se julgava, a gente se parecia muito. E tipo assim... (pausa)*

Flora: *E sinceramente não tinha outra pessoa aqui em Mossoró que eu tivesse a liberdade que tinha com Davi não. No mesmo dia que conheci Davi, foi toda liberdade do mundo.*

Davi: *Foi tipo, fui pra casa de Flora. Um dia, um belo dia a gente se conheceu eu fui pra casa dela, aí pronto, a gente já estava junto.*

Flora: *A gente já estava junto.*

Davi: *A gente estudava na mesma sala. Em 2015 eu costumo dizer que foi assim, o primeiro ano que a gente morou junto, porque a gente morava junto, boy, tipo eu ia em casa só dar uma satisfação porque a maioria do tempo ficava lá em Flora e tipo.*

Flora: *Toda hora, quando Davi não estava lá em casa, eu estava enfiada na casa dele.*

Davi: *Era, depois que a gente se conheceu e tal, veio todo aquele estereótipo, a gente passou por muito julgamento também.*

Flora: *(dando continuidade ao que Davi estava falando) juntos, quando a gente se juntou a gente ouviu muita, muita, muita coisa, mas, como eu (misturou com a fala de Davi)*

Davi: *O mínimo que a gente escutava era: lá vem o veado e a sapatão, era no mínimo o que a gente escutava. Diziam, no mínimo, muito.*

Flora: *Muito.*

Davi: *Às vezes, a gente estava andando na rua e acontecia assim, lá vai o veado e a sapatão.*

Flora: *A gente era muito fora do padrão daquela escola, não era normal a gente era como se tivesse em outra realidade.*

Davi: *A gente era muito fora do padrão sim. Primeiro que a gente, a maioria lá era de uma elite burguesa e a gente foi criado de um meio mais...*

Flora: *E a gente, eu e Davi, se identificou tanto naquela escola, que todo mundo era rico e tinha vergonha do mínimo de pobreza, tinha vergonha sabe? Quando eu e Davi se bateu, a gente tinha o mesmo linguajar, a gente não tinha vergonha de dizer: “eu sou pobre, eu estou lascado eu não tenho dinheiro para lancha aqui”, sabe, enquanto todo mundo lá era a elite, a burguesia, e a gente era a diferença ali, todo mundo era igual.*

Davi: *Pois é. A gente passava assim, uma barra juntos, mas, a gente sempre tinha um ao outro e aquilo bastava, a gente era a diferença, todo mundo era muito genérico e tal, todo mundo era sempre aquela mesma coisa padronizada, a gente era claramente diferente porque todo mundo tinha um referencial da gente: ó lá vai aqueles dois; todo mundo achava nossa amizade a coisa mais linda e tal, todo mundo comentava e muita gente também achava muito estranho.*

Flora: *E muita gente também achava muito estranho.*

Davi: *Admirava, porque a gente tinha, é, a gente não sofreu muito não.*

Flora: *Admirava. A gente não sofreu muito não no colégio que estudamos juntos, a gente estava muito bem resolvido, e tipo, a junção aqui fez a força. O que a gente ouvia era mais de fora, a gente ia pro beco¹ e tal, menino, o que tinha de homem cis*

safado, soltando umas coisas ridículas. Ome, lembro que, porque assim, eu e Davi, batia muito tudo junto a pé, e a gente ouvia muita piadinha, de tudo.

Davi: *Eu acredito que existe uma divindade superior que pode mover o universo de alguma forma sim.*

Flora: *Eu acredito em Deus, do meu jeito, acredito em deuses no que me fizer bem, assim como Davi, a gente pensa igualzinho, por isso que a gente se dá tão bem.*

Davi: *Numa força positiva superior.*

Flora: *Exatamente, mas, eu não consigo acreditar no Deus popular assim, na palavra de Deus, na bíblia, que Deus criou Adão e da costela, e não, é, enfim.*

Davi: *É que, tem toda aquela, todos aqueles costumes e regras ditadas e que aquilo tem que ser daquele jeito.*

Matheus: *Eu acredito em Deus como um ser do universo, acho que Deus é a sua positividade e o demônio que eles tanto falam é a sua negatividade, você que faz o seu Deus, e você que faz os seus inimigos, os seus demônios, acho que é por si próprio, acho que o universo em si é um Deus pra mim, sempre que agradeço algo, agradeço ao universo, não agradeço é um ser divino específico, pra mim divino é o universo.*

Davi: *Não, acho que não, acredito que o que me vem a fazer bem de alguma forma, que me acrescenta em algo, é o que procuro acatar sempre sabe, de alguma forma assim, sempre procuro ver o positivo ou tirar alguma lição de cada situação sabe, ver sempre o melhor das coisas, deixar de fazer, não, jamais, porque de tudo você adquire uma experiência, e de qualquer forma aquilo pode lhe fortalecer e se aproveitar de alguma forma. Eu acho que nada é por acaso, acho que cada coisa tem.*

Flora: *Eu já deixei, não vou mentir, já deixei de fazer algumas coisas porque eu tinha muita. Quando eu morava lá em Natal e minha mãe, ela trabalhava os três horários... também, porque assim, se eu for explicar não tem nem como, quando eu era criança, minha mãe era da igreja, aí ela até se casou de véu e grinalda numa igreja com um cara. Numa igreja evangélica, com um cara chamado Alisson, só que ela não gostava dele, sabe, ela se casou com ele, mas, foi uma coisa meio influência*

ali religiosa mesmo, meio que por uma obrigação assim, nessa época, quando eu era criança, mas eu não entendia né, não entendia e minha mãe nunca me privou de fazer nada por causa da igreja, nem mesmo quando ela era da igreja, mas, ela nunca me privou de por exemplo, cantar música do mundo, essas coisas que hoje em dia tem isso, né? O povo não deixa. Mas aí teve uma época que eu meio destrambelhei, e depois meio que voltei pra igreja, já tinha tipo uns, acho que uns 11 anos, sabe, aí eu tinha outra família lá em Natal, que era como minha segunda família, que era uma igreja super evangélica, super evangélica, extremista, eu vivia ali naquele meio e minha mãe, ela só acompanhava, não dizia nada, eu chamava ela pra ir me ver cantando e tal, ela ia, foi uma vez, foi uma vez, mas ela deixava claro o posicionamento dela, naquela época ela dizia: “Flora, eu acredito em Deus, mas louvo ao meu Deus aqui, do meu jeito, eu não, não, nada manda em mim, faço as coisas do meu jeito, e sei que você está nessa sua fase, eu lhe apoio no que você quiser, no que você precisar.

Matheus: *Eu nunca deixei de fazer nada por causa da igreja, como minha mãe mesmo falou, fui quatro anos na igreja, mas, nunca me privei de nada não, porque acho uma viagem total a bíblia sinceramente, acho uma viagem, é uma viagem, porque não sei nem explicar, eu já li, eu já li e reli, li e reli e vejo coisas que concordo, no fato tipo da bondade de Cristo, da sabedoria de Cristo, ó joia, beleza, mas tem umas lombras tortas, principalmente no primeiro testamento, um negócio de não poder comer certas carnes, não poder usar roupas de linho diferente, você não pode tirar a barba, não pode cortar o cabelo, aí quer dizer que tudo que Deus tinha ensinado simplesmente morreu, e eles só usam o velho testamento quando é pra justificar algum preconceito, aí quando a gente usa o velho testamento contra eles, eles dizem que simplesmente o velho testamento não é mais usado, que eles vivem, que a igreja evangélica se baseia no novo testamento, mas quando é para propagar o preconceito e atacar o próximo e desrespeitar os mandamentos que está dentro do livro que eles seguem, eles não estão nem aí se é para o velho testamento, o novo testamento, se é o testamento deles que eles inventaram na cabeça deles, interpretaram do jeito que eles, ome tem 2000 anos dessa bíblia, imagine, digamos assim, imagine, de 2000 anos pra cá, o quanto essa bíblia não foi modificada. Meu irmão a questão de você ter conhecimento eu acho, é como lhe falei já, acho que o conhecimento ele muda qualquer coisa, se você tiver o*

conhecimento sobre aquela coisa, você já é diferente de uma pessoa que não tem, porque você sabe daquilo, você sabe o que você está vendo aí, não vejo uma pessoa que tem conhecimento, assim histórico, sabe o que é história, tem conhecimento histórico, e é evangélico, não conheço nenhum historiador evangélico, muito pelo contrário, a maioria são ateus, a maioria.

Flora: *Verdade, porque quanto mais conhecimento, mais você vai ver, né, o que você realmente acredita, se você vai ficar tipo, privando sua vida, se baseando em velhas coisas, e a gente está em outra geração, a sociedade está aí em constante evolução, tantas coisas novas surgiram e estão se propagando cada vez mais, tipo, Rafaella estava falando sobre a publicidade, disse pra gente escrever sobre a publicidade e eu estava pensando nisso, tipo, pensando assim sozinha, mas realmente, eu lembrei de Matheus, falando no carro tipo, que o momento que ele falou e tal, foi quando teve a novela, que apareceu um trans e tal, apesar de toda distorção, daquela coisa da Rede Globo, alienação total, mas que de alguma forma tirou algum proveito sabe, para a pessoa ficar com uma coisa mais ampla.*

Matheus: *É um broto de curiosidade, aí cabe à pessoa que está recebendo aquele broto, germinar ou não, deixar crescer e virar uma planta de conhecimento gigantesca, fazendo você deixar de ser, como é que eu posso dizer, derrubar as barreiras que tem pra você chegar até o outro, porque é só questão de empatia, você se colocar no lugar do outro, você só pode se colocar no lugar do outro, para entender a condição humana do outro se você souber sobre isso, se você não souber, você vai se sentir superior e blá-blá-blá, aquelas velhas coisas da sociedade que o normativo é melhor do que o diferente, mas tipo, o diferente, o mais fácil, o mais aceitável, o que a sociedade quer, enfim.*

Davi: *O que já é de certa forma imposto e aceito assim pra todo mundo, aquela coisa que tá todo mundo acostumado, aquela coisa padronizada, bem como o filme do “Pink Floyd” coloca, tipo assim, é você ser mais um tijolo numa parede inteira assim, é você ser uma coisa igual tipo.*

Flora: *No final das contas você só é um tijolo naquela parede, sabe.*

Matheus: *Mínimo, um pedaço, um terço de um tijolo.*

Flora: *É muito foda isso, assim tipo, eu acho que é muito importante, que seja muito propagado para as pessoas terem cada vez mais conhecimento, porque tem pessoas que são ignorantes por falta de conhecimento, às vezes na verdade tem o conhecimento, mas de forma limitada, de forma preconceituosa sabe, ouviu por exemplo, os direcionamentos. Muito diz sobre de onde você vem, qual educação você teve em casa, qual o seu meio ali escolar, porque, de acordo assim com o meu crescimento, com a minha mãe, eu nunca tive problema nenhum, nenhum, e olha que eu estava dizendo a você, eu tive muitas, de começo eu só tinha relações hetero, mas eu, ave-maria, eu tinha o maior orgulho, eu tinha orgulho, eu tinha prazer, como você mesmo disse, em ver, porque, é um ato de coragem, que mesmo a gente no século XXI, mas as pessoas estranham, as pessoas acham estranho, porque, eu acho que vem muito do fato da religião, sabe, que diz que eles usam muito isso, que tem que procriar como se a gente só fizesse sexo pra procriar né, como se não fosse por mero prazer, auto estima e satisfação.*

Matheus: *Em questão da religião também, aliena tanto a mente da pessoa, que a minha mãe, hoje em dia eu acho que nem tanto, mas tipo, no começo, nos dois primeiros anos de igreja dela, evangélica, tipo ela lia, ela lia, toda página que ela lia, ela me chamava em algum momento e pedia pra eu dizer o que era aquilo que estava ali, entendeu? Então tipo, ela estava seguindo uma coisa que ela nem sabia o que significava, ela não tinha conhecimento nem do que ela estava, ela estava ali se prostrando em palavras que estão ali, que ela nem sabe o que significa, tipo, é como se fosse uma matéria que ela não estudou, mas, que ela venera, tipo, meu amor, né!? É muita alienação. Eu ficava besta.*

Davi: *Eu cresci dentro da igreja, e eu nunca achei tipo, eu nunca vi. Eu escutava muita coisa do tipo, é, pronto falando muito mal de homossexuais, e tipo caralho, eu escutava certas coisas que eu ficava assim, meu Deus, eu não acredito nisso. Tipo eu bem inocente, mas, tipo assim, de alguma forma eu sabia que, eu tinha uma, como é que eu posso explicar assim, eu não tinha uma, eu não sabia ligar as peças sabe, mas eu tinha uma empatia, eu ficava assim, meu Deus do céu, como é que eles podem pregar, tipo assim, eu sempre achei uma coisa muito errada, assim tipo, as coisas como eles se colocavam diante dessa imposição, até porque as minhas primeiras influências foi tipo, eu comecei a ver um primo meu que ele, era o assunto*

da família, que as pessoas viam assim com outros olhos, e tipo assim, quando eu fui começando associar uma coisa qual outra aí eu, aaaahhh, estou começando a entender, a ligar o quanto as pessoas achavam ruim o fato daquela pessoa ser daquele jeito, mas tipo, eu não entendia o motivo pelo qual eles viam as coisas daquele jeito, aí depois foi que eu fui entendendo que era por puro preconceito, uma questão muitas vezes de criação cultural, como você, tipo, as pessoas de antigamente tinha um, hoje em dia que a gente está começando a ver mais as pessoas estando melhor consigo mesma, a ponto de querer expressar para o mundo quem eu sou, quem eu estou preparado para ser, eu estou aqui e eu existo e tipo isso é uma coisa que está começando a se propagar e a ganhar força agora, assim tipo, nós estamos começando agora, o movimento LGBT é uma coisa que vai, é, tipo assim, a luta é uma coisa diária, uma coisa constante que está sempre assim em evolução, tipo todo dia quando a gente acorda, no nosso próprio dia a dia, quando a gente chega num ambiente e o fato da gente incomodar outras pessoas assim, simplesmente por nós sermos nós, é tipo assim uma coisa que não dá.

Flora: *Quando eu incomodo eu sinto que eu estou fazendo certo sabe o, eu estou de boa.*

Davi: *Tipo assim você tem que fazer com que as pessoas entendam que aquilo existe.*

Flora: *Eu estava conversando com Davi, eu acho que do nosso sei lá nosso segundo encontro, eu fiquei assim, caralho como é que Davi, no meio que ele foi criado, porque depois que Davi passou a me dizer, porque assim eu muito amiga de Davi, mas, eu nunca parei pra pensar nisso, que ele era obrigado quando eu era criança ir pra igreja, e eu nunca fui obrigada a ir pra igreja, nunca, às vezes que eu fui foi por pura e espontânea vontade, porque graças à criação da minha mãe, foi perfeita, ela me deixava livre pra eu acreditar no que eu quisesse, ela dizia “olhe você pode ser o que você quiser, você pode acreditar no que você quiser acreditar, o que importa é que você seja feliz.”*

Davi: *O mais engraçado é que eu sou pagão. Eu não sou batizado.*

Flora: *Ai tipo, eu fiquei pensando né, inculcada com isso, caralho Davi, ele era obrigado a ir pra igreja sempre, e tipo a mãe dele, a mãe dele é uma pessoa assim, ela não, ela não entenderia Davi, eu acredito que não, não sei, ela é muito mente fechada. É, eu acho que, parece que ela nunca vai estar pronta pra conversar sobre isso.*

Tentar se encaixar nos padrões heteronormativos, cumprindo a rigor as imposições dos signos convencionais para então enquadrar-se no binarismo: masculino = homem = macho / feminino = mulher = fêmea, é via de regra de quem está lutando por aceitação da sua orientação sexual e vê-se numa solidão por não saber com quem contar, principalmente quando ainda não se está consciente de que, não corresponder ao instituído e socialmente “aceito”, não se trata de um desajuste. Bento (2006), p.13, diz: “As instituições estão aí, normatizando, policiando, vigiando os possíveis deslizes, os deslocamentos. Mas, os deslocamentos existem. Apresentam-se.”

Como forma de combater o que faz as instituições sociais, os insultos e os olhares inquisidores, com intenção de reduzir o ser humano à sua orientação sexual, forçando anular todas as outras circunstâncias, todos os outros fatos, todas as outras condições, ações, relatos, acontecimentos de sua história, só uma construção social, por parte do sujeito LGBT, muito bem fundamentada no reconhecimento da condição humana. No mais, poupar-se de tentar se encaixar repetidamente e utilizar forças para fazer-se mais forte.

Chegamos neste mundo sem saber nada direito e já de cara nos ensinam um monte de conceitos sobre o que é certo e o que é errado. Como somos inocentes, aceitamos sem questionar e vamos vivendo a vida de acordo com o que recebemos. Muitos não são educados, mas sim adestrados. Com isso, não são poucas as pessoas que acabam vivendo a vida que acham que seria “certo” viver, sem conseguir se questionar de fato se o que fazem é o que gostam ou se o que fazem é o que a sociedade, os pais ou alguém ensinaram a gostar, falaram que era bonito ou legal. Sexualidade ainda é um tabu imenso, e para questioná-lo temos que enfrentar os preconceitos dos outros e os nossos. (HMC, 2016, p. 52 e 53)

Matheus: *A minha mãe, principalmente a minha mãe, eu sempre vivi pela minha mãe, sempre, porque eu acho ela uma pessoa fora do normal, ela é fora do normal para mim, ela é fora do normal. Positivamente, ela é fora do normal, mesmo com*

todas as, a gente já teve muita, muita confusão, principalmente em questão da minha transexualidade, da minha homossexualidade primeiramente, e depois da minha transexualidade, pelo fato de ela ter entrado na igreja, se eu tivesse me declarado trans há cinco anos atrás, ela teria tirado de letra, ela seria a pessoa perfeita pra isso, porque ela era minha melhor amiga, tipo pra tudo eu contava com a minha mãe antes de ela entrar para igreja. É por isso, tipo, influenciou completamente o fato de ela ter entrado na igreja, ela me disse isso assim, eu ouvi, tipo, não é uma coisa que eu percebi apenas, ela me disse isso, eu ouvi da boca dela, no dia que eu disse a ela que eu gostava de mulher, ela olhou para mim em prantos, ela chorava descontroladamente, ela dizia que sentia muito por isso, mas tipo, ela queria muito poder me apoiar mas ela não podia, porque ela me apoiar ia contra tudo que ela acreditava, entendeu? E tipo, na Bíblia, tipo na religião dela, nada está acima de Deus, não importa se é um filho, não importa se é um marido, é Deus acima de tudo, e ela leva isso ao pé da letra, porque a minha mãe ela é assim, se ela não é oito ela é 80. É aquilo ou aquilo, ela não tem isso de ficar em cima do muro, de seguir pela metade ela segue do jeito que está.

Matheus: *Eu sempre fui masculino, sempre. Mesmo assim, foi necessário o diálogo, chegar para a minha mãe e dizer que gostava de meninas, para então ela passar a absorver a ideia. Absorver lentamente como se fosse uma esponja bem velha que não segura o que, o líquido por exemplo, você coloca o sabão, a esponja quando ela está velha ela não faz nem espuma. Era exatamente isso, ela não absorvia absolutamente nada do que eu falava, do que eu dizia, do que eu sentia, ela tipo, ela ignorava, chegou o tempo de a gente se ignorar literalmente, a gente se ignorava dentro de casa.*

Flora: *criou uma barreira por causa da religião.*

Matheus: *A gente se ignorava completamente, ela não fazia tipo, nem a minha roupa que ela lava até hoje sagradamente, ela ama lavar roupa, ela diz isso abertamente, nem isso por mim ela fazia mais, ela não queria mais, ela não me incluía mais nas refeições, a minha mãe não me incluía nas refeições, se sobrasse... Ela contava somente com as outras três pessoas da casa, quatro com ela: minha irmã, meu irmão, meu padrasto e ela, eu, ficava por ali, às vezes comia lá na minha*

avó, que é de lado, e chegou a um ponto que eu com 16 pra 17 anos, eu disse que ia sair de casa, simplesmente eu vou sair e vou morar na rua, eu vou morar na rua, eu falei isso para uma das minhas tias. Tipo, eu não falava isso com ninguém, tipo eu aguentei o quanto eu pude.

O meu padrasto sempre me apoiou, ele é uma pessoa assim que, a minha relação com ele foi terrível no começo, porque eu não aceitava o fato de minha mãe se relacionar com outra pessoa a não ser meu pai, porque eu tinha uma relação muito forte com meu pai, mas tipo, ele é a pior coisa da minha vida, é o meu pai, ele é a pior influência da face da terra que eu já tive, eu quero ser tudo na minha vida, menos o que ele é, porque pra mim, eu não tenho respeito nenhum por ele, nenhum, pra mim tanto faz ele, principalmente pelo fato de ele não ter respeitado nem a minha infância, ele não me respeitou em nada, tudo que você possa imaginar ele desrespeitou, tudo mesmo, pode imaginar o que você quiser ele desrespeitou, pra você ter ideia, no meu aniversário de oito anos ele me aliciou, de oito anos, eu com oito anos de idade eu lembro como se fosse hoje, é tudo assim, eu tenho tudo, até o que ele falou, chega me arrepio, eu tenho gastura dele, eu passei três anos, eu não conseguia ver ele, sem vomitar, eu via ele, tipo, mas por obrigação, porque eu nunca abri isso pra minha mãe, pra poucas pessoas eu já falei isso, pouquíssimas, eu acho que eu conto nos dedos, eu acho que eu nunca falei isso abertamente nem com Flora, e tipo, quando eu via ele que eu tinha que fazer toda aquela cena de filhinha e tal, tomava a benção e blá, blá, blá. A minha mãe, ela sempre quis que eu mantivesse um laço, ela sempre quis que eu tivesse a presença do meu pai porque ela sempre achou isso muito importante na minha construção, mas tipo, ela não tinha noção do quanto isso me fazia mal entendeu, quando chegou uma certa idade, tipo, meus 12 anos por exemplo eu simplesmente cortei ele da minha vida, eu disse eu não quero. Ele tentou ainda umas duas vezes, depois de eu grande já, a última vez eu acho que ele tentou me aliciar eu tinha uns 15 eu acho, acho que foi uns 15 anos, foi quando eu comecei a me envolver com mulheres e tal.*

Os dados – apenas os registrados – de violência sexual contra crianças no Brasil são alarmantes. Só pelo Disque 100, serviço mantido pelo Ministério dos Direitos Humanos, chegaram cerca de 9 mil denúncias no primeiro semestre de 2017, e em

2016, foram 15.707, segundo dados de reportagem publicada no site www.bbc.com/portuguese/brasil.

Matheus: *Já era uma coisa que me incomodava, eu sempre me incomodei com meu corpo, sempre foi algo que me incomodou, principalmente o fato desse desejo que eu não posso ter simplesmente o meu corpo e tipo ser eu mesmo? E aquilo desde pequeno já me incomodava porque tipo, eu com 8 anos de idade, eu já. O meu corpo já era aquele problema entendeu, aí eu fui crescendo e vendo o que eu realmente não me encaixava em absolutamente nada, no que o destino tinha me proposto eu não tinha nada a ver com uma mulher.*

Sobre o ato do pai: *reforçar, pronto foi tipo um cheiro verde numa feijoada, a gota final, o ponto, a cereja do bolo, foi exatamente isso, eu tomei repulsa completamente, tanto que chegou uma época da minha transição por exemplo, que eu acho que eu até já comentei com você, que eu não me olhava no espelho, porque além da repulsa minha, tipo, de eu não querer estar ali dentro, de eu me sentir acorrentado, preso o dia todo, eu me sentia, eu me sinto ainda, e vou me sentir o resto da minha vida, porque tem coisas no meu corpo que eu não vou conseguir mudar, e eu acho que eu não quero, que é por exemplo fazer a faloplastia.*

A faloplastia é, segundo o urologista André da Costa Cavalcanti: um termo utilizado para cirurgias de reconstrução peniana. Também pode ser utilizada em pacientes onde é necessária a criação de um falo - geralmente em casos de doenças congênitas ou cirurgias de redesignação sexual (mudança de sexo). Também pode ser chamada de plástica peniana, reconstrução peniana, cirurgia de redesignação sexual.

Matheus: *Eu acho que é a única, e as lembranças, as minhas memórias, eu acho que esse é a minha pior cadeia, a pior prisão que eu poderia enfrentar é quando eu penso, é por isso que eu sempre tento me manter ocupado, porque se eu passar tipo, meia hora sem fazer nada, eu já começo a ficar, eu sou neurótico, eu sou uma pessoa completamente perturbada, eu sou.*

Flora: *E eu acho isso uma coisa bem interessante, assim, eu acho assim, eu, no meu gaydar.*

Davi: *É porque fala que tem um gaydar mesmo que não falha.*

Matheus: *Toda pessoa LGBT tem um gaydar.*

Flora: *Tipo, até os simpatizantes conseguem ter um gaydar, você não precisa trocar uma palavra com uma pessoa, mas, você diz hum!*

Matheus: *Ah, tá, hum!*

Flora: *Eu não estou dizendo que você é sapatão, veado, eu estou dizendo que você curte, você deve curtir os dois, eu não gosto de limitar, nunca gostei, tanto é, que eu gosto de pessoas. Tinha um negócio que eu vi uma vez lá no banheiro do Mater Christi, que eu nunca me esqueci, a gente que o diga, que tinha assim: “sou bi, sou tri, sou free”, que quer dizer assim, eu sou bi, eu gosto dos dois, eu gosto dos três, eu sou livre, eu sou livre pra gostar do que eu quiser. E essa frase eu nunca me esqueci, uma vez eu coloquei no meu status do WhatsApp e as pessoas se incomodavam muito, aí, as amigas de mãinha iam lá, tipo, minha tia, minha avó, o povo: “Pérola o que é, Flora se assumiu foi? Ela colocou no status que é bi, tri, tá ficando com tudo? Como é?” Aí mãinha: “não, ela é livre, ela fica com quem ela quiser”. Tipo, eu não vou mentir, eu fui muito incomodada durante minha vida, porque assim, eu não tive problemas dentro de casa. Eu acho que eu incomodei muito mais. Eu fui muito incomodada por várias pessoas, mas, quando eu parei assim pra pensar, isso não vai mais me incomodar.*

Davi: *E nem vai mais lhe atingir de nenhuma forma.*

Flora: *Isso, sou eu, não importa o quanto eu tente explicar, vai ter pessoas ignorantes, que não vão conseguir me interpretar, então, pra que eu vou querer agradar todo mundo nessa sociedade, que quer um padrão, e eu estou totalmente fora dele? As pessoas que me entenderem vão ser as pessoas que eu quero do meu lado, as pessoas que estão aí, tipo, tentando me atingir, não conseguem me atingir, porque eu tenho uma pessoa muito iluminada na minha vida, minha mãe nunca deixou que nada me atingisse, tipo, nunca tentaram me agredir por isso, tipo eu já estive na rua assim, com uma mulher, de mão dada sabe, eu já ouvi*

comentários, tipo assim, “ah meu Deus, que desperdício, duas mulheres juntas”, “eu queria ver um pornô disso aí”, tipo, umas coisas na maior cara de pau, tipo, uns comentários super ridículos, tipo “meu Deus o que que essa ruivinha gostosa com”, sabe? Essas coisas bem assim, aí eu ficava: meu Deus! E de começo, aquilo me doía, me machucava tanto que às vezes eu chorava, assim, eu ficava valha, eu sempre vou ser isso, tipo, eu sempre vou ser julgada? E eu sou uma pessoa tão do bem que tipo, quando fala assim, eu estava tentando descrever o que era a palavra vida, que você perguntou: pra vocês o que é vida? E tipo, eu penso assim muitas coisas, porque é uma palavra tão pequena que tem um significado enorme, mas, eu pensei assim, quando eu vejo a palavra vida eu quero logo pensar no amor, porque sem o amor não dá pra viver nessa vida, e tipo, desde criança minha mãe me ensinou: “olhe você tenha muito amor no coração, muita paciência porque olha, você vai ter uma parte assim que você vai desmoronar, você não vai saber nem conseguir levantar.”

E tipo, o amor me move, o amor me move, porque a minha mãe é um pote de amor, e eu aprendi com ela assim, que o amor tem que nos mover, a gente tem que botar o amor em tudo que a gente faz, minha mãe é uma pessoa super cansada, tem vários problemas, tipo, mas ela nunca se deixou abalar, porque ela uma pessoa que distribui amor e que ama, mesmo não tendo a mesma reciprocidade, ela ama sem cobranças, ela ama de graça e ela sempre me ensinou: “olha minha filha não existe isso não de segregação”, ela sempre fez muito minha cabeça pra eu nunca pensar em segregação, isso em todo mundo junto e amando, aí, quando eu era criança realmente a escola ela meio que quer lhe encaixar, muitas escolas, elas têm os posicionamentos religiosos sabe, e tipo mesmo que a escola que eu estudava lá, ela não era religiosa, lá em Natal, que era o Encanto, já estudei no Encanto e no Felicidade, o Felicidade era mais mimimi, religioso, mas o que eu mais me lembro que foi quando eu desenvolvi melhor a minha infância foi lá no Encanto, e tipo, eu era meu estilo toda largadona, agora eu estou no meu auge da feminilidade, você não está entendendo não, eu estou super feminina, porque eu era um caminhão, não era normal não, mesmo lá no Encanto, eu tinha o cabelo todo cacheado, e minha calça parecia assim que eu era um saco de batata, ninguém via peito e bunda em mim, era um saco que vinha até aqui, e um blusão porque eu gostava desse estilo, eu não queria ficar igual ao povo, as meninas toda apertadinhas, levantava da

cadeira e subia a calça todinha, meu Deus, partia o priquito todinho, eu ficava inconformada, e eu, eu ficava no meu estilo, toda all-star, eu sempre gostei, toda largadona, com meu cabelo todo nem aí, foda-se, eu gostava muito desse meu estilo, aí o povo, até o povo lá da escola ficava: “minha filha compre uma farda, não sei o quê”, ficava levando lá na secretaria, ficava achando ruim porque a minha farda era toda, ficava toda estranha nela, sem forma, aí eu: não, eu não me incomodo não, eu acho até melhor porque os meninos não ficam falando de mim, dos meus peitos, da minha bunda, me ver logo como um amigona, tipo, como eles assim. E porque assim, eu estava naquela época assim da puberdade, aí tipo eu gostava de ser amiga dos meninos, eu não queria que eles me vissem com outros olhos não, eu queria que eles me vissem como amiga que eles pudessem falar abertamente comigo, como eles conversavam com os outros meninos, sobre tudo, eu queria que eles conversassem, podia ser filme, carro, jogo, eu queria me enturmar, podiam falar de sexo, de mulher, eu não estava nem aí, piada, eu queria ser como eles assim, ficar ali naquele meio. Ai tipo, as pessoas lá, as meninas paty tal, as pessoas da coordenação, da secretaria, direção, sempre ficava fazendo os comentários assim bem nada a ver, achava minha roupa, achavam ruim porque eu ficava só andando com os meninos, teve tipo assim de querer que eu me tratasse assim, com psicólogo, pra ver se isso era normal.

E tipo, lá no colégio que estudei em Mossoró, já teve isso, mas, mais por minhas atitudes, e lá no antigo colégio em Natal, Rosa, que era a antiga diretora de lá, ela também uma vez veio conversar comigo, me chamou na sala dela, e disse que talvez eu tipo, tipo assim, queria botar na minha cabeça que eu não era como os meninos, eu era como as meninas, e eu tinha que, as meninas ficavam lá brincando, e eu ficava lá com os meninos, bola de gude, bafo, virando cartas, brincando com eles, vendo quem corria mais rápido, isso era brincadeira de menino, as meninas ficavam lá brincando de elástico, eu também tive essa minha fase, todas, eu tive todas, eu era assim a metamorfose ambulante, tipo eu tive muito essa minha fase de bofinho assim, de andar com os meninos e tal, aí tipo essa minha diretora disse isso pra mim.

Matheus: eu só tive essa fase e nunca sai dela.

Flora: Olhe, eu costumo dizer que quanto a gente vai crescendo e mais um ano tem total significância, tipo dos 17 para os 18 teve muita, dos 18 para 19 está tendo, dos 16, nos 15, eu acho que a partir dos 14 meu para agora, foi quando todo ano, parece que todo ano eu mudava, ano a ano, tipo as vezes na metade do ano eu pa pa pa, se você ver parece mentira, parece várias pessoas, não parece eu, aí tipo assim quando...

Flora: Eu acho que é muito por causa da minha mãe sabe, porque ela tem isso, porque os meninos conhecem ela sabe, minha mãe é um espelho para mim, eu sempre quis ser como ela, aí tipo, o povo até pergunta: "mas seu cabelo vermelho é por causa da sua mãe, pra ficar igual a ela?" Eu disse, em partes sim, porque eu me espelho bastante nela, eu acho que ela é linda ruiva e eu acho que eu pareço muito com ela, e eu vou ficar linda ruiva também, mas também porque tem uma banda que eu gosto muito, que tem uma vocalista que eu gosto muito que o nome dela é Reily, aí o dela é mais vermelho alaranjado, e o da minha mãe é bem vermelho sabe, aí eu fico numa linha tênue, o que vier eu traço eu gosto de todas, aí o povo fica, o povo gosta muito de saber né, tipo: "Isso é de quê? Isso é pra quê? Isso aqui é o que? Passa um dedo dentro? Quando você abrir esse alargador, vai fechar? Mulher que coisa horrível, mulher e na Bíblia diz quê?", tipo a gente tava lá na casa daquele nosso amigo Pedro, a mãe dele é uó, uó, uó, tipo o pai dele, é uó, uó, uó, é um povo bem extremista, aí eu tava lá, a gente conversando, e eu sou bem simpática, né? Eu sempre que vou lá, ela nem fala direito comigo, mas eu vou lá, lavo louça dela, tipo eu sou bem assim, eu chego nas casas, eu gosto de ajudar, aí tipo ela quase nunca fala comigo, mas nesse dia, ela ficou lá falando comigo: "Mas você não tem tatuagem não né?"

Davi: Não, ela disse assim, a gente já tinha falado de piercing, de cabelo colorido, de alargador, de tudo, aí a gente, ah, a gente teve piercing, não sei o que, a gente falando nosso passado e tal, cabelo colorido, aí ela: "Não, o cabelo pintado tá bom, né? Mas, ainda bem que vocês não tem uma coisa que eu abomino, que é a tatuagem, porque a Bíblia, está escrito na Bíblia que a Bíblia abomina". Eu acho que ela é católica não praticante.

Flora: Ela disse que quem tem tatuagem, vai para o inferno e eu pensando assim, minha mãe tem tatuagem, e nem por isso.

Davi: *Sua mãe nunca deixou de ser uma pessoa maravilhosa, assim, ela é ótima.*

Flora: *Se for para ir para esse céu, como diz Matheus, cheio de gente ignorante, sem amor no coração, que tem aí.*

Matheus: *Eu vou sentar no braço esquerdo do demônio, não é no direito não.*

Flora: *Eu quero ficar do lado esquerdo de Cássia Eller, do lado direito do Chico Sciense, ah, como eu queria Renato Russo. Se esse povo vai pro inferno, me bote lá.*

Davi: *Eu já quero estar lá, me bote lá.*

Flora: *Tudo isso é muito taxado né, até essas coisas não são relacionadas à sexualidade, tipo se eu tenho alargador, mas, geralmente remete.*

Davi: *E as pessoas associam muito, rotulam muito.*

HMC (2016, p. 31) reforça essa ideia de rótulo: “Pode ser que, em muitos casos, gostos e comportamentos denunciem a sexualidade de alguém. Mas isso definitivamente não é regra. Sexualidade não tem necessariamente a ver com gostos ou papéis.”

Flora: *Não, nada disso, tenho certeza, porque assim, é, minha mãe ela é um estilo bem único né, um estilo dela, e como eu estou dizendo a você, eu só tive a minha mãe, eu só tive ela, a minha família.*

Davi: *E como eu nunca tive nada, nenhum diálogo, eu sempre busquei as coisas muito por mim mesmo, tipo desde criança, justamente por eu não ter um diálogo e tipo, quando eu era criança eu sofria um certo bullying, as pessoas sempre exigiam, tipo assim meus próprios amigos, sempre sei lá, principalmente pelo fato de eu ser gordo, isso foi um problema muito grande na minha vida. Porque eu era magro só a cabeça, eu tive um problema de pulmão, aí eu fiz tratamento, aí depois desses tratamentos engordei muito, tipo assim, eu fui uma criança, eu tive minha fase de criança gordinha, sendo que isso gerou um certo bullying e tal, mas, como eu nunca tive um certo diálogo e tal, nunca tive, eu sempre tive amigos, mas assim, nunca tive essa proximidade sabe?*

Ai, tipo assim, eu sempre também costumo dizer que Flora me fez desabrochar, porque tipo, devido eu ser uma pessoa que eu sempre fui muito buscador, pra buscar as coisas pra entender por mim mesmo, por eu achar que o meio que eu convivia era uma coisa muito louca, e tipo assim, eu sempre tive aquelas coisas, pesava muito, assim, porque a minha mãe sempre me ensinou a ver o certo, tipo, assim ela sempre me disse assim: “olha o certo, o melhor, o bem”, aquela coisa assim ela sempre ensinou a ser uma pessoa melhor, cada vez melhor e tipo sempre, dentro disso, eu sempre procurei ter uma lição, que me fez crescer, o fato da gente ter, desde a primeira vez que a gente se viu, pronto minha vida mudou totalmente, que foi o que eu acho que, sua mãe foi a célula, a toda poderosa, que selou a pessoa que eu sou hoje, assim que, a vida também ajuda muito, a você juntando as peças de cada coisa que você vive pra construir a si mesmo.

Eu era claramente uma pessoa que não era padronizada, ninguém olhava pra mim de sentir um desejo, eu sofri muito com isso, com coisa de baixa auto estima, com coisa de sofrer mesmo. A escola também influenciou muito.

Flora: *Mãe, ele só tinha a presença da mãe.*

Davi: *Não era que praticasse bullying, era porque eu não tinha o diálogo com ela.*

Flora: *ele não tinha um apoio, ele não tinha com quem desabafar.*

Davi: *Cada um no seu quadrado. É, tipo assim, a gente não tem esse diálogo em casa. Nunca teve essa cobrança, assim, e mesmo nunca teve um diálogo, sempre foi uma coisa assim. Minha mãe, ela sempre foi uma pessoa muito difícil de lidar, ai tipo eu não tinha com quem chegar e conversar, tipo assim: ‘oi mãe, fiz isso hoje e tal’, porque de certa forma, eu tenho certeza que se eu contasse certas coisas pra ela, pra ela ia ser um grande problema, um grande problema, meu Deus do céu, conhecendo a minha mãe, sabendo, que se ela soubesse de certas coisas, se eu chegasse para conversar da minha vida, sobre certas coisas com ela, eu sei que ela ia fazer disso um grande problema, meu Deus do céu ela ia querer me internar, ela ia querer me levar pra igreja, que eu estava com o demônio, com o satanás e tipo, está entendendo? Aí eu acho que tudo isso é um conjunto de influências, porque também o fato de eu sempre ter buscado as coisas assim, desde criança, eu sempre*

fui muito ouvinte, sempre gostei muito de escutar as coisas pra poder pensar naquilo e tirar um bom proveito porque foi assim que eu fui me formando, assim aos poucos.

Flora: *Eu acho que é assim, a sua educação tipo, sua mãe, ela lhe educou de uma forma, que tipo, você é uma pessoa totalmente educada, que busca sempre conhecer mais, e por isso você saiu da bolhinha.*

Davi: *É, da bolha, eu vivia numa bolha, dentro de uma bolha, claramente.*

Flora: *Eu não consegui, eu nem conclui, mas eu fiquei me perguntando.*

Davi: *Eu cortei seu raciocínio.*

Flora: *Não, faz muito tempo que eu já tinha parado nesse raciocínio, de como Davi conseguiu ter a mentalidade tão próxima, igual a minha, com mães opostas, e nós, tanto eu como Davi, não temos influência paterna.*

Davi: *15, ambos tínhamos 15 anos. Tipo, nosso primeiro contato foi meio que virtual, porque quando Flora foi lá em Mossoró ela fez muitas amizades.*

Flora: *As pessoas conheciam muito porque assim meu nome também é único, sabe, e eu me destacava.*

Davi: *Flora, é, você se destacava.*

Flora: *Davi me conheceu mesmo por influência da internet, aí depois a gente teve o privilégio de estudar na mesma sala, e tipo, Davi ele tinha acabado de sair da outra escola.*

Davi: *Era bem mais tímido, assim aquela coisa tipo.*

Flora: *Falo de todo o contexto da sua vida nessa época.*

Davi: *Era uma coisa muito assim tipo, eu não tinha vida, eu saía muito pouco tempo, porque a minha mãe sempre.*

Flora: *Só ia pra igreja.*

Davi: *Eu só ia pra igreja, mas tipo assim, quando eu comecei a sair, tipo eu queria sempre aproveitar o máximo de cada coisa, eu queria tirar um proveito, tipo assim eu sempre tive sede de viver.*

Flora: *Quando eu e Davi saímos juntos pela primeira vez, parecia dois bichos soltos assim, parece que a gente tinha fugido do zoológico, sei lá, alguma coisa assim, a gente foi, eu fui escondida, na primeira vez, escondida de mãe, que foi a festa do sinal. Foi, assim que eu conto.*

Flora: *Davi, foi a primeira festa que você conta, da gente?*

Davi: *A gente sim, foi a primeira, porque tipo.*

Flora: *E a primeira festa assim, tipo LGBT que abriu meus olhos.*

Davi: *Porque assim eu nunca tinha tido um amigo bem resolvido, assim, como Flora, com 15 anos, tipo assim, e eu acho que o fato de Flora ser muito bem resolvida e vir de uma relação muito bem resolvida, me contagiou, tipo assim eu me tornei uma pessoa bem resolvida sabe.*

Davi: *De dentro de ônibus mesmo acontecia, sei lá, de eu tá, sei lá, eu tava, eu não tava com Flora, eu tava com Lissandra, mas tipo assim, chegou, subiu um senhor no ônibus, eu tava com o cabelo azul e tipo Lissandra lá, toda cheia de piercing, aquele jeitão dela, roupa masculina e tal, o cara chegou, ficou em pé do lado da gente, mesmo tendo um monte de lugar para sentar, ele ficou em pé perto da gente e começou a soltar piada, tipo assim, muitas piadas, tipo: “tão bonita ela, e ele tão novo, estragando a juventude”, não sei o quê, tipo, gente, e isso era o de menos o que a gente escutava, porque era cada coisa assim que a gente, eram coisas absurdas.*

Flora: *Era muito engraçado como eu e Davi, a gente pegava esses comentários negativos e a gente ria muito junto. E a gente amava, porque tipo, foda-se, a gente tá aqui tão feliz, tão viado, tão sapatão, mas tão de boa, a gente não tá influenciando na vida de ninguém.*

Davi: *E a gente ria assim na cara da pessoa, por que a gente ficava tipo ‘meu Deeeus!’, curtindo a nossa vida e muito feliz, plenos, bem resolvidos. As pessoas claramente revoltadas, viam, olhavam, era uma coisa assim.*

Flora: *Muitos olhares de julgamento, viu?*

Davi: *Muitas vezes, até hoje em dia, por causa do nosso estereótipo, assim o cabelo, o fato do cabelo colorido tipo, é uma coisa que, as pessoas julgam muito, tipo muita gente acha o máximo e muita gente tira isso o pé pra julgar.*

Flora: *Ou é oito ou oitenta, geralmente é assim, ou a pessoa elogia muito ou a pessoa critica muito, tipo: “ah você tão nova, acabando com seu cabelo” e eu: ‘é, justamente eu to nova, eu to na juventude, eu sei que quando eu tiver velha eu não vou ficar descolorindo meu cabelo, eu quero aproveitar enquanto eu posso, enquanto eu quero’.*

Matheus: *Eu sou naturalmente diferente e eu tenho muito orgulho disso, eu nasci, eu sempre, desde pequeno, eu fui diferente, eu sempre fui o differentão. Desde criança eu sou diferente. Tive, eu tive relação hetero, mas eu era um hetero diferente, entendeu? Eu nunca fui normativa, nunca fui aquela menininha normativa, não, pelo contrário.*

Flora: *É porque tem um certo padrão estabelecido na sociedade que não é só entre o fato de você ser gay ou lésbica, também insere várias coisas aí, é uma coisa, um universo enorme de segregações assim, porque você é para ser uma coisa e quando você se vê diferente daquilo, você começa de primeira instância, pelo menos comigo, você fica mal, você quer se encaixar de qualquer forma, é tipo como se eu fosse um círculo querendo ficar perfeito num quadrado, sabe, e você até tenta se adequar de primeira instância literalmente, porque você não era acostumado com tantos comentários negativos da sociedade sabe, quando você vai se mostrando diferente na sociedade, aí a pessoa tenta, pelo menos eu, de primeira instância tentei, me adequar, por muito no começo, eu tentei assim, ser tipo de um jeito, eu era normativa, quando eu ficava com um homem eu era eu era bem padrãozinho e tal, e depois eu fui mudando, e eu continuei ficando com homem, mas, eu mudei o meu jeito, eu era largadona, eu era bem diferente, mas isso não tinha nada a ver porque, eu gostava das pessoas, e isso não tenho nada a ver com o que eu era, se eu era feminina, se eu era macho, tanto faz, isso não tinha nada a ver, mas as pessoas julgam muito, por exemplo, se eu sou largada eu sou sapatão, então o que é que eu estava fazendo com...*

Matheus: *Eu ficava, eu descoloria o cabelo. Procurei pouquíssimo me encaixar.*

Flora: *Eu tentei bastante ainda.*

Matheus: *Foi porque assim, eu via que eu não conseguia ser, por exemplo, igual as minhas amigas de infância, as minhas vizinhas, porque assim, minha vida inteira sempre tive muito primo, e eu tenho duas vizinhas que a gente foi criado juntos, elas são minhas vizinhas até hoje, lá na rua da minha avó, e tipo, elas eram claramente o que a sociedade queria, entendeu, normativas, cabelinho lisinho, enquanto meu cabelo era incriminado, cacheado, entre aspas assim, visto pela sociedade como ruim, tanto que aos 13 anos alisaram o meu cabelo, sem eu nem saber o que estava fazendo, com 13 anos de idade, veio a primeira menstruação, pegue alisante, pegue alisante, e tipo, eu não me esforçava porque eu sabia que eu não me encaixava ali, eu sabia que eu era diferente, e eu me aceitava diferente, mas, eu não sabia quais seriam as minhas diferenças, quais seriam as minhas preferências, onde eu ia me encaixar, eu não sabia se eu ia me encaixar num triângulo, se eu ia me encaixar numa bola, se eu ia me encaixar num quadrado, num retângulo, num losango.*

A sociedade impõe marcas no ser humano a partir de sua imagem física, das características apresentadas externamente e, sem questionar, rotula: homem ou mulher. O binarismo prevalece e se utilizam do mesmo para anular a pluralidade, as possibilidades, as dimensões, do humano, da sexualidade, do gênero.

Bento (2012), coloca:

“Os gêneros inteligíveis condicionados à heterossexualidade e esta precisa da complementaridade dos gêneros para justificar-se como norma. Há uma amarração, uma costura, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, analisadas como identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisas esquisitas”. (BENTO, 2012, pág. 45)

Flora (sobre e para Matheus): *Você era sem forma.*

VI A DIVERSIDADE, CONDIÇÃO E DIMENSÃO (HUMANA)

Pesquisa reencaminhada, com novo direcionamento e pauta com novo curso e indagações: Como nos tornamos humanos diante de uma sociedade que exige que a gente passe a maior parte do tempo nos comportando de acordo com o que ela espera de nós? Sociedade essa onde o binarismo de gênero, o padrão heteronormativo e patriarcal seguem ditando as regras, lugar onde ninguém se entende porque compreensão leva tempo, e o tempo de cada um não pode ser “desperdiçado” com alguém com quem não me identifico, não enxergo o que é diferente no outro como algo que temos em comum.

E é incrível como as pessoas não se escutam. Os poderosos não escutam os sem poder, os capitalistas não escutam os trabalhadores, os homens não escutam as mulheres, os heterossexuais não escutam os não normativos, os brancos não escutam os negros, os opressores, afinal, não escutam os oprimidos. Ora, a problematização da escuta por si só já perturba a hegemonia da fala, que sempre foi dominada pelos sujeitos autoritários. (TIBURI, 2018, p. 57)

E se não temos algo em comum, a sociedade não existe, por isso, haverá sempre alguém abrindo mão de algo para se encaixar, para caber dentro das normas – atendendo as imposições para não habitar as margens, margens essas habitadas por maiorias – as quais tentam de toda forma “minorizar”, conceituando como minorias -, e não apenas conceituam, mas, colocam à parte, distanciando-as do que é padronizado. Sobre isso, Nery (2011), afirma:

Transformei-me literalmente num marginal, pois vivia à parte, à margem. Não pertencia nem ao grupo majoritário heterossexual e aceito, nem a qualquer grupo minoritário e discriminado. Não me sentia mulher nem homossexual. Ainda desconhecia todas as categorias “inventadas” em meados do século XX. Sabia que não era aprovado pela maioria. Em que grupo existente me enquadrava? (NERY, 2011, p. 45)

Por não conseguir enxergar a condição humana do outro, não refletir sobre o fato de que somos todos iguais independentemente da nossa orientação sexual ou de qualquer outro aspecto que não nos coloque entre a ‘maioria’, percebemos o fortalecimento de uma cultura de indiferença, de intolerância.

É necessário compreendermos a nós mesmos, para então compreendermos o outro. Talvez falte a autoanálise de que somos sempre ‘um outro’ para ‘o outro’, e nos sensibilizarmos com a perspectiva de que gostaríamos de sermos respeitados pela nossa condição humana, sem levar em consideração escolhas, seja de que aspecto for, cor da pele, religião ou orientação sexual. Diante do universo que o ser humano representa, Morin (2011) diz:

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer nos outros mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão. (MORIN, 2011, p. 51)

A multiplicidade do ser humano pode e deve ser levada em consideração na sua condição existencial, mas, nunca reduzida à sua condição LGBT, porque o ser humano vai além, muito além de suas experiências sexuais e isso não deveria definir ninguém.

Somos (aparentemente) os únicos seres vivos, na terra, que dispõem de um aparelho neurocerebral hipercomplexo, e os únicos que dispõem de uma linguagem de dupla articulação para comunicar-se, de indivíduo a indivíduo. Os únicos que dispõem de consciência. (MORIN, 2017, p. 36)

Estudar a condição humana a partir de Edgar Morin, que traça de forma conceitual e esclarecida o passo a passo dessa complexidade que é o ser humano, e de João W. Nery, primeiro transexual da América Latina, a ser operado no Brasil – para readaptação do corpo -, que narra sua trajetória por meio do experiencial, confidenciando todas as etapas de uma história para além do preconceito, e o Diário de Pesquisa, onde “está contida a captura de uma escrita a ser publicada, debatida entre próximos e, num momento posterior, com pessoas mais distantes” (BARBOSA, 2010, p. 34), possibilitou não só conhecer, mas, estabelecer a conexão: escuta-vivência-escrita.

Falar de condição humana abordando o contexto da diversidade sexual, assunto cada vez mais necessário e urgente – por ainda estar resguardado em meio a tantos tabus (segundo o dicionário, a palavra tabu vem da palavra polinésia *tapu*, que significa algo sagrado, especial, perigoso ou pouco limpo), preconceito e discriminação - no nosso cotidiano, elevamos o cuidado, pois o tabu traz à tona o ar proibitivo do assunto. Mas, proibido por quê? Segundo Morin (2017):

O ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. O cérebro, por meio do qual pensamos, a boca, pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são órgãos totalmente biológicos e, ao mesmo tempo, totalmente culturais. O que há de mais biológico - o sexo, o nascimento, a morte – é, também, o que há de mais impregnado de cultura. Nossas atividades biológicas mais elementares – comer, beber, defecar – estão estreitamente ligadas a

normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ritos, ou seja, ao que há de mais especificamente cultural; nossas atividades mais culturais – falar, cantar, dançar, amar, meditar – põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto o cérebro. (MORIN, 2017, p. 40)

Nessa perspectiva, Nery (2011, p. 52), afirma em sua autobiografia como se sentia ao não identificar-se com o corpo ao qual viera ao mundo: “Minha crise corporal foi dolorosa e confusa. Ao mesmo tempo que meu corpo era eu, também não o era. Quando tomava banho, por exemplo, sentia que não dava banho num corpo estranho, mas em mim, queria me sentir limpo”.

Bento (2012), coloca sobre transexualidade:

Os gêneros inteligíveis condicionados à heterossexualidade e esta precisa da complementaridade dos gêneros para justificar-se como norma. Há uma amarração, uma costura, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam foram dessa amarração são postas às margens, analisadas como identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisas esquisitas. (BENTO, 2012, p. 45)

A dimensão do ser humano vai tão além de categorias e conceitos que, se parássemos um pouco para refletir sobre o mundo que é cada pessoa, não estaríamos tão preocupados em apontar quem é quem, baseando-se numa característica, em algo que fez ou faz, de acordo com a religião praticada ou pela falta dela, não julgaríamos ou definiríamos alguém pelas suas escolhas pessoais, pelas suas preferências, orientação sexual ou algo que lhe é inato, como a sua cor. Compreendemos que diante de um ser humano dotado de experiência, de vivência, de conhecimento, não devemos reduzi-lo à mínima parcela de si mesmo, nem à parcela ruim do seu passado, como bem coloca Morin (2017, p. 50) o qual reforça que, ao contrário do que acontece na vida comum, onde as pessoas têm pressa de qualificar o outro por qualquer que seja sua atitude, como por exemplo, concedendo-lhe o título de criminoso àquele que cometeu um crime e desqualificando todos os outros aspectos de sua vida e de sua pessoa, para então supervalorizar aquela ação apontada como negativa, sem considerar nem mesmo, os grandes personagens do cinema e da literatura que se redimiram e mostraram que havia muito mais a apresentar do que apenas a “maldade” de outrora.

Nascemos com a função de sermos humanos, mas, a sociedade e suas imposições exigem muito mais, é estabelecido um consenso com leis rigorosas que padronizam o comportamento a ser seguido inflexivelmente, ao contrário disso, esteja preparado para as sentenças. Estamos todos fadados a viver submissos à análise do outro: passamos a maior parte do tempo agindo conforme às expectativas que os outros depositam em nós. Parece até que somos personagens de uma história escrita a várias mãos, mas, com um roteiro entediante e abarrotado de critérios impossíveis de serem editados e um final totalmente previsível. O comportamento não é espontâneo, é forçado a cumprir. Tem se tornado cada vez mais evidente essas imposições, quando as cobranças a respeito do que você faz se sobrepõem ao que você é. As pessoas são ímpias ao exigir que o outro se encaixe, ao defini-lo, ao não buscar compreensão a respeito do outro, e essa falta de compreensão vem do íntimo, pois, muitas vezes não compreende nem a si mesmo, ainda assim, sente-se capaz de formar conceito sobre os demais, esquecendo-se que cada um de nós é um eu, e um outro, assim, somos passíveis todos de julgamento.

A partir dessa falta de compreensão, os pareceres oriundos de dedos apontados para o outro seguem, e em algumas situações julgando até mesmo quem nem conhecemos. É uma sociedade que cobra, estabelece e põe em dúvida, gerando estranheza e desconforto a partir do “não-comum”, quando passamos a acreditar que só é certo aquilo que está nas “cartilhas” do meio social em que vivemos. Mas, o julgamento incessante é fruto da ausência de autoconhecimento, em nossa condição humana social como está posta, não estão acostumados a pensar sobre si, porque é doloroso pensar a nosso respeito, sobretudo pelos erros que cometemos, e são esses erros que fazem o indivíduo acreditar que, se ele não apontar o outro como impróprio, inadequado ou incapaz, não haverá como diferenciar-se e colocar-se entre os que seguem as normas para então sentir-se pertencido ou alguém “melhor”. Podemos evidenciar com uma cena vista no meio profissional, quando um indivíduo que busca qualificação consegue alcançar determinado status e seus colegas não, esses mesmos colegas procuram de alguma forma desqualificar aquele título, ou desqualificam o próprio sujeito que agora exhibe um currículo mais sofisticado, dizendo que, por mais que tenha elevado a categoria ou o nível do currículo, lhe falta algo – geralmente algo que eles

possuem em demasia, ou acreditam possuir, como: simpatia, trato com o outro, experiência no ramo etc. É como se fosse preciso dizer que o outro não tem serventia para então se sobressair, se destacar diante dele.

Quando avivamos para focar a condição humana, conjecturamos que o realinhamento do processo produziria resultados satisfatórios, principalmente por estarmos lidando com sujeitos de pesquisa extremamente dispostos e envolvidos com a possibilidade de ampliarmos nossos horizontes sobre a condição humana dos LGBT's em formação, e mais ainda, por eles, colaboradores entusiasmados em ter voz ativa. Neste sentido, lembramos Macedo (2009, p. 121), alertando sobre a necessidade da presença da voz instituinte dos atores sociais com os quais a pesquisa trabalha, e que ele não fale pela "boca da teoria"; não seja apenas um figurante legitimador de conceitos cristalizados, corporativos e protegidos; fato é que não devo me colocar como superior por achar que sou "porta-voz" de alguém. A fala dos atores deve ser material de primeira mão para as interpretações fundamentadas na realidade da qual ele faz parte, irremediavelmente. Desse modo, as citações das narrativas dos atores que estão presentes neste trabalho, se constituem num procedimento pertinente em termos de coerência teórico-epistemológica para a pesquisa qualitativa, servirão também como base para a avaliação da pertinência das conclusões a que chegaram o estudo.

As peculiaridades do ser humano surpreendem e por isso carecemos conhecê-las. Como humanos precisamos nos situar, saber onde estamos e então procurar sentido para nossa existência. A complexidade humana ultrapassa distinções, como cor de pele, religião e orientação sexual - conforme explicitamos anteriormente -, não deve se restringir ao ter, mas, valorizar o ser, assim, não se exclui a dimensão humana, mesmo quando é subdividido e precisa complementar-se, distanciando-se de tudo que o separa e isola dos grupos, e esquivando-se das categorias/termos, como os que tiveram sua significação biológica retiradas pelas ciências sendo remetidas a socioculturais, conforme explica Morin (2017, p. 36): ser jovem, velho, mulher, homem, nascer, existir, ter pai e mãe, morrer. Se cada ser humano traz consigo os mundos, físico, químico e vivo, e são distanciados pelo pensamento, ciência e cultura, é evidente o questionamento: porque o próprio ser humano segrega, rotula, classifica? Talvez exista um pensamento arcaico guiando a sociedade, que está enraizado e quiçá por falta de conhecimento e/ou de

amadurecimento, o mundo gira, as coisas acontecem e as pessoas perseveram com a mesma mentalidade do passado.

Apesar de estarmos vivendo há anos numa sociedade tipicamente intolerante, a qual tenta a todo custo manter um padrão, existem possibilidades que nos fazem crer em modificações do pensamento, e um dos principais meios para que essas mudanças se concretizem é a aquisição de novos conhecimentos provenientes de novas descobertas. Encaixar-se, procurar seu lugar no mundo, é de certa forma compreender-se como filho do universo, que está dentro e fora da natureza a um só tempo, assumindo-se como ser simultaneamente, cósmico, físico, biológico, cultural, cerebral, espiritual, segundo Morin (2017, p.38), ele afirma também nossa estranheza ao cosmo do qual somos filhos e secretamente íntimos, “em consequência da nossa humanidade, nossa cultura, nosso espírito, nossa consciência”.

Fiz uma reflexão crítica sobre como vinha pensando em discutir a temática deste trabalho, o formato e a importância do tema, eis que surge uma implicação a respeito: qual o motivo de se discutir a sexualidade? Se não nos importamos com o outro em aspectos distintos, não paramos para ouvir sobre suas angústias e medos, não nos sensibilizamos pela sua dor e pelas suas perdas, porque então nos perturba, aborrece e irrita sua orientação sexual? Lembrando que o incômodo chega ao ponto de pessoas serem assassinadas no Brasil, por causa de sua condição LGBT, aliás, o ódio desenfreado atinge ainda outras pessoas, seja por causa da cor, seja por ser mulher, seja por fazer parte de outros “grupos” apontados como “minorias”, a exemplo os povos indígenas. O ódio, a intolerância, os acessos de fúria, são “sentimentos” fruto de uma geração fraca, com medo, e que esconde sua fraqueza, seu desejo – principalmente se ele é vergonhoso e exige um disfarce – leia-se por disfarce: imagem que o sujeito cria sobre si mesmo e repassa para as pessoas, desejando que seja socialmente aceita. Quanto mais achamos que nos conhecemos, maior é a distância para alcançarmos tal feito, e se não conhecemos nem a nós mesmos, como nos atrevemos a conceituar o outro? Além da falta de empatia, do preconceito, dos olhares inquisidores, existe algo mais a ser suprido em nossa sociedade: as pessoas de uma forma geral precisam desenvolver amplamente sua capacidade intelectual, de compreensão, de inteligência, é um caminho necessário para as resoluções de conflitos e problemas, como também, os

ajustes a novas situações. Para que isso aconteça, a educação deve ser prioridade, pois é ela quem faculta o aprimoramento intelectual do indivíduo, lhe ativando as práticas e atizando o desenvolvimento. Uma boa proposta de aprimoramento intelectual é a do pesquisador acadêmico, segundo o professor Joaquim Barbosa, orientador deste trabalho, para sermos bons pesquisadores, devemos, acima de tudo, sermos curiosos, trazermos lá da infância aquela astúcia das perguntas, de perguntar sobre tudo, astúcia essa adormecida com o passar dos anos, vamos nos tornando adultos, pensando saber tudo, ou nos tornando envergonhados, receosos de sermos inoportunos ou bobos, e acabamos deixando de lado essa habilidade.

Tive a oportunidade de me familiarizar com as escolas em que Davi, Flora e Matheus estudaram, em relatos feitos por eles, descrevendo como funcionavam seus sistemas, através de relatos minuciosos no decorrer dos nossos encontros - parte da vivência, da experiência de quando estava em campo durante a pesquisa. A abordagem sobre a escola se faz necessária pelo fato de termos pontuado o item aquisição de conhecimento e conseqüentemente de como as pessoas podem mudar as coisas, o pensamento, o mundo, por meio do conhecimento adquirido e das possibilidades que dali surgem. É bem notório que a escola de um modo geral, sejam elas públicas ou privadas, ainda tentam encaixar, colocar seus alunos dentro de uma fôrma, ditando as regras e tentando padronizar, seja o comportamento do aluno ou fazendo com que ele absorva as regras, de modo a segui-las no modelo mais diretivo possível, porque, ter regras, como qualquer instituição deva ter, a escola também é uma instituição, mas é de se esperar que as regras instituídas possam ser passíveis de serem problematizadas e recriadas tendo no horizonte o humano de cada aluno que está ali. Barbosa (1998, p. 10), analisa a esse respeito dizendo que somos subdesenvolvidos por sermos condicionados política, econômica e socialmente, mas principalmente pelo “modo de pensar e de ser que inviabiliza a criação de um projeto pessoal e social e nos ata a modelos e soluções produzidos por outros (portanto, para outros)”.

Seria impensável uma escola, considerada segunda casa dos alunos, local para trabalhar o aperfeiçoamento intelectual e humano, querendo promover a produção em série de “alunos robôs”, que sejam máquinas, sejam “objetos não-pensantes”, que apenas seguem regras, que apenas vão seguindo a cartilha, sem questionar, sem se impor. Qual a intenção de uma escola ao dizer a um aluno como

ele deve se comportar, como ele deve ser? O papel da escola não deveria ser o de mostrar os caminhos, ampliar os horizontes? Teoricamente sim, mas, há diversas situações em que o aluno é tratado como um objeto, como se os mesmos não fossem capazes de pensar e ter consciência de si, necessitando de um manual de “boas maneiras”, como se estivesse ali para cumpri-lo em sua totalidade, ao invés de manufaturar ideias. O aluno não deveria ser apenas um instrumento, mas, peça-chave na lapidação do saber. Havendo a intenção de servir, que sejam servidos mutuamente, tendo o aluno voz e vez dentro da escola, estabelecendo “intercâmbios cada vez mais sofisticados para apreender a complexidade do ato educativo num contexto igualmente complexo como o do Brasil atual”, conforme explica Barbosa (1998, p.12), podendo se situar, se colocar como ser humano e sendo suas questões pessoais abordadas, abordadas humanamente, e não aconteça como aconteceu com Davi, numa das escolas em que estudou, ao invés de lhe oferecer o acesso ao conhecimento e ao acolhimento necessário, fez com que ele tivesse o dissabor da experiência de lidar com a intolerância por aqueles que ocupavam os mais altos cargos da escola. Ao invés de ter sido amparado, obtido mais informações a respeito de um tema o qual julgou como necessário numa aula de história, a diretora chegou e mandou arrancar um simples cartaz – produzido por ele e outros colegas, porque o material tratava sobre a homofobia e aquele assunto ia de encontro ao que estava prescrito nas normas da escola. Se no lugar do comportamento conservador, a diretora tivesse dado espaço para o debate da temática, por sinal tão presente, poderia não apenas esclarecer dúvidas, mas, ajudar vários alunos a não praticarem *bullying*, a lidar com situações de preconceito quanto a própria sexualidade ou a de um colega, a não praticarem a intolerância, mas não, ela preferiu dar espaço para que o assunto continuasse sendo tratado como um tabu em sua escola. Paralelamente estava Flora em uma escola onde os funcionários chegaram ao ponto de querer interferir até na roupa que ela usava, e podemos perguntar: o que uma roupa pode mudar na personalidade de alguém? Se você olha para ela e a enxerga como um ser humano, que influência tem a roupa dela? Porque devemos julgar uma pessoa a partir do que ela veste? Essa é uma das muitas formas de padronização da sociedade: uniformizar todo mundo, em todos os aspectos. Ainda podemos citar o exemplo de Matheus, que não se sentiu confortável ou pertencido a nenhuma das escolas pelas quais passou, e na última delas, ainda sofreu *bullying*, por estar numa fase de aceitação de si mesmo – enfrentando vários

dramas de sua fase de transição, identificando-se como transexual. A enxurrada de ofensas fora orquestrada pela própria namorada, sendo apoiada por vários colegas, e a escola nunca se pronunciou, nunca fez nada a respeito, então, a partir desses posicionamentos por parte das escolas, que perguntamos: as escolas estão preocupadas em formar, em educar, em (re)passar e oportunizar a apropriação de informações, mas, de que forma está sendo feito? É imprescindível a humanização das relações, familiares e sociais, contar com um corpo docente e de funcionários humanizados, que procurem compreender a situação dos seus alunos e de cada um: “O ser humano é feito assim, através do investimento numa pessoa concreta, através de um Eros platônico.” (CASTORIADIS, 1998, p. 63)

Compreendemos que as salas de aula são lotadas e que a maioria dos professores têm várias escolas para assistir, trabalhando em mais de uma ao mesmo tempo e com muitas turmas, muitos alunos, mas, seria possível pensar uma escola com vínculos menos mecânicos e instrumentalizados, pensar em políticas públicas eficientes para abrir possibilidades, proporcionar diálogos e exercitar algo que anda alheada da educação, a compreensão, de suma importância em todos os níveis educativos e em todas as idades, o que significa caminhar na direção do que diz Morin (2011) quando afirma que é preciso reformar as mentalidades:

A educação deveria incluir o ensino das incertezas que surgiram nas ciências físicas (microfísicas, termodinâmica e cosmologia), nas ciências da evolução biológica e nas ciências históricas. Seria preciso ensinar princípios de estratégia que permitissem enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza, e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo. (MORIN, 2011, p.17)

A gente sabe que as escolas são cobradas a obterem resultados satisfatórios para preencherem os requisitos dos relatórios, dos questionários, das fichas, dos gráficos, mas, do que adianta aparecer bonito nas estatísticas e não desenvolver a condição humana? Atingir metas estabelecidas por quem está de fora – e que muitas vezes não conhece a realidade, mas, acaba convencendo quem está dentro da escola a querer atingir essas metas, não para fazer o aluno melhor, mais eficiente, mais inteligente, mas para conseguir o prêmio de “escola modelo”, porque ter, infelizmente, se sobrepõe – como já dissemos - ao ser, e importa muito mais assumir a identidade de modelo a ser seguido do que saber se os alunos estão entendendo o conteúdo, se formando como humanos, infelizmente essa é a nossa realidade. A transferência do saber, segundo Castoriadis (1998, p. 65), deve ser

sustentada “por atividades que visam a objetos sociais - o saber é um objeto social por excelência – e que são fonte do prazer de pensar”.

Quando os pais matriculam seus filhos nas escolas, fazem exigências, querem que saiam mais preparados, aprovados, prontos para ingressar numa universidade; mas, formar e preparar para a vida sem humanidade, é possível? Para Giust-Desprairies (1998, p. 67): “As experiências mostram que desenvolver o sujeito envolve uma espécie de desqualificação da transmissão de conhecimentos, da transmissão do saber”. Certa vez, dividindo experiências sobre minhas passagens pela sala de aula, como estagiária, confessei me sentir, de certa forma, responsável pela felicidade dos alunos, levando em consideração que ao tomar conhecimento da vida pessoal de alguns, a escola se apresentava como um lugar onde eles conseguiam abstrair situações do cotidiano deles, a sala de aula funcionava como refúgio, e como efeito, o(a) professor(a), alguém com quem pudesse contar além de um “divulgador” de conteúdo – ao ouvir meu relato, uma professora muito experiente disse-me que quando estava em sala de aula não se sentia responsável pela felicidade de aluno nenhum, que a “única obrigação” dela, era repassar conhecimento para os alunos e nada mais, a vida privada dos alunos não lhe interessa, isso me causou estranheza. Castoriadis (1998, p. 68) diz que é essencial que os educadores sejam sensíveis para perceber que crianças podem lhes ensinar muito, além do que está nos livros, pode ensinar-lhes especialmente sobre ser-criança, como fazem com seus pais.

Como imaginar a convivência com outros seres humanos e enxergar apenas o que eles lhe mostram, sem perceber ou procurar entender o que há por trás de um comportamento excessivamente arredo ou de muita introspecção? Para Morin (2017, p.99), “é preciso haver reformas de flexibilidade, de diminuição de carga horária, de organização, mas essas modificações sozinhas não passam de reformazinhas que camuflam ainda mais a necessidade da reforma de pensamento”.

A condição humana, a complexidade, a reforma do pensamento, tudo isso auxilia na (re)construção da humanidade (que parece estar) perdida. Castoriadis (1998, p. 72) diz: “aquilo a que chamamos de complexidade é, a meu ver, uma das manifestações do que chamo de a natureza magmática do ser.” Há que se rever as certezas conhecidas e implicar com as incertezas, ambas oriundas das ciências, é

necessário ensinar mais que conteúdos, é urgente alicerçar e modificar o desenvolvimento e a mente do ser humano, preparando-o para as incertezas, o inesperado e os imprevistos, é preciso ainda, segundo Morin (2011, p.17) “aprender a navegar em oceanos de incerteza em meio a arquipélagos de certeza” e que “todos aqueles que se ocupam da educação constituam a vanguarda ante a incerteza de nossos tempos.”

Quando despertada, a condição humana aviva sentimentos como a empatia. Quando me aproximei de Davi, Flora e Matheus e fomos a campo para desenvolver o material deste trabalho, passei a conhecer detalhes sobre a vida de cada um, uma das muitas pautas que muito chama atenção é a mudança que a chegada de Flora na vida de Davi ocasionou. Das mais diversas formas Davi expressa a gratidão por Flora ter banido a “nuvem negra” que o acompanhava, e ter se transformado em seu arco-íris, dando-lhe novo direcionando na forma de viver, reforçando que não havia nada de errado em sua forma de ser, agir e pensar. Davi foi surpreendido pelo inesperado, como Morin (2011, p. 29) explica, estando ele instalado de maneira segura, por mais desconfortável que fosse, interligado a teorias e ideias sem estruturas para receber o novo, no entanto, o novo que brota sem parar, imprevisível, se manifestou, revendo as teorias e as ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo.

O que Davi e Flora enfrentaram juntos – e antes de se conhecerem, separados - na rua, na escola e em outros setores da sociedade fez deles seres humanos mais fortes. Esse enfrentamento constitui etapas de entendimento, compreensão de si, aceitação, entre outras questões essenciais para que eles se enxergassem acima de tudo como humanos que são dispostos a confrontar o que Bento (2006) chama de operação de recorte e colagem, que tentam a todo custo mascarar como sendo uma opinião pessoal chamar alguém de “veado” ou “sapatão”. E essa operação de recorte e colagem funciona da seguinte forma: retira-se a expressão de um contexto social amplo e tenta encaixá-la em um novo contexto, escamoteado como opinião pessoal, ou seja, uma citação ressignificada a novos contextos (BENTO, 2006, p. 91).

Cada um, quando se conheceu, trazia sua força interior consigo, atizada pelo encontro. Ao iniciarem um ano letivo juntos, num colégio em que estava concentrada grande parcela da elite burguesa de Mossoró, eles não se sujeitaram a posição de

defesa, nem assumiram papel de sujeitos passivos, ao contrário disso, se impuseram com personalidade e coragem, assumiram a empatia que possuíam um pelo outro, sem se julgar, revelando-se parecidos e com os mesmos gostos, a ponto de não desgrudarem. Cabe aqui refletir sobre a capacidade rara hoje em dia, de se identificar com o outro, de procurar entender seus sentimentos, de ouvi-lo, conforme citamos no início do texto, e foi ao se ver um no outro, e também ao ver a si perante o outro, que Flora e Davi resolveram não mais se soltar.

Foi essa forma de se conduzir, de enxergar o mundo e os sentimentos, fazendo tudo um pelo outro que, Davi e Flora conquistaram a compreensão e admiração dos colegas que tanto se diferenciavam não apenas pela condição financeira, mas, por todos os outros padrões em que não se encaixavam. Os colegas passaram inclusive a prestar solidariedade à dupla Flora e Davi, quando os dois não estavam de posse de algum valor em dinheiro para lanchar. Apesar disso, havia sim, quem os intitulassem de “estranhos”. Morin (2017) reforça essa ideia quando diz que “o sujeito oscila entre o egoísmo e o altruísmo”, sendo tudo no egoísmo, enquanto os outros são nada; “mas, no altruísmo, eu me dou, me devoto, sou inteiramente secundário para aqueles aos quais me dou” (MORIN, 2017, p.127).

Achar Davi e Flora excêntricos, apontar o comportamento deles como algo que foge ao convívio é de certa forma natural, pois, tudo que é novo, sempre será visto com estranheza por alguns, ou pela maioria. No caso da escola elitizada, acostumada com os comportamentos padrões, o estranhamento é “natural”, afinal, a sociedade é este confronto/cooperação entre os indivíduos sujeitos, entre os “nós” e os “Eu”, afirmado por Morin (2017), e sobre o sujeito, ele deixa claro:

Não é uma essência, não é uma substância, mas não é uma ilusão. (...) O reconhecimento do sujeito exige uma reorganização conceitual que rompa com o princípio determinista clássico. (...) suas ambivalências, suas contradições não podem ser pensadas nem sua centralidade e sua insuficiência. (...) Precisamos de uma concepção complexa do sujeito. (MORIN, 2017, p.128)

Quando questionados se acreditam em Deus, Davi, Flora e Matheus – singulares e plurais ao mesmo tempo - respondem de forma muito alinhada, com um pensamento bem parecido, os três creem numa força superior e/ou no que faz bem a eles, porém, vale considerar que no passado, todos três frequentaram assiduamente igrejas e seus cultos religiosos, Davi por imposição da mãe, Flora por identificação e Matheus por influência familiar. Por causa desse passado com

presença religiosa, perguntei se já haviam se privado de fazer algo por considerarem que era errado perante a igreja/religião, e Flora assumiu que sim, durante seu período de interação com a religião evangélica ela afirmou ter se privado de algumas coisas sim. Matheus, mesmo tendo frequentado a igreja por quatro anos, diz não ter sentido essa angústia da privação e afirma que, quem tem conhecimento e se aprofunda na história, é ateu. Sobre religião é possível constatar que, aqueles que tanto falam em nome de Deus, o pai protetor todo poderoso, parecem não entender nada de humanidade, de condição humana, mas, abusam do vocabulário para amedrontar e lhe fazer crer que, caso não siga as regras, seu lugar estará garantido no inferno. Um paradoxo: como pode um “pai” bondoso como é o Deus descrito nas igrejas – evangélicas e católicas – querer que um(a) filho(a) vá para o inferno por não frequentar um templo religioso? Mesmo naqueles que pregam o amor, a humanidade está ausente. Segundo Morin (2011, p. 51, 52), todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo, todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui, ele próprio, um cosmo, e a dimensão humana permite ampliar os horizontes por meio de questionamentos, não aceitando tudo que lhes é apresentado. Trazemos multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, no ostensivo e no secreto, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis. Cada um de nós, ainda segundo o autor, contém em si galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, abismos de desgraças, imensidões de indiferença gélida, acessos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez, tormentas dementes.

Sobre privações, é notório que a geração que está aí pensa de uma forma não padronizada, é uma geração mais questionadora e a exemplo de Davi, Flora e Matheus que afirmam não se deixar influenciar por pensamentos, opiniões ou pontos de vista antigos e sim, acompanham a evolução constante podemos reafirmar essa colocação. E são esses pensamentos questionadores, esse olhar diferenciado que compreende a capacidade de absorção de conhecimento, até mesmo de um produto produzido por uma emissora de televisão voltada costumeiramente para alienação do público, é ter discernimento para tirar lição de uma novela que expõe a temática da transexualidade e acaba por se tornar o gancho que Matheus precisava para então explicar sua condição sexual para a sua família. Como dizer então que, novela

não é cultura? Nesse aspecto, Morin (2011, p. 50 e 51) assegura que “a cultura é construída pelo conjunto dos saberes, dos fazeres, das regras, das normas, das proibições, das estratégias, das crenças, das ideias, dos valores, dos mitos, que se transmite de geração em geração”. É como o conhecimento transmitido em sala de aula, o professor repassa as informações para todos os alunos da mesma forma, mas, cada um apreende de uma maneira diferente, assim é mantida a complexidade psicológica e social, a esse respeito, Macedo (2016, p. 52), afirma: “ninguém aprende igual, ninguém aprende tudo e, de alguma perspectiva, nem toda aprendizagem é boa. São experiências perspectivais”. Toda sociedade humana, seja ela arcaica ou moderna, possui uma cultura singular, assim, “sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas”.

A curiosidade inata ao ser humano, se estimulada, ou despertada é o que faz sua compreensão se ampliar, como outra forma de ver o mundo e suas dimensões, ponderar sobre o outro e suas atitudes. Barbosa (1998, p.10) coloca a qualificação para a pesquisa como condição necessária para a formação dos profissionais da contemporaneidade, no sentido de desenvolver uma “atitude ávida de indagação, questionamento e produção de respostas num contínuo *bricolar*, por não se tratar de um processo acabado, mas de um processo em construção”. Em uma de suas reflexões, Matheus coloca a curiosidade como uma semente que cada um de nós possuímos, e nos caberá decidir se vamos deixar que essa semente germine ou não, o primeiro passo para germinar é assumir-se empático, se não, cada um segue acreditando no que é mais fácil, mais aceitável, da forma que a sociedade quer, enfim. Sobre esse pensamento, Morin (2011, p. 44), fala da necessidade de se promover um “relembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo”; a valorização do conhecimento em variados aspectos e derivados das ciências humanas, evidenciando a “multidimensionalidade e a complexidade humanas”.

A cultura, uma cabeça bem organizada e horizontes amplos aparecem como antônimos de aceitação do que é imposto, aquilo de ser apenas mais um “tijolo na parede”, igual a todos os outros para então ser reconhecido, ser aceito, ser visto como humano. Quando falamos em não reduzir o sujeito a uma única condição sobre si, fortalecemos a importância de se propagar conhecimento, para que o maior número possível de pessoas possa ter conhecimento, porque sim, as pessoas em

grande quantidade são ignorantes por falta de acesso ao conhecimento e muitas vezes nem têm consciência de sua ignorância. Assim:

A consciência, em minha concepção, é a emergência última da qualidade do sujeito. É uma emergência reflexiva, que permite o retorno da mente a si mesmo, em circuito. A consciência é a qualidade humana última e, sem dúvida, a mais preciosa, pois o que é último é, ao mesmo tempo, o que há de melhor e de mais frágil. E, de fato, a consciência é extremamente frágil e, em sua fragilidade, pode enganar-se muitas vezes. (MORIN, 2017, p. 126)

Fazer parte de um grupo, pertencer a ele, dividir opinião a respeito de algo, são componentes que podem ter contribuído para que a mãe de Matheus tivesse a necessidade de frequentar uma igreja evangélica sem que, de início, conseguisse sequer interpretar o que estava escrito na bíblia, mas, ela optou por abrir mão de sua liberdade, de fazer o que bem entendesse em prol de seguir os mandamentos da religião. Em contrapartida, é indispensável perceber que ao fazer a escolha de tornar-se evangélica, ela fez uso da sua liberdade, mesmo que tenha sido para, de certa forma, retroceder seu pensamento, principalmente em se tratando da sexualidade do filho. Enquanto a mãe de Matheus demorou anos para frequentar uma igreja, Davi cresceu dentro de uma, ouvindo os religiosos recriminarem entre outras muitas coisas, os homossexuais. O que diferencia Davi da mãe de Matheus não é apenas a época que foram parar na igreja, ou a idade, é saber distinguir o que lhe serve, o que serve para o bem comum e o que é apenas fruto do preconceito de anos, criação cultural por meio de práticas fundamentalistas. Os religiosos ofendem e recriminam os homossexuais e todas as outras pessoas que não estão entre eles, em troca, recebem o mesmo tratamento e passam até a serem ignorados, tamanha é a discrepância de pensamento. Nesta perspectiva Morin afirma:

É preciso examinar o elo entre a ideia de sujeito e a ideia de liberdade. A liberdade supõe, ao mesmo tempo, a capacidade cerebral ou intelectual de conceber e fazer escolhas, e a possibilidade de operar essas escolhas dentro do meio exterior. Sem dúvida há casos em que se pode perder toda a liberdade exterior, estar numa prisão, mas conservar a liberdade intelectual. O sujeito pode, eventualmente, dispor de liberdade e exercer liberdades. (MORIN, 2017, p. 126)

A forma de pensar, de ver o pensamento, nos diferencia uns dos outros. Davi vem de uma criação oposta da de Flora, que teve sempre ao seu lado uma mãe que a incentivou ser como quisesse, primando pela sua liberdade e direito de ser feliz,

mostrando-lhe que há uma sociedade preconceituosa e cheia de conflitos a serem resolvidos, mas, invariavelmente lembrando que a resistência existe e pode ser utilizada contra o autoritarismo e outras formas de estabelecimento de regras que venham a lhe tirar o direito de ser quem é. E mesmo com as criações diferentes, opostas, quando Flora e Davi se encontraram, reconheceram-se de imediato em cada detalhe, se viram um no outro, como se já se conhecessem, como se viessem do mesmo lugar, como se tivessem a mesma formação (doutrinação) familiar. Entendemos a partir disso, quando Morin (2017, p. 119), diz que “somos produtos e produtores, ao mesmo tempo”, e as interações entre indivíduos são responsáveis por produzirem a sociedade, considerando o fenômeno social, com sua cultura, suas normas, retrocedendo sobre os indivíduos humanos produzindo-os como “indivíduos sociais dotados de uma cultura”.

Ainda analisando a condição humana sob o aspecto familiar, destaco a alteração da relação entre Matheus e sua mãe quando, no início de sua transição, ela assumiu uma postura de sua inimiga, isolando-o da convivência familiar e de possibilidades de contatos entre os dois. Quando tentou explicar para Matheus o motivo do seu comportamento intolerante, colocou a igreja e a sua religião como “culpadas”, disse que se Matheus tivesse investido em se reconhecer como transexual em momento anterior à sua iniciação como evangélica, tudo haveria sido diferente, mas, na atual condição ela não poderia aceitar, pois ia de encontro às ideologias as quais estava acostumada e no que acreditava ser verdade. Nesse aspecto, Morin (2017, pág. 53), diz que “não somos apenas possuidores de ideias, mas somos também possuídos por elas, capazes de morrer ou matar por uma ideia”.

Voltamos à educação e salientamos que, mesmo com suas regras e limitações, as escolas poderiam estar a serviço da humanização, e ao invés de só questionar as atitudes de quem não segue suas normas, procurar entendê-las, debatê-las. Não ser apenas um incômodo na vida do não-padrão, mas, a verdadeira segunda casa, onde os ensinamentos e as aprendizagens tivessem como ponto em comum o reconhecimento da condição humana. Assim, Morin explica:

Deveria ser instituído um ensino recomposto de ciências humanas, centralizado no destino individual, no destino social, no destino econômico, no destino histórico, no destino imaginário e mitológico do ser humano, e orientado nesse sentido, conforme as disciplinas. Como assinalamos, o ensino das humanidades não deve ser sacrificado, mas otimizado. (MORIN, 2017, p. 79)

Assimilar sobre as experiências de Davi, Flora e Matheus me fez tomar consciência a respeito também sobre as fases na vida de um ser humano. Em outros momentos já havia refletido a respeito, mas, não com a profundidade que o trio me fez refletir, já que cada fase, cada momento, cada acontecimento de suas vidas tem valor e importância tão significativos. São pessoas que cronologicamente parecem ter vivido pouco ainda, mas que, conhecendo a fundo, possuem um vasto histórico, com vidas marcadas pela intensidade. Falamos em fases na vida, e enquanto Matheus assegura ter tido uma única fase, no sentido de ter se visto sempre como é hoje, principalmente no que diz respeito a características, Flora afirma ter tido várias: de “patricinha” a “largadona”. Se faz relevante saber o que Morin comenta:

A noção de indivíduo não é absolutamente fixa e estável. Como sabem, houve duas tendências contrárias na história do pensamento biológico: para uma delas a única realidade é o indivíduo, porque, fisicamente, vemos apenas indivíduos, nunca a espécie; para a outra, a única realidade é a espécie, já que os indivíduos não passam de amostras efêmeras. (MORIN, 2017, p. 119)

Nem todas as pessoas excluídas e marginalizadas por terem sua condição humana reduzida à sua orientação sexual tem a oportunidade de encontrar um apoio, um consolo, uma força, alguém com quem contar. Muitos LGBT's são expostos a condições degradantes, em situação de rua, sem um lar, sem comida, sem emprego, sem amigos. A essas pessoas falta o encontro com alguém que reconheça as dimensões do ser humano, que saiba que cada pessoa é um universo e que não existe regras e obrigações que façam o ser humano seguir uma cartilha pautada nas normas regidas por um comportamento padrão, de acordo com o que a sociedade heteronormativa espera.

Pérola é, como colocou Davi é algum momento, a “toda-poderosa”, a “célula” que fez e faz toda a diferença na vida dele e de Matheus desde quando a conheceram e tiveram seu amparo. Ambos chegaram até ela com a mesma necessidade: de ter um apoio, um olhar, alguém que os ouvisse e falasse a mesma língua deles, que compreendesse seu desalento e auxiliasse a desatar os nós dados em suas cabeças por aqueles que reproduzem as normas de gênero, explicitando “o caráter excludente da categoria “humano” das pessoas que reconstroem suas posições identitárias, transitando e, portanto, negando a precedência explicativa do

biológico”, conforme coloca Bento (2008, p. 45 e 46, apud BUTLER, 1990, 1998, 2002), no caso de Matheus, ou mesmo porque não se encaixou no modelo de consenso geral no que diz respeito a sexualidade, como aconteceu com Davi.

O não-reconhecimento, a não-aceitação por parte da família, dos amigos, da escola, da sociedade e às vezes até de si mesmo reforça a necessidade de se empenhar em busca do reconhecimento da condição humana.

A prática mental do autoexame permanente é necessária, já que a compreensão de nossas fraquezas ou faltas é a via para a compreensão das do outro. Se descobirmos que somos todos seres frágeis, frágeis, insuficientes, carentes, então podemos descobrir que todos necessitamos de mútua compreensão. O autoexame crítico permite que nos descentremos em relação a nós mesmos, por conseguinte, que reconheçamos e julguemos nosso egocentrismo. Permite que não assumamos a posição de juiz de todas as coisas. (MORIN, 2011, p. 87)

O imposições sociais reprimem e submetem os ‘não-normativos’ ao olhar alheio, treinado para ‘identificar’ e julgar quem está fora dos padrões socioculturais, criando uma opressão legitimada pelo preconceito, falta de conhecimento/interesse por aqueles que não estão dentro da forma imposta pela sociedade *heteronormatizadora*, sociedade essa aparelhada por críticas infundadas, discursos deturpados e visões que estigmatizam qualquer ato que não se encaixe na sociedade uniformizada com a qual a maioria está acostumada. Mentes fechadas e preconceituosas constroem caminhos sem volta e acabam gerando guerra, infelicidade e, acima de tudo, dificultando a superação de desafios, de tolerância, que se tornam muito maior exatamente pela ausência de flexibilidade de quem é obrigado a viver dentro de uma bolha.

Se um ser humano não puder ser quem ele é, sem necessariamente se encaixar nos círculos, sendo ele um quadrado, como Flora descreveu seu processo de tentar ajustar-se aos modelos padrões, perde-se o sentido de humanidade. Nesse padrão estabelecido na sociedade não cabem o homem e suas múltiplas dimensões.

Se considerando a vida em sociedade pudéssemos enxergar as pessoas como seres humanos, sem que fosse preciso identificar cada um pelo sexo biológico ou qualquer outro aspecto que o ‘classifique’, certamente estar-se-ia avançando em direção a uma sociedade mais saudável e ética, onde a orientação e o desejo alheio não interessariam a mais ninguém, a não ser a quem sente. Onde cor da pele não

seria uma característica para violentar alguém. Onde ser mulher, não seria motivo para se ter medo de sair à rua sozinha. Enfim, enquanto a sociedade não interromper esta determinação para encaixar as pessoas em seus padrões segregadores, ela simplesmente, não evoluirá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da presente pesquisa, aspiramos poder contribuir para compreensão de uma outra perspectiva dos conflitos existentes na convivência social, oriundas do preconceito contra a comunidade LGBT, no âmbito da sexualidade, fazendo com que as pessoas olhem para o outro e vejam a sua condição humana e não a sua orientação sexual e que, sendo vista, a orientação sexual não se sobreponha a dimensão humana do sujeito.

Por vários motivos, e principalmente pela violência que se consagra negativamente diante dos dados, é urgente e necessário o debate esclarecedor nos mais diversos espaços da sociedade, não para simplesmente identificar quem está certo ou errado, mas na direção de se soltar as amarras do preconceito e da intolerância, com vistas a liberdade de ir e vir de todos, independentemente de orientação sexual. Defendemos que o debate aberto realizado nos mais diversos ambientes sociais, explorando os diferentes e plurais entendimentos, é um bom começo.

O que está em questão é a naturalização de uma realidade inerente a condição humana, e ver que, do ponto de vista do humano, como os sujeitos da presente pesquisa, apresentam vida dita normal considerando toda a complexidade, densidade e paradoxo que é a vida humana independentemente de sua condição LGBT: transexual, homossexual, bissexual, assexuado..., seja qual for a denominação ou definição.

A principal contribuição deste trabalho foi apresentar de forma implicada, portanto, carregada de sentido, na ótica dos sujeitos pesquisados, para que se possa ver em sua labuta no cotidiano, a luta de qualquer ser humano que busca encontrar sentido e se afirmar no decorrer da própria existência.

A construção desse trabalho e todo o percurso contribuiu significativamente para o meu crescimento pessoal e como pesquisadora. Aprofundar as leituras sobre condição humana me trouxe ressignificações de conceitos, de olhares, de ser: pessoa, humana, repleta de sentidos e certa de que somos, cada um de nós, um universo.

A realização da pesquisa assumindo como referência o *tipré*: etnopesquisa, diário de pesquisa e condição humana, causou em mim, antes de tudo, uma revolução. Iniciei essa caminhada de estudos de um jeito, mudei, e agora na conclusão, sou outra. A mudança se deu acima de tudo pelo aprimoramento da metodologia, aliada a minha capacidade de adaptação às transformações pelas quais os encaminhamentos passaram, fazendo com que eu pudesse compreender sentidos, conceitos e situações num diferente contexto, percebendo e analisando o cotidiano de outra forma.

Durante todo o percurso, o amadurecimento foi sendo construído e constituído como parte fundamental do processo, e foi esse amadurecimento o responsável pela orientação a respeito do “espaço” percorrido, do tempo que passou, e principalmente pela sensibilidade afluída que me permitiu exteriorizar percepções a respeito de uma temática extremamente importante e atual, além de imprescindível, como é a condição humana dos LGBT's.

Em determinado momento, até me encontrar de fato com a temática da forma que gostaria, não havia despertado para a importância de enaltecer, debatendo, discutindo, mostrando, a condição humana, que está acima de qualquer outra circunstância, de qualquer outro estado do ser humano, o que deveria lhe garantir o direito de ser quem é, independentemente de sua orientação sexual. Até então, achava que discutir rótulos, ou a “diferença pela diferença”, iria auxiliar em abonar a situação crítica que os LGBT's vivem no Brasil, sendo humilhados, degradados, execrados e pior que isso, assassinados, tendo o ano de 2017 alcançado um número recorde de assassinatos - 445 ao todo -, desde que foi iniciado um monitoramento pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), há 38 anos.

Ao responder a instiga de pensar a condição humana dos LGBT's em formação, tive a grata surpresa, após tentativas infundadas de formar um “grupo pesquisador”, de encontrar três seres humanos incríveis, totalmente engajados e dispostos a colaborar com o trabalho, os quais proporcionaram não apenas leveza ao estudo realizado, mas, integração em mim, das perspectivas de quem está observando, apreendendo, analisando, e do humano propriamente dito, exatamente pela humanidade sempre presente e buscada por nós, pesquisadora e sujeitos pesquisados, em cada linha escrita, em cada palavra trocada, em cada novo

encontro. Tratou-se do exercício de nossa humanidade ao realizar a pesquisa na forma de uma tessitura. Tecíamos juntos o sentido.

Inteirar os participantes deste estudo, neste processo colaborativo através do diário de pesquisa e de uma postura metodológica com base na etnopesquisa, foi significativamente formativo, pois além possibilitar a busca do rigor científico, pudemos ainda experienciar uma maturação das nossas ideias e percepções de maneira coletiva. A cada encontro nosso, nos oportunizamos realizar as mais variadas explanações, sobre diversos contextos vividos em sociedade, e eles, a partir da narrativa de suas experiências e histórias de vida, quase sempre acabavam cismando sobre o que discorriam, mesmo quando se tratava de algo a respeito de si, de situações vividas no passado, por vezes, comentavam sobre meditações solitárias - ao chegar à suas casas -, a respeito do que falávamos, e dessas meditações surgiam outras pautas para o encontro seguinte. Colocar-se reflexivo solitariamente ou em grupo, é um ato solidário consigo mesmo e também com o mundo.

Os diálogos que mantivemos, deram vida a esse trabalho. As nossas conversas, densamente cheia de significados tanto pela pesquisadora, quanto pelos colaboradores, ambos se apercebendo e exercitando-se humanos enquanto participam do processo, resultaram nesse produto que ora se apresenta como proposta inspiradora a todos os LGBT's que, em algum momento de suas vidas passaram ou continuam passando por situações as quais deveríamos apontar como atípicas, mas que, infelizmente, fazem parte do cotidiano daqueles que não estão dentro dos padrões heteronormativos-patriarcais-binários.

Ficou para todos nós, um grande aprendizado, assim como descrevera os sujeitos-colaboradores da pesquisa. Se estamos em processo contínuo de aprendizagem e formação como não aprender com todos ao nosso redor? O olhar apurado pela condição humana, no presente estudo, gratifica porque podemos nos aprofundar nos pensamentos, nos sonhos, no passado, na vida de cada um de nós, e tive essa oportunidade de poder estar com eles, de convivermos, de ouvi-los, de me tornar interlocutora de confissões intocáveis até ali, como também de angústias, de tensões.

Aprendizado no sentido de ver, de enxergar os outros em sua amplitude, a empatia emergindo e fazendo com que a gente se coloque no lugar do outro, de ver o outro enquanto outro e não como projeção de nós mesmos. A condição deles, de LGBT's, de terem vivenciado muito sofrimento, muita humilhação, terem sido escrachados, acaba fazendo deles, seres muito sensíveis, talvez não apenas por causa disso, mas é possível acreditar que tais fatores reforcem muito esse lado humano, de sempre se colocarem na posição do outro; ou até se questionando porque as pessoas não os veem como pessoas normais, não os tratam como seres humanos normais, pelo fato de não seguirem uma orientação sexual considerada o modelo ideal, dentro das caixinhas da *heteronormatividade*. Tragicamente, a sociedade que vigia, conceitua, hostiliza, e se esbalda nos padrões heteronormativos vem amedrontando a comunidade LGBT com discursos odiosos, que magoa, chateia, indigna e nega a condição do humano naquilo que se tem de mais essencial, a sua condição de heterogeneidade, o outro enquanto outro em sua singularidade, reforçando assim, nossa colocação no vergonhoso ranking de país que mais mata LGBT's no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa**. Brasília: Liberlivro, 2010.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo, confirma relatório. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/03/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-lgbts-no-mundo-confirma-relatorio>> Acesso em 07 de agosto de 2018.

CASTORIADIS, Cornelius. Entrevista com Cornelius Castoriadis. In BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.) **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EDUFSCAR, 1998.

Dicionário de nomes próprios – significado dos nomes. Disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/flora/> Acesso em 13 de julho de 2018.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/liberdade/> Acesso em 13 de julho de 2018.

Faloplastia: procedimento não deve ser feito apenas para aumento peniano. Disponível em: <https://www.minhavidade.com.br/bem-estar/materias/17856-faloplastia-procedimento-nao-deve-ser-feito-apenas-para-aumento-peniano> Acesso em 13 de julho de 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lúcia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIUST-DESPRAIRIES, Florence; Reflexão epistemológica sobre a multirreferencialidade. In BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.) **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EDUFSCAR, 1998.

HMC, Pedro. **Um livro para ser entendido**. São Paulo: Planeta, 2016.
KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Curitiba, 2014. Disponível em: <http://www.leticialanz.org/wrdp/wp-content/uploads/2014/10/Let%C3%ADcia-Lanz-O-corpo-da-roupa-vers%C3%A3o-final-05-10-14.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2018.

Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em> Acesso em 07 de agosto de 2018.

Levantamento revela caos no controle de denúncias de violência sexual contra crianças. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/brasil-43010109 Acesso em 13 de julho de 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: Educação e Ciências Antropossociais**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa e o acontecimento compreender situações, experiências e saberes acontecimentais**. Salvador: EDUFBA, 2016.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

NERY, João W. **Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois**. 1ª edição. Leya, 2011.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

ANEXO 1 – DIÁRIO DA PESQUISADORA

Mossoró (RN), 07 de novembro de 2017

Início hoje o meu Diário de Pesquisa, estou no mestrado há pouco mais de um ano e Qualifiquei há uma semana, mais precisamente no dia 31 de outubro de 2017; Com um ano de mestrado, meu orientador foi desligado do programa e então eu achei que a minha vida de mestranda havia acabado. Porém, novas oportunidades estavam diante de mim, surgiu a chance de eu seguir em frente. Segui com um novo orientador, o tempo estava correndo, foi tudo muito rápido, eu quase não me dei conta, aliás, eu não estava me dando conta de minha realidade na pós-graduação. De início, meu novo orientador me parecia estranho, é como se eu não fosse conseguir me adaptar à ele, ou ele a mim. Precisei de uma grande e profunda reflexão a respeito disso, inclusive para me colocar como me via no mestrado, perguntar pra mim mesma o que eu queria. Até então, eu não tinha nada escrito, minha produção para a qualificação era zero. De certa forma, eu sabia que não ia dar tempo. E se tivesse continuado como estava, realmente não teria.

Hoje, digo, no momento atual, já com material qualificado e os encaminhamentos feitos, estou com receio, medo, ânsia em relação ao futuro, pensando no que vou fazer próximo ano, quando acabar o mestrado, se vou conseguir ser inserida no mercado de trabalho, se vou ser aceita nesse mundo tão desejado por mim, mas que na maioria das vezes vejo tão inalcançável/inatingível; esse meu exacerbado cuidado e pensamento sobre o futuro, acaba me deixando distante do presente e tirando meu foco de tal. Aí eu me pergunto: como posso chegar ao futuro ao futuro sem trabalhar meu presente?

Não sei como focar no momento atual, no meu presente, mesmo sabendo da imensa necessidade disso, e aí surge uma nova preocupação: pra onde e como estou indo? Como chegarei ao futuro com a postura que estou tendo? Aliás, que postura estou assumindo? O medo toma conta de mim e está me dominando.

Mossoró (RN), 25 de novembro de 2017

O relógio marca os primeiros minutos do dia 25 de novembro de 2017. São 00h15. “Virei a noite” de sexta-feira para sábado estudando, conforme vinha querendo, mas sem conseguir o tão almejado foco. Andei muito preocupada comigo mesma. Na verdade, permaneço um pouco ainda, mas, acho que melhorei, pelo menos venho conseguindo dar andamento às demandas do mestrado. O mestrado é um sonho que estou realizando, é como se eu vivesse um sonho, como se eu estivesse dentro dele. É como se eu estivesse assistindo ao meu sonho. E ao mesmo tempo que é maravilhoso, motivo de muito orgulho estar nele, chegando a ser algo surreal de tanto que eu queria, sinto-me por diversas vezes incapaz de seguir em frente! Senti isso com a mudança de orientador, minha cabeça ficou extremamente confusa e uma enorme angústia tomou conta de mim. Em seguida, achei que tinha “me encontrado”, o novo orientador, professor Joaquim Barbosa, fez de tudo para que eu me sentisse à vontade, capaz e “em casa” e por alguns instantes foi assim que me senti! Me sentia bem e me encontrando... Até que vem o SIMPOSEDUC e então submeto meu texto para análise e posterior publicação, criei toda uma ansiedade em torno disso, seria minha primeira experiência! Isso parece até uma inverdade, mas, nunca tive a oportunidade de apresentar um trabalho em evento! Uma lástima! Pois bem, criei uma grande expectativa, até que recebi a carta de não-aceite! E se minha expectativa era grande, muito maior foi minha frustração! Consultei uma colega, tão logo recebi o e-mail com o “não-aceite” e a questioneei sobre o aceite do trabalho dela o que ela me respondeu de que fora sim, aceite. Naquele momento, só eu sei o que senti... era como se o mundo tivesse desabado. Sim, pode parecer um exagero, mas, me senti muito mal. E a impressão que tive foi que o único não-aceite foi o meu. Não tomei conhecimento de que mais ninguém tenha tido sua apresentação negada. No parecer da carta de não-aceite a justificativa apresentada apontava falta de conclusão da pesquisa, já que se tratava de uma pesquisa em andamento. Como no texto eu falo do meu TCC de Pedagogia, foi sugerido no parecer que eu tivesse utilizado algo do TCC, por se tratar de algo conclusivo. Ao ler o parecer, fiquei ainda pior, pois cheguei a sugerir isso ao meu orientador e ele disse que era melhor eu colocar o texto da qualificação para “análise” e assim eu fiz, e assim recebi o “não-aceite”. Ao relatar a situação pro meu orientador, ele falou umas palavras bonitas, inclusive me orientando a vivenciar o

“não-aceite” como algo bom, tirando dali uma experiência. Tirar a experiência de participar do SIMPOSEDUC sem ter apresentado trabalho. Confesso que na hora, ele falando, achei aquilo bacana, interessante, mas depois fiquei ‘malzona’ de verdade. Eu sofri. Mergulhei profundamente na decepção e fiquei assim por uns 10 dias.

Mossoró (RN), 02 de dezembro de 2017

Hoje é sábado e o meu sentimento é animador. Sim, sempre que saio da orientação com o professor Joaquim Barbosa, saio com uma sensação boa, bem boa, sinto-me animada e capaz de vencer os desafios que o mestrado me impõe. Estou cheia de dúvidas e de inquietações, especialmente após a Qualificação, que me apontou diversos pontos a serem melhorados no meu trabalho... o fato de meu trabalho ter sido rejeitado ainda me causa uma certa angústia e isso, acredito eu, tem contribuído para minha insegurança na hora de desenvolver outras atividades relacionadas ao mestrado, entre elas a produção de textos que estão sendo cobrados como nota final para as duas disciplinas que pago: a optativa, Seminário de Dissertação, conduzida pela professora Arilene e pelo professor Joaquim (meu orientador), e a obrigatória, Pesquisa em Educação, conduzida pela professora Márcia Betânia. O texto da disciplina Seminário de Pesquisa deveria ter sido enviado até o dia 29 de novembro passado, pois eu iria apresentar próxima quarta-feira, dia 6 de dezembro, mas, por conta da greve na UERN, os professores Arilene e Joaquim suspenderam as aulas do dia 29 de novembro e com isso eu acabei ‘me dando’ mais tempo para agonizar diante do computador, sem saber como dar andamento à criação desse texto, o qual, em decisão conjunta com o professor Joaquim ficou acertado que utilizaríamos o texto da qualificação, porém, com as alterações apontadas pela banca de qualificação... o problema estava exatamente aí: como fazer essas alterações todas a tempo de enviar esse texto para o e-mail da turma? Eu praticamente teria que mudar tudo, todo o texto. Me desesperei e vi que não conseguiria obter êxito, iria me atrasar ainda mais do que o que já estava, então decidi enviar um e-mail para o professor Joaquim, tirando umas dúvidas e contando como estava, então ele marcou uma orientação para a tarde de hoje e assim consegui enxergar um novo horizonte, uma luz no fim do túnel. Durante a

orientação, conversamos muito, foram esclarecidas minhas dúvidas e o professor Joaquim mais uma vez me deu um norte, me fez acreditar que posso seguir em frente. Decidimos mudar todo o texto, fazer um inédito realmente para a disciplina, com todas as alterações cabíveis e acatadas por nós para o engrandecimento do meu texto, e consequentemente da pesquisa que está sendo iniciada. Até amanhã, dia 3, tenho que enviar para o professor Joaquim, um texto com pelo menos 6 páginas para que ele analise e então eu possa finalmente enviar para o e-mail da turma.

Mossoró (RN), 14 de dezembro de 2017

Sobre minha evolução confirmada na apresentação do meu artigo; já vinha sentindo-me segura, mas hoje consegui essa afirmação, pois, mesmo diante de colegas extremamente críticos e de uma professora gabaritada, como a doutora Arilene Medeiros e um orientador no mesmo nível, eles confirmaram que o meu texto, a minha escrita e até eu mesma estamos num nível de evolução avançado. Na minha fala de apresentação, estava tranquila e acredito que transmiti essa tranquilidade.

Mossoró (RN), 20 de dezembro de 2017

Amanhã irei encontrar-me com o professor Joaquim, meu orientador. Após a aula de quinta-feira passada, dia 14, que foi o nosso último encontro, enviei um e-mail pra ele, falando de minha satisfação com a minha evolução percebida através da apresentação do artigo em sala de aula; agradei a incrível contribuição dele para que eu chegasse até onde cheguei e aguardei o retorno dele – que costumeiramente é sempre muito rápido, porém, ele não respondeu, então, tomei a liberdade de enviar-lhe uma mensagem via whatsapp, a qual ele também não retornou, até que na sexta-feira resolvi ligar para ele... ele me atendeu e foi logo deixando claro que estava percebendo minha ansiedade, acrescentando que não precisava daquilo; justificou que não havia retornado meu e-mail e mensagem por ter viajado e no

momento da ligação estava retornando, chegando em casa... meu coração que estava cheio de angústia, foi aliviando. Eu mesma me questiono o motivo de tanta ansiedade, angústia e até um certo medo. Na verdade, meu maior medo é não conseguir concluir o mestrado, e essa não conclusão pode ser ocasionada por incapacidade intelectual – que no fundo eu até creio que tenho, mas penso que tenho que aperfeiçoar muito e acho que não dá tempo, sei lá... outro medo é o de perder a bolsa, e imaginar como farei para me manter. Enfim... concluir esse mestrado é algo que quero tanto, que me questiono ainda se conseguirei realizar esse sonho.

Sobre minha orientação amanhã com o professor Joaquim: quando ele atendeu a minha ligação, conversamos muito, ele como sempre tentando me tranquilizar com palavras que confortam, mas ao mesmo tempo sendo muito claro sobre a imensidão de tarefas que vem por aí... ele fala de uma forma calma, mas, eu sempre me preocupo, e o fantasma do “não sei se dou conta” volta a me assombrar.

Para esse encontro de amanhã ele me deu algumas tarefas, como ler quatro livros que ele havia me indicado em um de nossos encontros de orientação; orientou que eu lesse e fizesse anotações sobre as dúvidas que surgissem; já adiantou que essa orientação de amanhã será para ele me indicar as tarefas para esse final de dezembro e para o mês de janeiro, já que ele viajará após o Natal e só retorna lá para o final de janeiro de 2018.

Desejo que tudo dê certo. Penso que estou tranquila e tentando fazer o que tem que ser feito, mas, preciso, e MUITO de acelerar o processo. Quero muito ver as coisas acontecendo mais rápido. Aí eu me pergunto: mas, porque ir mais rápido, cada pessoa não tem seu tempo? Sempre ouvi que sim. Nas leituras dos livros que o professor Joaquim indicou também fala sobre isso: a construção do conhecimento e as transformações do sujeito (transformações? É isso mesmo? Preciso confirmar!).

Ah, não consegui ler os quatro livros. Li apenas dois e vou me justificar com ele amanhã... se couber essa justificativa, mas, ele é muito aberto e sempre cabe algum comentário, observação.

Vou ansiosa para todas as orientações, sempre querendo muito ir, porque sei que saio melhor, com muitas contribuições e inquietações que provocam reflexões com frutos positivos, sempre. Mas, existe um sentimento que também me acompanha, bem lá no fundo, como se fosse o medo, não sei porque, nem de onde surge, é muito ruim por sinal, pois, mesmo no auge da empolgação, da vontade de

ouvir o orientador, de saber o quanto ele colabora e de como eu saio das orientações bem, tem esse incômodo. Eu luto contra isso, mas, preciso de uma solução eficaz para abolir esse medo ou qualquer sentimento ruim que venha a surgir e que possa atrapalhar o andamento de minhas atividades.

Tentarei relaxar agora, para acordar produtiva amanhã e bem disposta.

Espero voltar aqui e contar tudo. Só coisa positiva!

21 de dezembro - 00h57

Rafaella Costa

Mossoró (RN), 22 de dezembro de 2017

Ontem tive orientação com o professor Joaquim, fui até a casa dele e conversamos bastante. Apresentei pra ele as leituras que havia feito até então e ele, como sempre, fez com que o encontro fosse super proveitoso. Montamos um esquema do que será mais ou menos o sumário da minha dissertação e demos uma encaminhada excelente sobre o que devo fazer durante o mês de janeiro, que é o período que ele estará viajando e não teremos orientação presencial, nos falaremos somente por e-mail. Ele ficou de xerografar uns títulos que devo ler e me avisar pra eu ir buscar na xerox, como também de ver com a professora Arilene sobre um título que ela falou.

Os encaminhamentos consistiram em:

- Falar com os adolescentes;
- Só tenho até junho;
- Focar 5 ou 6 adolescentes;
- Citar os diários como citação do autor;
- Formar o grupo e apresentar;
- O diário conta o que aconteceu na cozinha;
 - Abordagem do tema;
 - Principais problemas;
 - Preconceito;
 - Mapear assunto a partir de teses que já pesquisei.

Entre outras coisas que estão anotadas no meu caderno.

Mossoró (RN), 24 de janeiro de 2018

Estava há uns dias sem escrever, mais de um mês já... Andei meio perturbada de novo. Andei não, ainda ando. Eu não sei se eu consegui imaginar que ficaria assim por causa do mestrado. Na verdade, não sei nem se é mesmo o mestrado que me estressa ou se são as inúmeras expectativas que crio em relação ao meu futuro. Às vezes me bate um desespero, um medo de não conseguir concluir esse mestrado que só eu sei. Aliado ao medo de não conseguir concluir, vem outras preocupações do cotidiano que me tiram a paz com frequência. Quando não estou absorvendo o receio da não-conclusão, estou pensando: “E se eu terminar e não conseguir entrar no doutorado?” “E se eu terminar e não conseguir um emprego ou algo que me sustente?” Enfim, eu preciso urgentemente me concentrar no presente e deixar de sofrer por antecipação, pensando em futuro, porque assim eu não faço nada que preste agora e nem muito menos conseguirei algo lá na frente.

Pois bem, essa reflexão aqui é sempre válida, pois eu começo a listar meus questionamentos e é mais uma forma de olhar para as minhas dúvidas e incertezas e pensar se vale a pena tanta preocupação.

Outro dia postei nas minhas redes sociais um aviso sobre a minha pesquisa, chamando atenção para quem é LGBT ou conhece alguém que pudesse contribuir com a minha pesquisa; uma menina me respondeu na rede social Twitter, dizendo ter muitos amigos que poderiam contribuir comigo, porém, ela não me deu mais nenhum retorno, apesar de eu ter passado meu número de telefone e tudo; um outro contato foi feito por uma conhecida das antigas, que me disse que a filha dela é bem envolvida com a galera LGBT e tinha uns amigos bem alternativos que poderiam contribuir diretamente com a minha pesquisa. Ela me passou o contato da filha, mas, antes que eu entrasse em contato, a menina, que se chama Eduarda falou comigo via rede social Instagram, dizendo que estava a disposição para me auxiliar. Conversamos via redes sociais e marcamos de nos encontrarmos hoje. Na tarde de hoje, 24 de janeiro de 2018, nos encontramos e conversamos, eu expliquei pra ela e para o namorado dela que esteve presente durante a conversa, sobre a minha temática, sobre a ideia da pesquisa, falei sobre o Diário de Pesquisa, que é a minha

metodologia e falei de quantas pessoas mais ou menos eu iria precisar, disse que preciso de umas 10 pessoas, pois, levando em consideração que algumas podem desistir por qualquer motivo que seja, precisamos contar com pelos menos 6 participantes até o final. A conversa foi boa, ela foi bem receptiva e mostrou-se realmente interessada em me ajudar. Confesso que fico um tanto quanto com receio que não dê certo, que as pessoas não colaborem ou que desistam na metade. A insegurança me ronda em todos os aspectos, por todos os lados; sei lá o que é isso. Ainda tem o fato de o professor Joaquim estar viajando e eu não estar falando com ele com frequência, não está tendo o apoio, as palavras que me reconfortam. Acho que essa solidão me deixa um pouco mais angustiada. Mas, enfim... estou fazendo a leitura de uns livros que ele me recomendou, mas, não estou conseguindo ser rápida como gostaria, acho que já deveria ter lido todos, mas não, ainda estou engatinhando, e o que é pior, sem entender tudo! Isso é péssimo. Sei lá. Tem horas que quero me convencer que estou andando de acordo com meu tempo e que não posso me basear em outras pessoas. Tudo bem que eu tenho meu tempo, mas ele não precisa ser tão lento assim. Não preciso ser igual a ninguém, mas eu tenho certeza de que eu preciso melhorar muito. Meu foco está abaixo do que almejo.

Mas, pelo menos tem algo andando. Deu certo a reunião hoje e eu estou torcendo muito para que Eduarda consiga fazer com que a turma aceite o convite para participar da minha pesquisa.

Preciso recuperar meu ânimo. Estou muito baixo astral e desacreditada.

Que eu melhore logo e ache o foco e a força para continuar.

Mossoró (RN), 16 de fevereiro de 2018.

Amanhã terei orientação com meu orientador de mestrado. Confesso que sinto-me meio angustiada, sim, mais uma fase das sensações que sinto em relação ao mestrado, já que já passei por outras. A única fase que eu mais gostaria era a de me sentir segura, mas nunca me senti e isso me entristece muito, me deixa muito mal. Na verdade, nunca pensei em desistir desse mestrado como cheguei a pensar nos últimos dias... Mas, no fundo eu não quero desistir, quero ir até o fim, seguir em frente e concluí-lo, afinal de contas, trata-se de um sonho meu, um grande sonho! E não faz parte da minha essência desistir ou deixar algo pela metade. O que está

faltando para eu voltar a ter vontade? Eu não sei. O desânimo tomou conta de mim e agora tem sido bem difícil voltar à ativa. Estou pra baixo e bem desmotivada, não sei se a orientação de amanhã me fará ter um novo gás; nas últimas orientações que tive, sempre sai com resultado positivo e ânimo renovado, mas, estou tão ruim que estou até com medo da orientação, do que vou ouvir do professor, sei lá, acho principalmente porque sei que estou deixando muito a desejar, não fiz nem a metade do que o professor orientou que eu fizesse quando nos encontramos em dezembro e isso é muito péssimo. Quero sumir e acabar com essa angústia.

Mossoró (RN), 06 de março de 2018

Há três semanas conversando com a colega de mestrado, Amanda Ravenna, entramos num consenso sobre vir estudar todas as manhãs na UERN, pois nos encontrávamos numa situação meio chata de entender que estávamos meio “perdidas”, talvez uma das piores sensações do mestrado, do percurso como um todo, pois você acha que todo mundo está fluindo, e só você não acompanha. Resolvemos vir para a UERN por acreditarmos que no meio acadêmico a gente se concentrasse mais e assim produzíssemos melhores frutos. Viemos a primeira semana, trocamos experiências, falamos das nossas angústias e dividimos os sentimentos que mais nos aflige nesse mestrado, os quais não são poucos.

Durante a semana passada não pudemos vir, Amanda acabou indo resolver umas coisas dela e eu não vim sozinha. Voltamos a vir ontem, segunda-feira, 5 de março, obviamente as incertezas continuam... penso que não vou superar, o tempo tá passando e eu não tenho evoluído; entre tantos altos e baixos durante esse mestrado, eu estou achando que numa das “baixas” eu fiquei lá.

Eu acho que estou vivendo uma “depressão de mestrado”. Eu queria tanto me encontrar nesse mestrado ou me (re)encontrar, sei lá. Eu me perdi ou já entre perdida? Eis a questão. Aquela eterna crise existencial que habita em mim, me faz ter dúvidas sobre tudo, o tempo todo.

Preciso de foco.

Mossoró (RN), 08 de março de 2018

Preciso de mais rigor na escrita do diário, tenho demorado muito a fazer os registros. Hoje, tive orientação com o professor Joaquim. Conversamos sobre os diários que os adolescentes irão escrever como parte da minha pesquisa para a dissertação. Falei para ele (professor Joaquim), sobre a dificuldade de encontrar pessoalmente esses adolescentes, pois há um certo desencontro de horários para que possamos agendar um encontro e então passarmos as orientações necessárias para o início da escrita. Ainda tem dois que estão morando em outra cidade e não sabem quando virão a Mossoró. Conversamos, eu e o professor Joaquim e chegamos ao consenso de que podemos orientar esses adolescentes virtualmente, facilitando assim o percurso.

Entre as orientações, o professor Joaquim falou que posso colocar a “Condição Humana”, o que é pra mim? O que quero que eles escrevam?; Lembrá-los de colocar a data e registrar os episódios – pequenos mesmo -, de assuntos importantes voltados para a vida escolar na fase do Ensino Médio (não excluindo a possibilidade de fatos do passado escolar ou não); devo reinterpretar o Diário de Pesquisa; o diário terá escrita livre, elxs podem contar vários fatos e eu vou escolher os que considerar mais pertinentes; tudo pode ser escrito, mas, só me mostra o que quiserem, na hora de mostrar, quem escreveu decide o que quer que eu veja; deixar claro para os escritores que tudo que eu for publicar, só será feito após a concordância deles.

Ainda da conversa com o orientador: “a pesquisa é um acontecimento, envolve muita coisa”; minha condução na conversa com os adolescentes; Diário da pesquisadora: todos os registros, inclusive e-mails;

Após a orientação, mais uma vez o ânimo se renova, já que tem sido uma caminhada bem difícil, pois ando desanimada e negativa, com um enorme receio de não dar conta desse mestrado.

Mas, seguimos em frente.

Mossoró (RN), 20 de março de 2018

Ontem montei o esboço do que seriam as orientações para os adolescentes que irão escrever os diários e enviei por e-mail ao professor Joaquim, hoje ele me devolveu com as alterações a serem feitas, reorganizei e após finalizar enviei novamente para ele. A construção dessas orientações foi interessante porque me fizeram refletir mais uma vez sobre o que quero com a minha pesquisa, sobre a metodologia, sobre o trabalho como um todo.

O professor Joaquim sempre lembra a respeito da **pergunta**, principal ponto para desenvolver uma pesquisa. Em uma de nossas muitas orientações, no dia 2 de dezembro de 2017, o professor Joaquim sugeriu como pergunta, numa possível entrevista grupal com os adolescentes que irão escrever os diários, as seguintes opções:

- Qual a visão de ser humano que eles têm?
- Condição humana – O que é ser gente?
- Vida humana – O que é ser humano?

***Grupo reflexivo – cria um momento de reflexão com uma pergunta!**

Estou aguardando que o professor Joaquim me devolva as orientações para então eu enviar para os adolescentes que irão escrever; estou ansiosa para que eles iniciem a escrita, que deve durar algo em torno de dois meses, durante esse período continuarei nas leituras e iniciarei a escrita da dissertação com o estado da arte e outros itens que não dependem da análise dos diários.

Mossoró (RN), 26 de março de 2018

Finalizei junto com o professor Joaquim as “Orientações para escrita do Diário” que serão enviadas para os alunos e alunas adolescentes LGBT’s, que irão escrever sobre suas experiências escolares, em especial as vividas no Ensino Médio, devido ao fato de serem LGBT. A perspectiva é que eles escrevam durante dois meses a respeito dessas experiências e nos enviem para então prosseguirmos com análises e a partir daí colocarmos em nossa Dissertação.

A minha insegurança me deixa apreensiva, mas, o que mais ouço é que se trata de algo “natural”, mas, quero e preciso andar mais rápido com tudo, para então me sentir segura.

Mossoró (RN), 27 de março de 2018.

Após finalizar as orientações para a escrita dos Diários ontem, vi que Eduarda – que se prontificou de me ajudar a encontrar voluntários (adolescentes LGBT) para a escrita dos diários -, havia criado um grupo no whatsapp com 11 membros, incluindo eu e ela. Com o grupo criado, eu me apresentei, já que não tivemos nenhum contato pessoalmente, de todxs, só tive contato pessoalmente com Eduarda mesmo. Me apresentei e pedi que cada um(a) se apresentasse com nome e idade; na verdade eu queria saber bem mais, porém, por não conhecê-los, achei melhor ir devagar, sem muitas perguntas. Além da minha apresentação eu falei sobre os diários e enviei as orientações por ali mesmo. Apesar de ter sido muito bem recebida eu não senti ninguém entusiasmado. Falaram que a ideia era legal, que gostaram e tal, mas, empolgação mesmo, não senti. Ah, outra coisa que me deixou “meio assim” foram as idades, não são mais adolescentes de fato, estão todos numa faixa etária entre 18 e 23 anos, o que difere do meu objetivo, que seria a faixa etária entre 14 e 19 anos, mas, levando em consideração a boa vontade de Eduarda em conseguir o pessoal e o pessoal se disponibilizar, deixei rolar e depois vou consultar o professor Joaquim a respeito disso.

Além do grupo, entrei em contato com Davi Edson, ele que também se propôs a, junto com sua amiga Flora, escreverem seus Diários e contarem suas experiências, as quais, acredito, serão bem significativas e irão ajudar bastante.

Meu maior receio em relação aos Diários é que não haja compromisso/responsabilidade na hora da escrita. Por ser uma escrita voluntária (não obrigatória), pode ser que não empolgue e as pessoas acabem desistindo de seguir, ou então optem por não fazer nenhum registro. Sinto-me meio que “nas mãos” alheias. Mas, sempre na torcida que dê tudo certo.

Mossoró (RN), 09 de abril de 2018.

Hoje recebi a notícia do falecimento da diretora/proprietária do primeiro colégio que estudei, o Instituto Sonho de Talita, onde ingressei aos 3 anos de idade, em 1989. Ao saber da notícia, fiquei relembrando os anos em que estudei lá, essa trajetória que durou de 1989 a 1995, me rendeu a conclusão do que na época era o primário: Jardim I e II, Alfabetização e o ciclo de 1ª a 4ª série, saindo em dezembro de 1995. Em meio as memórias, escrevi um texto para homenagear a educadora Célia e postei nas minhas redes sociais, o qual transcrevo abaixo:

Comecei a valorizar a educação muito cedo... minha mãe sempre fez questão de me orientar sobre a importância dos estudos e consequentemente, do conhecimento bem alicerçado para que sejamos "alguém na vida"! A lição que aprendi em casa, teve reforço na minha caminhada escolar, iniciada em 1989, no Instituto Sonho de Talita, hoje, Colégio Universo Uno, onde permaneci até 1995, finalizando na época, a 4ª série.

Nunca tive dúvidas de que o "Sonho de Talita" me deu uma boa base, foi onde aprendi a ler (como esquecer disso?), onde fui doutoranda do ABC, rainha do milho, onde desenvolvi a arte de me relacionar com o outro distante do olhar protetor de mãe, onde ralei o joelho... onde recebi várias lições que trago comigo até hoje, no alto dos meus 32 anos, pedagoga, mestrande em (vejam só!) Educação, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e nesse momento, relembrado muitos passos dados dentro do colégio que, a agora saudosa, "tia Célia", fez valer a realização do seu - e de muitas outras pessoas - sonho, quando fundou o então Instituto que inspirou o nome de sua filha: Talita.

O texto talvez seja uma justificativa por eu não ter realizado o meu desejo de conhecer como é o "IST" de hoje... me programei várias vezes para fazer uma visita ao Colégio Universo e vê-lo gigante, com inúmeras salas, bem diferente das únicas 2 ou 3 que haviam em 1989, e imaginava o orgulho de "tia Célia" mostrando-me tudo... mas, essa visita não aconteceu, mesmo com tantos motivos para tal... e hoje ela partiu. Recebi a notícia no meio da tarde, por incrível que pareça, durante um debate acadêmico sobre a importância da nossa caminhada/construção histórica, e a reflexão foi imediata, as lembranças todas vieram à tona, e que bom que são boas lembranças... "tia Célia" se foi, mas deixou um grande legado.

Minha mais sincera e singela homenagem a essa grande mulher.

Mossoró (RN), 17 de abril de 2018.

O tempo está passando rápido demais, da mesma forma, as coisas estão andando em ritmo bastante acelerado. Atualmente, a minha grande preocupação é com o mestrado, que está bem atropelado e muito aquém do que eu gostaria; depois que mudei a metodologia, percebo que tudo tomou novo rumo, até mesmo as minhas reflexões, principalmente pelo fato de tudo ter se renovado, de tudo ser diferente e eu ter que me adaptar a essa nova realidade; mas, minha realidade travou um pouco quando tive que mergulhar em outras leituras, pra poder então me familiarizar com o Diário de Pesquisa e suas peculiaridades. O Diário de Pesquisa se distancia da minha realidade pelo seu rigor ou forma de ser, uma característica um tanto quanto diferente do que se espera quando nos aproximamos da referida metodologia. Fico preocupada porque ainda não sinto-me familiarizada com a essência da metodologia e isso se dá pelo fato de não compreender as leituras a respeito.

Mossoró, 19 de abril de 2018

“BOTANDO NO JORNAL”

Hoje fui encontrar Davi, Flora e Matheus. Havíamos combinado, eu e Davi, sobre esse encontro. Na verdade, seria um encontro meu com Davi e Flora; Davi então, em conversa comigo, acertando local e horário, comentou que Flora namora um menino transgênero, e indagou sobre a possibilidade de ele estar conosco na reunião. Vendo nessa informação uma enorme possibilidade de engrandecimento da pesquisa, aceitei de imediato, procurando demonstrar minha satisfação.

Convidei Davi e Flora para se fazerem colaboradores da minha pesquisa por eles se colocarem como LGBT, dentre muitos outros aspectos, nas próprias redes sociais e no estilo visual – roupas, cor do cabelo etc -, além claro, de assumirem

uma postura que vai de encontro com o que se caracteriza como “padrão”, no que diz respeito à sexualidade.

Ao combinar nosso primeiro encontro pessoalmente para falarmos da pesquisa, ficamos em dúvida a respeito de um local onde pudéssemos estar a vontade, pedi que Davi sugerisse algo, e ele falou o Parque Municipal; pensei na praia de Tibau, por ser um local que garantiria à nós uma maior tranquilidade, e então poderíamos ficar mais *livres*, além do que, a viagem até lá e o retorno, já nos proporcionaria diálogos mais abertos, e o contato com a natureza, a meu ver, é uma ponte para a aproximação, um elo que possibilita estreitar as relações, protagonizando um encantamento que viabiliza uma aproximação mais rápida. Se a sexualidade e a condição humana são intimamente ligadas ao “ser” humano e o humano é parte da natureza, esse contato favorece o desenrolar do papo.

Combinei com Davi que o buscaria em casa após as 15h e assim o fiz, e de lá, fomos buscar Flora e Matheus, na casa dele. Mesmo imaginando que a praia seria o melhor lugar, de início fomos ao Parque Municipal – atendendo a sugestão de Davi; Davi não havia chegado a compartilhar com Flora e Matheus sobre a possibilidade de irmos a Tibau, o que descobri ainda dentro do carro, ao comentar sobre a possibilidade de ir à praia, e por meio de comentários, Matheus e Flora se mostrarem muito mais atraídos pela praia. Ao chegarmos ao parque, foi muito notório o incômodo dos três, que demonstraram estar pouco à vontade no local, comentando sobre possíveis presenças que poderiam causar desconforto caso se encontrassem, dando a entender que se sentiam desde então um tanto apreensivos, ou algo semelhante. Andamos um pouco pelo parque até chegarmos a umas mesas e cadeiras de madeira, dispostas embaixo de várias árvores, nos sentamos e aquele incômodo permanecia ali entre a gente. Por ser a primeira vez que eu estava em contato com Flora e Matheus, procurei agir com tranquilidade, tratando o incômodo deles como algo também meu. Percebi que nas mesas ao lado, duas estavam ocupadas e eram muito próximas de nós, o que poderia comprometer o nosso diálogo. A partir disso, reforcei a possibilidade de ainda irmos à praia, o que em consenso foi aceito e então seguimos para Tibau, inclusive contando com muita empolgação da parte deles, e minha também. No percurso, falei bastante sobre mim, sobre alguns relacionamentos afetivos, sobre o ponto de vista das pessoas a meu respeito a partir do que pesquiso, em especial aquelas que se declaram

preconceituosas por isso, procurei deixar clara a minha demonstração de aliada-integrante da comunidade LGBT, sempre na intenção de fazê-los me conhecer melhor e assim, sentirem a confiança necessária para compartilhar comigo suas experiências, vivências a respeito de sua condição LGBT, e principalmente, de suas construções para impor sua condição humana acima de tudo. Rimos bastante, trocamos ideias e assim a conversa fluiu com naturalidade durante os cerca de 40km que separam Mossoró da cidade-praia Tibau. Chegamos em Tibau, sugeri que fôssemos até Manibu – povoado localizado já em terras cearenses, pertencente ao município de Icapuí, já era fim de tarde, mais ou menos 17h, parei o carro próximo ao mar e fomos descalços molhar nossos pés... nuvens pesadas davam uma tonalidade escura ao céu e o local da praia onde paramos nesse período do ano, principalmente durante a semana, é deserto, o que garantiu, conforme já esperávamos, paz e tranquilidade.

Logo que começamos a conversar, ainda em Mossoró, Flora se mostrou disposta a irmos direto ao assunto e formalizar a conversa a partir de perguntas, o que me fez entender que, mesmo interessados em colaborar e tendo me falado – através de depoimento de Davi – que achavam uma atividade interessante, essa de poder contribuir com uma pesquisa de mestrado com uma temática relevante e de suma importância, ela (Flora), estava esperando algo meio técnico, digamos assim. Não sei se apenas Flora pensava dessa forma, mas, ela foi a única a revelar, mesmo que indiretamente, essa ideia de uma conversa um pouco engessada. Minha intenção é justamente o oposto: tornar a conversa o mais leve possível. Aliás, essa conversa se deu pelo fato de eu ter percebido que eles estavam com dificuldades de escrever o diário, e então, em conversa com o meu orientador, professor Joaquim, perguntei sobre a possibilidade de eu me reunir com eles e a partir de nossos diálogos, eu mesma construir um diário sobre os encontros/conversas, o que de imediato fora consentido por ele.

Quando fui questioná-los sobre a escrita dos diários, nesse caso, apenas Flora e Davi poderiam ter escrito, pois, como já mencionei, Matheus entrou hoje no “grupo”, tive bastante cuidado para que não parecesse uma cobrança, eles confessaram que não haviam escrito nada e procuraram dar justificativa, Flora inclusive mencionou a grande preocupação de Davi, por não estar escrevendo, mas, se comprometeram a escrever algo sim, caso ainda fosse necessário.

Outro fato interessante de se mencionar é o de Davi, Flora e Matheus morarem todos juntos na mesma casa, em Umarizal (RN), nessa casa moram ainda, a mãe e o padrasto de Flora. A mãe de Flora é professora da rede estadual de ensino e atua em escolas da referida cidade, lidando a maior parte do tempo com adolescentes e com um rotina de trabalho bastante movimentada, o que, segundo o trio Davi, Flora e Matheus, faz com que eles assumam as responsabilidades de casa, como arrumação, comida, cuidar de animais de estimação (vários cachorros) e uma criação de galinhas, pintos e patos, que são comercializados junto com ovos caipira. Essas atividades são realizadas por eles sem esforço, segundo eles mesmos comentaram, ambos se mostram totalmente compreensivos a respeito da jornada de trabalho da mãe de Flora, que é como uma mãe também para Davi – amigo de Flora (ambos se consideram irmãos) – e de Matheus – então namorado de Flora, como já mencionado. Pérola, a mãe de Flora, é muito parceira deles, os apoia incondicionalmente e os ensina muito com sua postura de amiga acima de tudo, pois conversa, abraça, aceita, incentiva, orienta e os acolhe de uma maneira pouco comum. Quem primeiro foi morar em Umarizal, saindo de Mossoró, foi Flora e sua mãe, lá, ela concluiu os estudos por meio de uma plataforma que tem formato de um “supletivo”, pelo que comentaram; Davi, após ser reprovado um ano – 2ª série do ensino médio – se sentiu atraído em recuperar o tempo nesse modelo de educação em que você vai até a escola apenas fazer as provas. Da mesma forma, Matheus também foi para Umarizal para concluir os estudos mais rapidamente, só que, a convite da mãe de Flora, que é com quem ele primeiro fez amizade e a tem como uma grande amiga.

Já na praia, mantive a linha de deixá-los à vontade, assim, os diálogos foram fluindo, falamos de muita coisa ao mesmo tempo, e a impressão que tive foi que assim como eu, eles também estavam bem tranquilos quanto àquele papo.

Matheus está no que ele define como transição, já se veste com roupas atribuídas ao sexo masculino, o corte de cabelo é curtinho, demonstra um comportamento também interpretado como masculino – o andar, a postura, alguns trejeitos -, toma hormônios (por conta própria), mas, faz exames periodicamente, confessou que fica esmorecido no dia em que toma o hormônio, mas que isso é característico (efeito colateral), odeia quando passa algum tempo sem tomar e a menstruação aparece, define a chegada da menstruação como um terror e não lida

bem com os próprios seios, os quais são disfarçados com faixas - amarradas por cima; ele disse que já quase não tem sensibilidade nos seios, de tanto que já os machucou propositalmente, seja batendo, amarrando com faixas etc, disse ainda sentir um certo incômodo quando a costura das faixas que usa, às vezes fica em cima dos bicos. Ainda sobre Matheus, ele está hoje com 19 anos e tem muita história para contar, relatou sobre uma surra que levou na rua, ao sair da escola Elizeu Viana, onde estudava na época, esse ato de violência ele atribui a um “corretivo”, pois foi bem no período em que cortou seu cabelo curtinho (estilo homem) e a partir daí daria início a sua transição – de menina para menino -, ele relata que andando pela rua, apenas sentiu um chute muito forte lhe atingir, levando-o ao chão e a partir disso, socos e pontapés seguidos, lhe atingiram por todo o corpo, mas, principalmente na barriga e nos seios, ao final da agressão, ele todo ensanguentado teve que caminhar até chegar em casa, sem que ninguém que o viu sangrando, no sol a pino, surrado, tenha sequer parado para lhe prestar socorro. Essa surra foi um dos fatores que o fizeram criar repulsa por Mossoró. Após a surra, Matheus desistiu de concluir aquele semestre letivo e no ano seguinte mudou de escola, indo então para o Abel Coelho, que ele, em consenso com Flora e Davi, chamaram de “vale homossexual”, por ter uma presença LGBT forte e atuante, disseram ainda que essa escola é dividida em dois polos: de um lado os LGBT's, do outro, os heterossexuais e os homossexuais enrustidos, que segundo eles, são mais preconceituosos do que os héteros quando são; foi no Abel que Matheus namorou uma menina, ela o aceitava na condição de menina lésbica, mas, quando ele revelou sua condição de transexual ela não aceitou, e ao término do relacionamento orquestrou uma enxurrada de *bullying* contra Matheus, com várias atitudes pautadas pelo preconceito junto com outros colegas. Matheus não aguentou a pressão e outra vez desistiu dos estudos, foi então que ele recebeu o apoio de sua amiga Pérola (mãe de Flora), ela o acolheu e o chamou para ir para Umarizal, cidade que tem valor muito significativo para ele, por aceitá-lo como ele é. Apesar de menor do que Mossoró, um município interiorano, que pelo que se escuta, vê e acontece por aí, seria bem mais difícil a sua aceitação, mas não, ele se vê muito bem aceito lá e respeitado por todos. Matheus relatou que inclusive, as pessoas de Umarizal o veem com Flora como um casal “normal”. (Nota: quando Matheus foi para Umarizal, ele já se vestia com roupas masculinas – já estava no processo de transição, com cabelo curto etc. Fiquei me questionando se isso não teria influenciado diretamente nessa

aceitação, já que as pessoas já o conheceram e atribuíram a ele, a imagem masculina.). No processo de sua aceitação como transexual, que foi difícil para si mesmo por ele mesmo ter dificuldade de se aceitar, Matheus relata ainda uma certa dificuldade em se relacionar com sua mãe e sua avó, ambas extremamente religiosas – mãe evangélica e avó católica.

Uma novela chamada “A força do querer”, que a emissora Rede Globo exibiu entre os meses de abril e outubro de 2017 trazia em seu enredo a história de uma jovem que se assume transexual e passa então a ser um rapaz, apresentando todas as fases da transição durante a novela e causando muitas discussões entre os telespectadores; esse apelo voltado para a temática LGBT na novela, atingindo o grande público, foi de certa forma, um aliado de Matheus, que chegou para a sua família e disse que o que estava acontecendo com a personagem da novela, era exatamente o que acontecia com ele. Matheus diz que a novela o ajudou nessa etapa de ‘revelação’ para a família. Outra coisa que ele (Matheus) valoriza bastante é o cuidado e atenção especial que Pérola - a mãe de Flora – tem com ele, o respeito e reconhecimento a ela por ter lhe dado a mão é algo muito presente em seu discurso, afinal de contas, ele foi morar em Umarizal, num novo lar, com uma nova família e um acolhimento que ele jamais esperara receber – pois nem em sua própria casa, com sua família biológica, foi tão bem compreendido e recebera prova tão valiosa de amor. Quando foi relatar sobre o início do namoro com Flora, Matheus comentou que iniciaram “as escondidas” e a sua maior preocupação era contar logo a Pérola, pois, permanecer as escondidas era como uma traição. E tão logo perceberam que o namoro duraria, decidiram por contar, mas, antes disso, Pérola percebeu e ela mesma descobriu o romance, impossível que isso não acontecesse, tamanha é a sintonia deles, e, como era de se esperar, ela deu o maior apoio aos dois.

Ainda sobre Matheus, ele me falou de algumas outras pessoas que conheceu, como por exemplo um senhor que lhe deu um emprego num restaurante, lugar em que exerceu várias atividades ao mesmo tempo, o que lhe causava grande exaustão, mas que, foi sim, tudo transformado em experiência. Atualmente Matheus cursa pedagogia numa faculdade que oferece ensino à distância (virtual), assim como Flora também.

Flora também comentou sobre sua vida, relatou algumas experiências afetivas, entrando em detalhes a respeito da última, antes de conhecer Matheus, com uma menina. Segundo Flora, a relação foi bem conturbada, com fortes indícios de uma relação abusiva, onde a menina meio que a manipulava, afastando-a até dos amigos, inclusive de Davi – seu melhor amigo. Flora passa uma impressão muito forte de liberdade, de ser livre em suas escolhas, em sua forma de ver e viver a vida, não parece ser o tipo de garota apegada a detalhes ou a conceitos e faz questão de fazer disso, uma marca bem pessoal. Depois de ouvir os relatos de Matheus, com a ajuda de Davi e da própria Flora, sobre a mãe dela, Pérola, dá pra compreender que a criação de Flora não contou com regras, com imposições, nem mesmo conceitos que pudessem podar qualquer desejo que fosse, qualquer vontade de explorar, de ir além, de conhecer.

Quando escureceu, pegamos a estrada de volta. Chegando em Mossoró, ficaram os três na casa de Davi. Conversamos muito, indo, voltando e quando estávamos lá na praia. O papo foi legal, super tranquilo e acho que todos estavam a vontade, inclusive eu, que optei por apenas conversarmos, sem fazer perguntas diretas, sem ligar gravador. Encarei como um primeiro contato para nos aproximarmos, nos conhecermos e irmos nos entrosando.

Foi um fim de tarde, uma experiência muito boa, luzes se acenderam no fim do túnel e eu pude enxergar uma nova fase da pesquisa se iniciando, é como se finalmente eu tivesse me encontrado para fazer a pesquisa fluir, andar, acontecer.

Deixamos o segundo encontro pré-agendado e eu já estou ansiosa.

Mossoró (RN), 23 de abril de 2018.

Fui hoje pela segunda vez encontrar o trio: Davi, Flora e Matheus; saímos de Mossoró para Tibau/Manibu, pouco depois das 14h; providenciei lanche (frutas, biscoito e água); sentamos na areia da praia, à beira-mar e conversamos por horas, sobre muita coisa e de várias formas, mas em especial de um jeito tranquilo, os papos fluem rápido... a atmosfera criada entre a gente está bem legal, existe uma certa intimidade na forma como eles falam; percebo que estão a vontade e se

sentem envolvidos com a temática, com o desejo de colaborar/contribuir, o que é muito ótimo. A natureza nos presenteou com sol quente assim que chegamos lá, depois veio tempo nublado, arco-íris e chuva. Tomamos banho de mar e a nossa convivência foi acontecendo de forma cada vez mais prazerosa! Não liguei o gravador nenhuma vez enquanto estávamos na praia, mas peguei meu caderno com algumas orientações e li para eles, para que eles possam refletir; fiz algumas perguntas “indiretas” e falei que ali seria uma reflexão para eles quem sabe, pudessem escrever algo a respeito. Na volta para casa, dentro do carro, liguei o gravador do celular e avisei para eles; dei a pauta, fiz perguntas e procurei fazer com que o papo evoluísse... e fluiu, eles falaram bem e bastante, principalmente Davi e Matheus, inclusive, no meio do papo, vieram declarações fortes, as quais eu não esperava ouvir, principalmente pelo fato de estarmos somente em nosso segundo encontro e se tratar de algo tão pessoal. Minha cabeça está fervendo.

Mossoró (RN), 26 de abril de 2018.

Fui Hoje acordei às 6h... às 6h03 Davi me enviou mensagem pedindo pra eu avisar quando tivesse saindo de casa para buscar Flora e Matheus, já que eles estavam mais perto de mim e eu ia buscar primeiro eles em casa e em seguida pegaria Davi... levantei, tomei banho e tomei café da manhã com certa ansiedade sobre o que estava por vir... às 7h estava saindo para buscar Matheus e Flora... de forma bem rápida conheci a mãe e a avó de Matheus... percebi que elas se referiram a Matheus o tempo todo como "ela"... pegamos Davi e saímos de Mossoró às 8h, em direção a Umarizal... gastamos algo em torno de 1h e 40 minutos... seguimos na estrada papeando sobre tudo... e apreciando a paisagem verdinha, consequência das chuvas... chegando em Umarizal, o trio me mostrou os pontos mais importantes da cidade e seguimos para a casa deles, que é um pouco afastada do centro, mas não é distante, por se tratar de uma cidade pequena... quando chegamos a casa deles, comprovei várias coisas que eles já haviam me falado, por exemplo: seis cachorros, criados soltos... várias galinhas, pintos, patos... A casa tem um ar de casa de sítio... Conheci o padrasto e a mãe de Flora... Ele super astral tranquilo, ela, que eu já conhecia superficialmente, tanto da UERN, quanto do que os meninos falavam, pude conversar um tanto com ela, por sinal uma conversa muito boa e leve... ela me presenteou com livro de sua autoria, que é a sua dissertação de mestrado... Pérola é uma pessoa extremamente acolhedora, de impressionar o astral dela, muito envolvida com os meninos, um amor maior do mundo, fala e age bem no estilo deles... Assim que eu cheguei lá, tive um pouco de dificuldade para me sentir à vontade, levando em conta a quantidade de cachorros criados soltos, dentro de casa, como sendo parte da família... Como esses cachorros estão acostumados a ficarem interagindo o tempo todo com os moradores da casa, eles têm tendência a se comportarem da mesma forma com quem chega e assim fizeram comigo sendo que eu tenho pavor de sentir um cachorro encostando em mim, carrego um certo trauma comigo há anos, acho que desde criança mesmo e nunca entendi o motivo de ter tanto medo de cachorro assim, mas, com o tempo, fui me acostumando e depois consegui ficar mais a vontade. Pouco tempo depois que chegamos, um amigo de Flora, Matheus e Davi, lá de Umarizal mesmo, chegou para vê-los, ele se chama Weizer e está na mesma sintonia do trio. Ele é uma figura que eu já havia escutado falar pelos meninos, por causa de sua desenvoltura sobre

conhecer bem todas as pessoas da cidade, ser comunicativo e dar conta de tudo que acontece por lá. Almoçamos uma comidinha delícia feita por Matheus e depois saímos para passear. O passeio incluiu uma caminhada por um descampado em frente à casa deles, seguindo em direção a um açude que estava com o nível de água bem elevado, por causa das chuvas que andam caindo na região. Ficamos um tempo à beira do açude e conversamos bastante, apenas amenidades, uma forma de aumentarmos nossos laços, nossa intimidade. Fiz algumas fotos deles, mas, não liguei o gravador, ficamos a vontade e nesses momentos eu sempre aproveito para sentir a atmosfera deles, absorver ao máximo as sensações de convivência com eles, o que é maravilhoso. Eu, que já não fico lembrando muito da minha idade cronológica, ao lado deles, não me vejo diferente em nada, é como se eu tivesse a idade deles, sinto-me com 18 anos, ou menos. Depois do açude, saímos de carro pela cidade, vimos outros açudes, passamos por uma rua que costuma ser movimentada à noite, onde tem colégio, lanchonetes, pizzaria e outros *points*. Depois de passar por essa rua, fomos até uma praça, conhecida popularmente como “praça dos ciganos”, perguntei o motivo de ser chamada assim, e eles explicaram que é porque antigamente, quando era muito comum ver ciganos andando de cidade em cidade, todos que chegavam em Umarizal se alojavam nessa praça, que é muito arborizada. Dessa praça, seguimos para o centro e paramos na praça da igreja matriz da cidade, ficamos lá sentados na calçada por um bom tempo, compramos dindin e eu então avisei que ligaria o gravador do celular, assim o fiz e passei a fazer alguns questionamentos, como por exemplo, se eles acreditam em Deus etc. Ainda não havíamos finalizado o bate-papo, apareceu um amigo deles e ali não voltamos mais ao assunto, nisso, desliguei o gravador e pedimos ao amigo deles que fizesse umas fotos nossas. Após a breve sessão de fotos retornamos à casa deles, pois eu teria que pegar a estrada de volta pra Mossoró. Chegamos lá, nos despedimos e eu vim embora sozinha, reflexiva, pensando no dia que passei com eles, na vida e em vários outros contextos que envolvem minha vida.

Mossoró (RN), 10 de maio de 2018.

A reflexão de hoje é para falar sobre uma conversa minha com meu colega de mestrado Francisco, conversei um pouco com ele, contando das minhas dificuldades em interpretar algumas leituras indicadas pelo meu orientador, professor Joaquim, que é o mesmo orientador dele... Falei para Francisco que há algumas coisas as quais não compreendi, em especial a multireferencialidade e a Bricolagem... Como Francisco vem fazendo essas leituras há muito tempo, ele possui um entendimento melhor a respeito, e então, abrimos o diálogo, falando sobre o meu tema de pesquisa para a dissertação. Ele fez algumas construções interessantes, as quais eu fiz questão de anotar, pois ele falou da sexualidade e do corpo, fazendo referência a multireferencialidade.

Mossoró (RN), 11 de maio de 2018.

Porque existem LGBTs que não se aceitam? Bom, assim como alguns heterossexuais também são inconformados com quem são... A insatisfação parece fazer / ser parte da condição humana. Ser humano é estar eternamente insatisfeito. Mas, a insatisfação em um hetero tem a ver / pode ser comparada a não aceitação do LGBT? Conversando com uma mulher lésbica outro dia, por exemplo, ela passou uma impressão muito forte de ser padrão (padronizada), pelos comentários que ela faz em algumas situações, às vezes dando uma conotação de brincadeira, então ontem eu disse a ela que ela era muito padrão, tentei falar isso de uma maneira sutil/amigável... Posso até estar julgando, e eu ser a pessoa que tem uma visão errônea, mas, estou analisando de acordo com a impressão que ela passa para mim, mas, eu também posso me questionar sobre o motivo que me fez analisar o comportamento dela, não é? Sim, posso, e foi através desse pensamento que senti o desejo de refletir. Vejamos, eu sou heterossexual e 'levanto a bandeira LGBT', questiono, me indigno, "tomo partido", questiono o motivo de as pessoas julgarem as outras pelo fato apenas de ela não seguir 'as normas' binárias homem x mulher, então, quando vejo uma pessoa LGBT direta ou indiretamente compactuando com as normas, alimentando tabus etc, eu fico triste, é como se eu visse ali um

enfraquecimento da luta. Mas, ao mesmo tempo em que me entristeço, procuro entender o motivo de a pessoa se comportar daquela forma, o que, dentro dela, faz com que ela se veja e veja o mundo daquele jeito, como essa pessoa foi criada, o que ela ouviu, como ela se construiu... tudo isso interfere diretamente em sua formação humana e, não que seja natural, mas, é compreensível determinadas posturas, infelizmente. E não, eu não estou aqui querendo dizer que eu sou a pessoa responsável por essa mudança de pensamento, mas, que, a luta pelo reconhecimento, pela aceitação e pelo respeito ao outro, independente de sua condição sexual deve ser perene. ~~Quem sabe com as mudanças de comportamento padrão das pessoas normativas, os LGBTs – especialmente os que têm dificuldade de aceitação de si mesmo – acabem relaxando e assumindo uma outra forma de enxergar o mundo, e em especial a si mesmo.~~

Mossoró (RN), 21 de maio de 2018

Hoje teve aula da disciplina optativa que pago, lecionada pelos professores Joaquim (meu orientador) e Mayra; eles havia solicitado que cada aluno apresentasse em sala de aula um trabalho – duas laudas, falando sobre o seu projeto de pesquisa; no caso das outras colegas que são alunas especiais, elas apresentaram o que pensam em concorrer quando forem concorrer a uma vaga no mestrado.

Fiz as duas laudas e apresentei, li meu texto, e a professora Mayra questionou a expressão “reduzir à condição LGBT”, então expliquei que a pessoa não pode ser exemplificada de acordo com quem ela se relaciona, falei que o sentido de reduzir era esse: você não definir os outros pela sua orientação sexual.

O professor Joaquim sugeriu que eu escreva um capítulo rico e embasado sobre tudo que falei hoje em sala de aula.

Mude o método

Falar da minha mudança de método – ao invés de cobrar dos sujeitos os diários deles, eu mesma escrever sobre a vivência – encontros meus com os sujeitos. Gravei e vivi os encontros.

Essas atividades servem para que eu já vá me acostumando com a dissertação. De acordo com o que eu for escrevendo, eu posso aperfeiçoar lá na frente e aproveitar na dissertação.

Mossoró (RN), 24 de maio de 2018.

Hoje de manhã estive no auditório da Faculdade de Serviço Social da UERN, participando da discussão “Violência contra LGBTs: uma história de luta e resistência” e mais uma vez pude comprovar a necessidade urgente de levarmos a diante a temática LGBT. Os dados apresentados na discussão de hoje, sobre assassinatos de LGBTs no Brasil, são assustadores, não são só os assassinatos em si, mas, muita maldade, muita maldade mesmo envolvida! Um sem fim de barbaridades cometidas contra a todos e todas que não se encaixam nos padrões binários, heteronormativos impostos pela sociedade em que vivemos. Os assassinatos dos LGBTs são visivelmente praticados por pessoas que querem demonstrar o tamanho de sua ira ao cometer o ato, quando é com tiros, são inúmeros, um sem fim, que é quase impossível contar; vem ainda degolamentos, deformação de rostos e corpos e outras atrocidades difíceis de crer que foram praticadas por seres humanos.

Sobre o Brasil ser o país que mais mata LGBTs no mundo. É um índice alarmante, vergonhoso e perturbador. É perigoso, muito perigoso ser LGBT num país que te mata por esse motivo, e, as pessoas que matam, agridem e destilam ódio contra os LGBTs, matam da forma que matam, agem da forma que agem para demonstrar isso: *é perigoso ser você, é perigoso não se encaixar nos padrões!* Isso é muito assustador e ao mesmo tempo, muito revoltante, não podemos nos calar diante de uma barbaridade dessas. Por qual motivo as pessoas têm que se encaixar dentro das normas que são *vomitadas* por aí?

Durante a discussão citada, foi colocado que, o Brasil ser o país que mais mata LGBT no mundo, é uma questão histórica, que está na nossa identidade e vem

de longe... existe uma política de interesses por trás disso tudo, sim, uma política sebosa e sem limites, de interesses escusos.

Foram abordados diversos itens nessa discussão que me chamaram a atenção, um deles foi sobre a questão de não ser LGBT e ainda assim levantar a bandeira. Falaram sobre não nos tolerar, mas, nos respeitar entre si.

Foi mostrado um vídeo com algumas chamadas, reportagens, fotos... de assassinatos de LGBTs, me arrepiei toda, com tanta dor, tanto ódio, tanta falta de humanidade.

Outro item apontado foi sobre a questão de as pessoas (o machismo), hostilizar tudo que é feminino, por exemplo, quando o pai tem nojo da voz afeminada do filho. Uma das professoras que estava mediando o debate falou sobre o termo “minoría”, que devemos abolir, pois os LGBTs são maioria que *querem minorizar*.

Para finalizar, anotei sobre o frágil hetero, que precisa comprovar sua hegemonia, e para isso precisa matar, acabar qualquer “coisa” que possa “interferir”.

“Lutar é tão mais importante que viver e respirar.” (poesia)

Agora a noite estive no III Seminário Estadual de Serviço Social e Direitos Sociais – o evento da manhã está dentro da programação -, no hotel VillaOeste, onde foram abordados itens bastante voltados às práticas do profissional do Serviço Social e em seguida, questões feministas especialmente. Foi uma vivência interessante, para ouvir coisas interessantes.

Mossoró (RN), 29 de maio de 2018.

Existe um clima de confiança me embalando, é algo dentro de mim vibrando positivamente sem me deixar desanimar e isso é bom, pois vivo com medo e esse medo está na minha cabeça, querendo me derrubar, me deixar mal, e o pior é que às vezes, muitas vezes eu me pego desanimada, angustiada, pra baixo, chegando ao ponto de adoecer.

Eu quero muito concluir esse mestrado de forma bacana, não quero terminar de qualquer jeito, quero concluir com um trabalho organizado, bem feito e que eu me orgulhe de ter construído, escrito, apresentado. Tenho plena e total consciência de que estou no caminho certo, de que tenho um rico material, tanto escrito, para ser

analisado, como também que foi experienciado – conhecimento empírico e etnográfico.

Mossoró, 05 de junho de 2018

1h42 de terça-feira, 5 de junho de 2018, estou agora aqui num dilema gigante diante da possibilidade de apresentar um artigo num evento que vai acontecer próxima semana na UERN, porém, por insegurança, medo, angústia e até um certo pavor de lembrar que o meu resumo não foi aceito no SIMPOSEDUC, eu fico achando que não sou capaz, e isso está me maltratando de uma forma doentia. O mais curioso de toda essa minha angústia e dor é que eu me sinto bem em dividir palavras de conforto com quem está mais ou menos na mesma situação que eu, como aconteceu agora há pouco, numa conversa com uma conhecida minha, que é mestranda de Ciências Sociais; nos falamos pelo *whatsapp*, e o meu objetivo maior na conversa foi tranquilizá-la dizendo que eu também estava passando por tudo que ela passa.

Mossoró, 11 de junho de 2018.

Estou bem feliz e emocionada com um convite que recebi agora à noite. Matheus falou comigo por mensagem via instagram, me avisou que está em Mossoró e me convidou para ser testemunha do processo em que ele dará entrada amanhã em cartório para alterar seu nome no registro de nascimento. Ele precisa de duas testemunhas e me convidou para ser uma delas. Ele disse que se eu aceitasse, seria uma grande honra para ele, mal sabe ele que a minha honra é muito maior. Fiquei tão emocionada quando li a mensagem, que meus olhos se encheram de lágrimas. A convivência com Matheus durante os encontros para a construção do diário me fizeram entender e ter noção do quão significativo será esse momento para ele amanhã. E é exatamente por fazer ideia de como ele deve estar feliz, que

eu também estou super feliz, ainda mais sendo testemunha ocular, de fato e de direito desse momento tão importante na trajetória dele.

Fiquei pensando sobre o convite, no quanto ele me honra e será marcante também em minha vida, um momento histórico no percurso do meu mestrado, da minha pesquisa, do meu envolvimento com a temática LGBT. Matheus talvez nem imagine como ele me fez feliz com esse convite, em como me senti orgulhosa de tal e em como é satisfatório poder estar ao lado dele. Matheus tem uma história bonita, ele é resiliente e ensina bastante com seu aprendizado, com suas dores, com tudo que viveu. Estou ansiosa pelo dia de amanhã. Por esse marcante dia.

Eu havia encomendado o livro *Viagem Solitária*, de João W. Nery para presentear Matheus, o livro chegou semana passada e eu ainda não havia entregado por falta de oportunidade, mas, a melhor oportunidade chegou e eu fiz a dedicatória com as emoções de hoje. Acho que tudo tem o tempo certo mesmo.

Mossoró, 12 de junho de 2018.

Hoje, conforme eu já previa, foi um dia de extremo significado. Iniciei indo com Matheus ao 4º Cartório para que ele concluísse a entrada do processo de mudança de nome e de gênero em sua certidão de nascimento. Sem dúvidas, um fato histórico, um dia feliz e muito emocionante... Pensar que o percurso da minha pesquisa foi o que fez com que eu conhecesse e me aproximasse de pessoas como Matheus, reforça todo o significado que essa pesquisa-temática tem pra mim, em especial por poder conhecer e conviver com pessoas tão interessantes, com seres humanos que representam o verdadeiro significado de humanidade, que entende, incorpora e vive a humanidade da forma mais profunda, se reconhecendo, se entendendo, se aceitando, não como lhe foi imposto ao nascer, não pelo que é visto ou aceito – em sociedade - como ‘natural’, mas, como se identifica.

Matheus, aos 19 anos, tem vivências, experiências, sentimentos, histórias, estrada, que fazem dele alguém especial, com uma visão de mundo totalmente diferente do cotidiano *normatizador* o qual estamos meio que “acostumados”, sua

caminhada não foi fácil até aqui e muito provavelmente não será daqui pra frente, pois, ainda enfrentará muito preconceito, muita gente lhe julgando, lhe virando o rosto, olhando torto ou cochichando quando vê-lo passar, porém, com essa mudança de nome e gênero na sua certidão de nascimento, ele deixa pra trás já uma enorme carga, não precisará mais passar pelo constrangimento de civilmente ter que atender pelo nome de batismo – o nome feminino que até então, documentalmente era o que comprovava a sua existência oficial nesse mundo tão apegado à determinadas normas. As cinco letras que talvez tenha causado inúmeros constrangimentos ficaram para trás, junto às lembranças que Matheus carregará sempre consigo.

Ainda no cartório, respondendo às perguntas do atendente sobre Matheus, contei-lhe da minha pesquisa, me apresentei como mestranda e disse-lhe que Matheus fazia parte do grupo de colaboradores (sujeitos) de minha pesquisa, perguntei se ele gostaria que eu levasse então uma declaração - documento feito na universidade, assinado pela coordenadora do mestrado e / ou meu orientador, e ele (o atendente), então me disse que seria interessante sim, pois reforçaria os documentos já existentes na pasta criada para o 'processo' de mudança. Vou solicitar junto à secretaria do mestrado tal declaração e voltarei lá para entregar.

Assinando o livro como testemunhada desse grande momento na vida de Matheus – e na minha! -, fiquei refletindo sobre tudo aquilo que estava se passando ali. É curioso e perturbador tentar se colocar no lugar de Matheus ou de qualquer outro transexual, pensar, mesmo que por alguns instantes, em estar no lugar dele: nascer com um corpo o qual você se olha no espelho e não se reconhece nele. Imagine o quão desesperador deve ser essa sensação, só de pensar nela por alguns instantes, já dá essa sensação de desespero, agora, imagine viver uma vida toda, acordando todos os dias e sentindo assim! Se você compra uma roupa que não gosta e mesmo assim experimenta sair na rua com ela, você já não se sente tão legal, o que pensar quando ao invés de uma peça de roupa, o que você não se identifica é o seu próprio corpo?! Que bom seria que as pessoas fizessem essa reflexão antes de sair julgando e falando um monte de bobagens a respeito dos transexuais. Aliás, que bom seria que as pessoas refletissem sobre o que falam, tentassem se colocar no lugar do outro em qualquer circunstância, para então tentar sentir a dor do outro, a convivência no mundo seria bem mais fácil.

Na parte da tarde fui apresentar o artigo “A condição humana sob a ótica de um adolescente transexual”, no I Colóquio em Êxito Escolar, Empoderamento e Ascensão Social, falando exatamente sobre as narrativas de Matheus. Fiquei muito feliz com aceitação do meu trabalho nesse evento. Foi de suma importância e relevância essa aceitação, eu estou ainda sem saber como descrever tamanha alegria, já que eu vinha com muito medo de não ser aceita, fiquei em dúvida se escrevia ou não o artigo, pois estava ainda receosa com a não-aceitação do meu artigo no SIMPOSEDUC, realizado ano passado, o que me causou uma insegurança enorme. Porém, sendo aceita no Colóquio, eu criei um novo ânimo e ao contrário do que aconteceu no SIMPOSEDUC, eu estou muitíssimo feliz e realizada com esse fato. Fui para a sala onde estava acontecendo o GT6: Narrativas Educativas, escrita de si, resistência e empoderamento, quando cheguei já havia começado as apresentações dos demais artigos e a partir dali, passei a acompanhar as demais apresentações, aguardando a minha vez chegar. Foi interessante acompanhar as apresentações e discussões, pois assim, vamos absorvendo conhecimento, ouvindo outras opiniões sobre determinados assuntos, nesse caso, que tínhamos todos algo em comum, já que estávamos no mesmo GT e com isso, fomos ouvindo e debatendo, outros pontos sendo apresentados e o fluxo seguindo. Chegou a minha vez e durante 10 minutos explanei sobre o meu artigo, que, conforme já citado, faz parte da experiência da minha pesquisa de campo para a composição da minha dissertação de mestrado, especificamente para o Colóquio, separei algumas falas de Matheus, onde ele apresenta o ponto de vista sobre a condição humana, sobre o que é ser humano.

Durante a minha apresentação, ao citar a minha ida ao cartório, eu me emocionei, exatamente por ter passado o dia bastante reflexiva sobre o momento de Matheus, e sobre a minha aceitação para apresentar o artigo, além de todas as outras emoções que venho enfrentando esses dias, com a proximidade dos prazos, das datas, do aperto no coração ao me imaginar apresentando a dissertação, recebendo finalmente o tão sonhado título de mestre e por aí vai.

Após a apresentação tive um retorno positivo da professora coordenadora do GT, que fez um comentário rápido a respeito e elogiou, o que tornou o momento ainda mais gratificante. Ao término de todas as apresentações, a professora Arilene, que também estava na sala, junto com a professora coordenadora, falou comigo e

também fez um rápido elogio ao meu desempenho, me deixando ainda mais feliz. Foi um dia bastante significativo, com presentes inesperados, nem sei se inesperados é a melhor forma de adjetivar, mas, com certeza, grandes presentes e, o melhor Dia dos Namorados que já tive na vida.

Muito feliz!

Mossoró, 01 de julho de 2018.

São 3h06, do dia 1º de julho de 2018, estou na ansiedade para montar minha dissertação e enviar ao meu orientador até o dia 10 de julho próximo, tendo a partir daí que esperar mais 10 dias, até que ele me devolva, para então eu lhe enviar com as alterações necessárias e marcarmos em definitivo a data da defesa.

Tem um bom material e esse material pode resultar em uma linda dissertação, que ao que tudo indica - ou melhor, se eu me dedicar bem, terei um lindo e excelente trabalho, como eu sempre sonhei e desejo. Mas, se não houvesse medo, receio, insegurança, não seria eu... e é assim que eu estou, com muito medo de não conseguir fazer as coisas andarem, mas, vou fazer de tudo para que aconteça. Sento de frente ao computador e não foco, eu preciso de foco!

Na verdade, eu sei que ao final dará tudo certo. Sim, tudo que me propus a fazer na vida, sempre foi assim, com bastante sofrimento, parece que o drama meio que faz parte do meu cotidiano, para funcionar, fluir, tenho que sofrer um pouco, acho que inspira. Ou será que me acostumei com o sofrimento? Não, não foi isso, minhas vitórias sempre foram saborosas, felizes de sentir, e eu sempre lutei, lutei muito por cada uma, por esse título de mestre, não será diferente. Será uma dissertação da qual sentirei ainda mais orgulho quando ela for publicada, porque orgulho mesmo, eu já sinto, e não é pouco.

O mestrado é um sonho realizado, uma vitória, uma conquista e tanto, é um passo importante que estou dando, seguindo os ensinamentos que sempre ouvi da minha mãe, que tanto se sacrificou para que eu tivesse uma boa base educacional, e eu sei que é uma realização dela também, uma conquista dela, um sonho também

dela, que vê que seu esforço tem valido a pena. Sim, é a minha mãe que tem aguentado até hoje, todos os meus dramas, choros, desgostos, angústias, enjoos, abusos, reclamações e é a ela que devo muito, ou seria tudo?, que sou hoje.

Mossoró, 01 de julho de 2018 – 18h56 – *escrevendo pela segunda vez hoje*

Confesso que estou um tanto irritada e com preguiça das pessoas, das regras, do cotidiano comum, tão cheio de conceitos e hipocrisia. As pessoas, elas ditam regras a todo momento e não se contentam em seguir, querem que todas as outras pessoas sigam também, sigam as regras que elas acreditam e acham que convém, porque ser igual, ser mais um, fazer parte do rebanho, é tarefa fácil, é cômodo, é lugar quente; quebrar as regras, ser diferente, ir de encontro à multidão, ser contra os conceitos e viver de acordo com o seu pensamento e com o que considera justo e em sintonia com seu modo de viver a vida, isso sim, é um modo de vida, isso sim é viver; viver sem se apegar ao que os outros lhe impõe, viver sendo você, viver fugindo das regras, viver sem rótulos... regras, rótulos, conceitos, nada disso me pertence, nada disso me apetece, nada disso jamais fará parte do meu cotidiano, o que eu quero vai além, o que eu quero me desafia, o que eu quero me emociona, me transborda. Eu morro de medo do lugar comum, do *normismo*, do ser igual, de pensar igual, de ser mais uma, de ser o outro, de atender aos padrões; eu quero o mar, o céu e tudo que for infinito; eu quero possibilidades, novidades, pessoas novas, pensamentos diferentes e instigadores; eu quero viagens, quero viajar até mesmo sem sair do lugar, curtir os devaneios e enlouquecer, se esse for o melhor adjetivo para descrever as sensações mais agradáveis que sinto! Descrever?? Descrever define, não é mesmo!? Então... que eu enlouqueça sem ninguém me definir, e principalmente, sem que eu me defina.

Chega de atender aos outros, de ser quem os outros desejam que eu seja, acho que já fui muito assim, acho que cansei de me encaixar, como uma espécie de favor que eu estava fazendo aos outros, nunca a mim mesma.

Sim... falar sempre o que as outras pessoas querem ouvir e da maneira mais bonita... isso é um defeito? Não. Mas, só devemos fazê-lo quando estivermos com vontade e com quem desperta esse desejo em nós, do contrário, mera política, mero

preenchimento de requisitos para ser uma boa profissional; sim, eu posso elogiar, fazer sorrir, falar o que desejam ouvir, só não quero que isso torne-se via de regra em minha vida, não mais.

Sobre aparência: se eu quiser carregar numa *make* e num *cabelón*, que assim eu possa realizar, finalizando com um super salto etc e tal, mas, caso eu queira, posso me jogar com o pé na areia e aquele solzão, cabelo largado, solto ao vento e a cara - e a alma - lavada(s), porque eu amo a liberdade, eu amo ser quem eu quiser, eu amo ser eu, coberta de defeitos, quebrando as regras, sendo do contra, não me encaixando, não sendo o que esperam de mim. Eu adoro ser diferente. Eu adoro pensar diferente. Eu não quero e nem sou melhor que ninguém, apenas não quero ser igual. Não quero ser a regra, nem o exemplo. Só quero ser a que erra, a que volta atrás, a que não tem compromisso em fazer tudo certo. A que aguarda a aprovação alheia? Não, eu não quero isso pra mim. Quero mais. Quero ir além. Não quero limites.

Mossoró, 06 de julho de 2018.

Ontem encontrei Davi, Flora e Matheus, eles estão em Mossoró e saímos juntos à tarde. Estar com eles é sempre muito bom e enriquecedor, e é como se minha dissertação estivesse ali diante de mim. Tudo que eles falam, tenho vontade de escrever, de anotar. A vivência com eles é muito boa, muito leve e tranquila, parece uma lição que eles dão, um ensinamento para sermos nós mesmos sempre, tranquilos, de boas e coniventes com nós mesmos, sem cobranças, sem amarras, sem rótulos. Quando estou com eles, é como se eu tivesse a idade deles, ou algo semelhante, me identifico demais e isso é uma maravilha, é uma sensação ótima de sentir.

Do percurso acadêmico como mestranda, tenho tirado muitas lições, e como consequência, um enorme aprendizado, além dos bancos da universidade, fora deles, com a pesquisa, a vivência, os altos e baixos. Foi e está sendo um período de muita evolução, não apenas intelectual, mas, de visão de mundo, de conceitos, de vida. Nesse sentido, estou bem satisfeita, pois vou saindo do mestrado com um

novo olhar, ainda mais apurado para o combate ao preconceito, com um olhar apurado para ver e se possível orientar, sobre a condição humana de cada um. Vou saindo mais crítica comigo mesma, com um espírito mais sensível e disposta a evoluir cada vez mais, a absorver mais conhecimento, a ver o outro com cada vez mais respeito, e me interessar pelo que ele é e cada vez mais poder contribuir com o amadurecimento de jovens e pessoas LGBTQs ou de outro “grupo” incluído nas minorias.

Que bom que consigo fazer essa avaliação. O primeiro prazo estipulado para que eu mande a dissertação, é a próxima terça-feira, dia 10 de julho. De início, parecia que iria demorar a chegar, mas, já está chegando e eu estou travada, trabalhando muito abaixo das expectativas que criei, mas, como me conheço e sei que produzo muito sob pressão, com o tempo quase estourando, acredito que consigo vencer e enviar dentro do prazo. Que assim seja.

Confesso que gostaria de ter evoluído nesse quesito, e estar mais tranquila, com uma produção mais equilibrada e sem esse estresse de cobrança comigo mesma, porém, ainda não atingi esse objetivo, mas, vamos em frente que tem muitas folhas a serem preenchidas.

Mossoró, 24 de julho de 2018.

Hoje tive a orientação mais demorada de todo o período em que estou no mestrado; encontrei o professor Joaquim na UERN, para discutirmos sobre a primeira versão da minha dissertação, enviada para ele na semana passada. Analisamos as observações que ele havia feito e os ajustes deverão tornar o trabalho mais organizado e pertinente, o que já era esperado e é natural, levando em consideração o que escrevi até aqui. Falamos detalhadamente da construção do texto, dos itens abordados, do que foi transcrito da fala dos sujeitos da pesquisa etc, tudo de forma minuciosa. Ao final da orientação, o professor Joaquim disse que queria saber como eu estava me sentindo com a realização do trabalho e então eu disse a ele que não gostaria de falar pois estava me sentindo emotiva e ele disse que seria interessante que eu falasse e podia chorar também. Emotiva como estou,

falei e chorei. contei do meu sentimento de realização de um sonho, de como eu sempre quis estar onde estou, de me ver caminhando para a obtenção do título de mestre e de ter consciência de que este é um degrau importante para as próximas etapas, a primeira delas, o doutorado.

Professor Joaquim não é muito afeito a ficar elogiando orientandos, pelo menos comigo, ele não ficava jogando confetes, mas hoje, ele me falou coisas que sem dúvidas afagaram minha alma, como elogiar minha escrita, a forma como desenvolvi a pesquisa, como busquei dar conta de tudo após recomeçar há um ano e enfrentar toda uma mudança de orientação, de metodologia, de planos, de tudo. Foi gratificante ouvir dele que evolui mais que o imaginado durante esses 365 dias e que posso sim pensar em caminhar em direção ao doutorado.

Chorei, mas, chorei de emoção e felicidade. Isso é recompensador.

Quando lembro de alguns meses atrás, eu sem saber como iria acontecer a pesquisa, como iria montar o trabalho, como iria conseguir os adolescentes para contribuir, me sentia totalmente desorientada, como se estivesse a espera de um milagre que iria me orientar e fazer acontecer. Os próprios diários antigos mostram como estive angustiada e insatisfeita com o percurso até ali. Quando eu relia meus escritos, parecia que era alguém depressivo que havia narrado os acontecimentos.

Em suma, hoje estou feliz. Vou fazer as alterações sugeridas por Joaquim na dissertação e escrever a análise sobre condição humana que ele solicitou, para que então eu (autora), esteja mais presente no texto.

Mossoró, 30 de julho de 2018.

Diante dos comentários que sempre ouvi sobre as idas e vindas de uma dissertação, até que a minha está super tranquila, sem esse movimento todo. As alterações sugeridas pelo professor Joaquim são leves, e, não sei se porque já esperava que fosse muito mais, não me afeta tanto e apesar de me estressar e cansar um pouco, também me fazem refletir e evoluir.

Hoje terei uma nova orientação com ele, depois de trocarmos alguns e-mails e ele já ter visto meu texto-interpretação sobre a Condição Humana.

É relevante constatar que, por mais que as alterações sejam “leves”, elas dão muito trabalho e eu tenho me exaurido bastante.

Mossoró, 31 de julho de 2018.

Ontem encontrei o professor Joaquim e durante a orientação ele analisou junto comigo as alterações que sugeri a serem feitas no texto-interpretação sobre a Condição Humana, além disso, me sugeriu ler alguns trechos do livro sobre Multirreferencialidade e encaixar onde achasse interessante na dissertação. Confesso que fiquei um tanto assustada ele ainda sugerir leitura a essa altura do tempo, já que, estamos um tanto apressados, pensando na possibilidade de o professor Roberto Sidnei Macedo aceitar fazer parte da banca, no dia da minha defesa.

Foi o próprio professor Joaquim que sugeriu o nome do professor Roberto, e isso me empolgou bastante, a presença dele engrandeceria muito o meu trabalho. O professor Roberto está nas referências bibliográficas da minha dissertação e lendo seus livros me tornei uma grande fã de seus ensinamentos sobre pesquisa. Estou ansiosa, torcendo que ele aceite o convite do professor Joaquim, que por sinal, novamente elogiou a forma como venho desenvolvendo a escrita da dissertação e isso me deixa muito feliz, faz valer ainda mais todo o esforço feito até aqui.

ANEXO 2 – PARTICIPAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA NO MOMENTO DA DEFESA

A defesa desta dissertação foi realizada no dia 27 de agosto de 2018, na sala de multimídia 2, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, às 17h.

Após a apresentação e debate entre os participantes da banca, foi concedida a palavra aos presentes e os jovens adolescentes sujeitos da pesquisa se manifestaram conforme abaixo.

Matheus: *Quero apenas agradecer e dizer que foi uma honra pra mim do começo ao fim, na hora que surgiu a proposta, como eu falei pro senhor mesmo, não tem muitas pessoas que queiram escutar a gente, principalmente que queiram escutar, que queiram reproduzir e respeitar o que a gente tem a dizer. A nossa singularidade, a nossa dor, a nossa luta, os rótulos que encaixam na gente e a gente tem que se virar com esses rótulos, a gente tem que saber o que fazer com eles. Mas tipo, tudo isso valeu muito a pena, principalmente, pra mim, foi mais uma honra em poder transmitir, levar a minha história para outras pessoas, para que outras pessoas como eu, não sofram o que eu sofri, o que eu sofro diariamente, e que a gente possa um dia, quem sabe, viver numa sociedade sem tantos rótulos, sem tanta coisa ruim e pensamentos malignos que ficam na cabeça do ser humano pairando por aí.*

Flora: *Eu tô muito emocionada, muito honrada em estar aqui hoje, muito emocionada mesmo. Queria agradecer de todo coração por ter sido convidada, por estar aqui, por ter essa voz, por a gente poder lutar, por poder ser quem a gente é. A gente só quer ser tratado como gente, porque as pessoas pensam que, quando começam a nos rotular, fazer os preconceitos, quando nos veem já falam: “aquilo dali é uma sapatão, aquilo dali é um viado”. Eu mesma não me encaixo em nada, eu me encaixo hoje como uma pessoa completamente feliz, orgulhosa de ser quem eu sou. Antes mesmo, eu rotulava muito, porque dentro da comunidade tem muito preconceito, e eu rotulava muito. Antes eu ficava: Ah, você é o que? Hoje em dia eu não faço mais isso, porque pra mim você é uma pessoa, você é um humano, você ama quem você quiser, você é quem você quiser ser e você não tem nada a ver com isso, cada um no seu quadrado, é muito pessoal. Acho totalmente pessoal você chegar para uma pessoa e perguntar: “Nossa, você é o que?!” “Como assim eu sou o que? Eu sou eu”. Eu não preciso dizer pra você que sou isso ou aquilo, porque tô*

vivendo a minha vida, independente disso. É muito bom tá aqui hoje, podendo falar isso, podendo compartilhar com vocês. Tô muito emocionada.

Davi: *Pra mim foi um grande privilégio poder compartilhar tudo e toda experiência, e saber que não estou sozinho diante disso. É saber que existem pessoas que se identificam, que existem pessoas que estão aí para compartilhar aquela dor, aquela voz, aquele sentimento, seja ruim ou bom, porque a vida é isso, cheia de coisas ruins e boas. Pra mim foi maravilhoso, compartilhar toda experiência, a gente compartilhou de momentos maravilhosos e tal, revivemos coisas ruins, mas ao mesmo tempo que é ruim, ensina, dá um grande ensinamento, uma grande lição, que é uma coisa que marca pra toda vida.*